

continuação da página anterior

editoriais do GRUPO SEMANÁRIO, a nova revista vai ser leitória obrigatória para quem queira acompanhar a dinâmica da arte moderna, recapitular os ensinamentos da arte antiga ou simplesmente aconselhar-se sobre oportunidades de investir em arte.

Dentro de dias, 'ARTES & LEILÕES' vai enviar um desdobrável com informações detalhadas da revista, oferecendo-lhe a possibilidade de ser um dos seus primeiros assinantes.

ANEDOTAS

CADILHE E ZÉQUINHA

O MINISTRO DAS FINANÇAS E O MENINO Zéquina, o daquelas anedotas que não têm piada nenhuma, andam em compila para ver qual deles provoca, pela personagem que representam, o sorriso mais amarelo.

O B O D E

QUEM ESCOLHEMOS PARA PRIMEIRO "BODE EXPIATÓRIO"? O MARCELO, NÃO podia deixar de ser.

A célula pessoal, em boa hora distribuída pelos municípios, já nos divertiu bastante, como retrato do pequeno génio, brilhante e cosmopolita, cujas virtudes maiores como candidato à Câmara de Lisboa parece serem a de "ter residido", intemporalmente, ... em Cascais, e a de ter concorrido (como arquiteto)? Como empreiteiro? Como aspirante ao "cortar da fita"?... do Centro Cultural de Belém!

Hoje, parece-nos que a operação foi demasiado apressada, precipitada mesmo. Quantas gloriosas páginas poderiam agora ser acrescentadas, com actividades que, essas sim entranhadamente lisboetas, nenhum candidato sério se pode dispensar de incluir no seu currículo: mergulhar no Tejo, observar a cidade de helicóptero, correr dois minutos no Monsanto, beijar peixeiras e cabo-verdeanas, dar-se a ver em sucessivos bares até altas horas, percorrer a pé o famoso "corredor verde" do Arq. Ribeiro Teles, ver televisão num bairro de lata, etc. etc. E falta ainda a perninha com o chauffeur de táxi, um número de circo, a escalada do elevador de Santa Justa, o lançamento em asa Delta do Castelo de S. Jorge (esta parece que o candidato não aceita, por considerar um acto "politicamente gratuito", ou fisicamente arriscado?), o turno do enfermeiro no Banco de S. José, o de sinaleiro, o de guarda-nocturno, o de contínuo de repartição, de vendedor ambulante, o de empregada doméstica (delicioso *travesti* em perspectiva), o de ponta-de-lança de um clube popular, o de contra-regra numa sociedade recreativa, etc. etc.

A verdadeira cédula do candidato só vai, por isso, poder ser elaborada com rigor nas vésperas da eleição. E mesmo assim, há coisas que não se vê e como poderão ficar esclarecidas. É que se por um lado o candidato respeita tudo o que fez e projectou o Abecassis (a isso se comprometeram PSD e CDS) e, por outro, não respeita nada disso e é adepto de espaços verdes, corredores verdes, hortas sociais(!), nada de Hiltons, nada de Monumentais, tudo muito "alfacinha" (a isso se comprometeram PSD e PPM) - o munícipe-eleitor, pouco treinado nestas subtilidades, vai sentir-se um pouco confuso. Pode acontecer que acabe votando como aqueles membros do júri da Cornélia face a voluntariosos mas desajeitados concorrentes: levam um ponto, porque te deves ter divertido imenso a preparar a prova... Vereador, e já é um pau. Mas um vereador divertidíssimo, mexidíssimo, como nunca houve! Um vereador que sairá todos os dias à pressa dos Paços do Concelho para ir regar a sua pequena horta... social (em Cascais, é claro).

Fica por perceber, mas isso é outra história, o empenho do PPM no apoio a este candidato (abe)casiano. Suspeita-se de que se estejam a inspirar na experiência francesa, vai para mais de um século, de um Príncipe-Presidente (da República), que em poucos anos se tornaria Imperador. Este "Príncipe-Presidente (da Câmara)", não o iremos ter (pensam eles) como Primeiro-Ministro... aqui por uns anos? Serão então, de novo, as vacas gordas do tempo da AD: ministros, secretários de Estado, altos cargos, eu sei lá. O PPM fechará as portas, por falta de gente para guardar a sede. Estará todo este sonho nalgum "acordo secreto"? O fantasma do pacto germano-soviético, de que tanto se tem falado, parece ter desencadeado por cá a vertigem dos "protocolos secretos".

A História às vezes repete-se, em farsa, já alguém disse. E com este candidato, é o que há de mais natural.

Com a profundidade e o rigor que se lhe conhece no manuseamento dos instrumentos de política económica, o doutor Cadilhe anunciou ao país um "presente" antecipado (não de Natal, mas de... eleições autárquicas): o ajustamento dos escalões do IRS em 20%. Segundo disse, tal ficou a dever-se ao facto de "a Reforma Fiscal, no seu primeiro ano de vigência, estar a dar provas de bom funcionamento".

Sobre o que é esse "bom funcionamento" nada disse mas a gente imagina: as receitas fiscais esperadas vão ultrapassar significativamente as receitas previstas no início do ano, o que comprova que os portugueses vão pagar mais impostos que no ano anterior. Porque há mais gente a pagar ou porque cada um paga mais, ou por ambas as razões (opinião que perfilhamos). É coisa que em breve se saberá melhor.

Quanto ao anúncio dos 20%, o mínimo que se pode fazer é juntar a nossa voz à de D. Aldonsa: "falta o valor da inflação e o da correção monetária".

Suspeito que o doutor Cadilhe não vê o Sassaricando com a suficiente atenção. Mas estas coisas das telenovelas também dão (raramente, é verdade) para a gente se interrogar: e se nós

fizéssemos como a D. Aldonsa com os nossos impostos?!

É que se estamos todos bem lembrados, no primeiro ano de governo deste segundo mandato do doutor Cadilhe (1987), os escalões do Imposto Complementar não sofreram qualquer ajustamento, o que significa que, como diria o Aparício, "ele (ministro) teria que nos pagar uma boa fatia com a inflação e a correção monetária junta", se fossemos agora exigir a devida compensação.

E ainda resta saber para quanto é que vai a inflação anual este ano...

h. s.

TAUROMAQUIA

MEDIDA NOVA

DANTES, O CAMPO PEQUENO ERA simples Praça de Touros. Enchia a cada tourada. Os acidentes, de rotina, eram noticiados nos jornais. Os Touros eram, como continuam a ser, abatidos depois de terem sido actores. E pronto.

O Campo Pequeno não tinha dimensão "histórico-política". Nem a corrida à antiga portuguesa em honra de Selassie conseguiu torná-la no que hoje é. Foi o 28 de Setembro e foi sobretudo a célebre declaração do Otelo Saraiva de Carvalho que a fizeram nascer como terreno de batalha, real ou imaginário. Águas passadas, quase.

Hoje, continua a ser um lugar de toureio. Mas, dominadas que foram as "guerras civis" deste reino, tornou-se sobretudo uma medida, como é o quilómetro, o alqueire ou o hectare. Uma medida ou política ou cultural.

Encher ou não encher o Campo Pequeno, eis a questão.

Arredado o Terreiro do Paço e ultrapassado o Pavilhão dos Desportos ou o Coliseu, a medida grande é, para grupos musicais e partidos, a Praça de Touros do Campo Pequeno.

Assim, enquanto esperamos pacientemente pelos programas para e por Lisboa, a candidatura Sampaio desafia Marcelo Rebelo de Sousa: "quem será capaz de encher pela primeira vez a praça de Touros do Campo Pequeno, sem necessitar de recorrer a bandas de música ou a outras diversões?" - Toureiro sem capa.

E pela segunda?

Note-se: o PSD não encheu a Praça de Touros, nem com diversões, Cavaco zangou-se, de dede no ar, com os que lá não estavam e o PSD ganhou as eleições; o Sindicato dos Professores encheu a Praça, sem diversões, durante a última greve e não ganhou as negociações.

Limites das medidas, no tempo em que a política não enche as medidas... De ninguém.

e. d.

"DN" FINO HUMOR

TÃO BISONHOS SÃO SEMPRE OS Nossos jornais que, dia após dia, nos limi-

tamos a dar uma vista de olhos, ler os títulos principais, e já está. Pois, a avaliar pelo que me aconteceu há dias, fazemos mal.

Agradeço às pachorrentas horas de uma viagem de comboio o terem-me levado à leitura atenta, a pente fino, do "DN" de 14 de Setembro. Mal sonhava eu as delícias que essa pequena aventura me iria proporcionar.

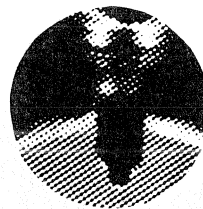
Numa das centrais, a propósito de uns jovens portugueses que vão andar pelas "rotas de colombo", o jornalista informa que os rapazes "chegam de avião à capital espanhola, onde vão embarcar num transatlântico que os levará ao Orinoco". Deve ter sido a *movida* madrilena que levou a cidade até à beira-mar, ou que trouxe um inesperado caudal ao raquitico Manzanares...

Mas não lhe ficou atrás outro jornalista que, páginas adiante, relata as filmagens, na zona do Castelo, da "reconstituição do desfile em que Mouzinho da Silveira exibiu perante os aplausos lisboetas o recém-capturado Gungunhana". Aqui a culpa é, obviamente, de termos uma História com Mouzinhos a mais...

Enfim, na página derradeira, ficamos a saber que o Belmiro de Azevedo esteve em Madrid (até lá no seu iate?), onde se encontrou com um empresário espanhol, "com que esteve reunido quase todo o dia, desde a manhã até altas horas da tarde". Que vida desregrada a destes homens de negócios que, com tais horários, acabam por ter de dormir... de noite!

Digam lá se não somos nós que não sabemos aproveitar, a bem da nossa disposição, as verdadeiras pérolas que se escondem numa imprensa que julgávamos sisuda...

j. m. p.



FUTEBOL

ZERO - ZERO

QUASE NENHUM ERA SPORTINGUISTA, mas naquele dia, quem o não era, se Maradona jogava do outro lado e a equipa adversária era estrangeira? - este o sentir quase unânime dos políticos entrevistados pela TSF no fim do Sporting-Nápoles (0-0) a que assistiram, sentados, como qualquer mortal, nas bancadas (preços variáveis até 10 mil escudos).

A excepção de mais peso: Ângelo Correia que, inquirido sobre "como viu o jogo" explicitou, com o humor a que já nos habituou, que "sentado" e se confessou sportinguiستا "ferrenho e doente".

Mas o apontamento que terá proporcionado mais confiança e alegria aos lisboetas (e portugueses em geral) terá sido a informação, em directo, de que

PASSA PALAVRA

AO OUTRO LEITOR DO "COMBATE":

Há pessoas que não amam. Odeiam. Há pessoas que não gostam, suportam. Há pessoas que não gozam, aceitam. Há outras que amam e gostam e gozam. Por isso também sofrem, vivem e não esquecem. O que um tal ED não sabe fazer. Relatemos então.

Vivi o 4 de Fevereiro de 1961 a caminho de Angola pela rádio (num cargueiro) aos 10 anos. Vi a baixa de Kassange depois do bombardeamento de napalm (1 mês depois). Combati contra a guerra colonial e não fui militar de esquerda por isso. Apoiei a UPLA activa e directamente entre 70 e 73 numa organização anti-colonial que possibilitou a deserção de militantes da UPLA face à sua possível (obrigatória) entrada para a tropa e fui (em Luanda e em Lisboa) amigo de dirigentes da UNITA como o Joka Jamba (por falar nisto, é hoje pai, outra vez, de uma menina que espero conhecer na Jamba, onde vou estar uma semana).

Tirando outras histórias, critiquei em 74/5 os meus amigos "Henda" por apoiarem o Nito Alves que mantinha um discurso racista e pseudo radical. Apoiei a libertação do meu amigo Jota Carmelino e de um dos meus mestres de miúdo o Gentil Viana, presos pelo MPLA, depois de nele terem sido dirigentes e quadros reputados.

Enquanto dirigente sindical dos professores de Lisboa apoiei contactos com a futura embaixada de Luanda para a dinamização da cooperação de professores em 77/9. Na UEDS dinamizei uma acção de formação para o comandante Xavier, guerrilheiro do MPLA, em 1979. Nesse ano mandei recados ao meu amigo de miúdo António Carlos Silva quadro polícia política DISA para que ele e os seus amigos radicais aceitassem as negociações com a UNITA que o dr. Agostinho Neto queria dinamizar. Um outro amigo meu do MPLA apontou-me em 81 uma faca por eu lhe ter dito que o MPLA devia negociar a paz com a UNITA (passada a cena continuamos a beber cerveja, já que eu não bebo só champagne).

Sintetizando em 87 fui à Jamba e conheci o dr. Savimbi, a UNITA (no que se pode conhecer em 7 dias bem aproveitados e conversados) e fundei, com outros, a ASDEPA - Associação de Solidariedade Democrática Portugal/Angola. (...)

Que sabe ED da "imensidade de quilómetros de terra seca", em quantas cubatas, sanzalas viveu quantas histórias ouviu dos mais velhos, quantas noites sonhou com a liberdade, a paz, a vida, o amor, a igualdade, o fim do racismo, naquela terra que é África? Quantas vezes sofreu com as anedotas, os porta-chaves de orelhas de guerrilheiro que eu vi nas mãos de um hoje comandante (das FAPLA)? Que sabe e a Esquerda e o Director e o Durão Barroso (que apoiará no fundo estou a ver) daquela minha terra?

Não me lixem... e deixem a paz nascer com alegria, apesar de vocês, contra vocês, contra os vossos mitos mal digeridos. Porque o Combate sabe que sempre que quiser discutir política a sério estou ao dispor. O resto é a forma ridícula de meter um linguado de papel por falta de imaginação. Poupem-me essa.

Joffre Justino

NR - É com muito gosto que publicamos esta carta de Joffre Justino, respondendo a uma nota das "amarelas" do Combate. Lamentamos não a publicar na íntegra: o manuscrito era dificilmente compreensível, bem nos fartamos de pedir que os originais venham dactilografados. Mas este curriculum não se podia perder: como diz o autor, "Sintetizando em 87 fui à Jamba e conheci o dr. Savimbi".

Marcelo Rebelo de Sousa (morador em Cascais, adepto do Sporting de Braga e recém-visitante do Belenenses) e Jorge Sampaio (que na véspera jantara com os directores leoninos, ainda sem novidades a dar sobre a sua política em relação aos clubes) assistiram, lado a lado, ao desafio, como bons amigos que Marcelo disse serem, dando prova do grande portugalismo. Nas palavras do jornalista, estiveram "hora e meia de acordo". O que é natural porque se encontravam face à ameaça do inimigo estrangeiro. Prometeram-nos, aliás, semelhante espectáculo para o dia 27, no Estádio do Benfica, onde os políticos não serão benfiquistas, mas naquele dia sim, visto que é Portugal que está em jogo.

Talvez seja também por força deste popular nacionalismo que Marcelo e Sampaio estão também de acordo sobre a obra do antecessor de um deles: as Amoreiras (de que não gostam), o Monumental (que deploram), o Silo (que condenam). Também são ambos contra a Rua do Carmo e pelo Siza Vieira, contra o Hilton e, se não por um corredor verde, pelo menos por um *hall* verdejante.

Esperemos com a paciência possível pelo desafio Esquerda-Direita que nos foi anunciado. E evitemos, se possível, não cair na auto-consolação que se segue aos empates: a Direita não ganhou (apesar de jogar em casa), a Esquerda também não, mas o importante é que o Futebol ficou a ganhar.

Leia-se: a democracia. Variante recente: Portugal. Na sua versão miniatura: Lisboa.

e. d.

TIMOR

TEMOS PAPA

NÃO SE SABE O QUE SUA SANTIDADE vai dizer em Timor. O discurso de Dili está verdadeiramente no segredo dos deuses - e pode ser mesmo que consista numa tímida discussão dos crimes indonésios.

Mas o fundamental já se sabe: o Papa considera Dili como uma parte da Indonésia, terá como anfitriões os res-

continua na página seguinte

41

ENTRA-SE EM CAMPOLIDE, A DOIS PASSOS DA Calçada dos Mestres. E a poucos mais das torres tutelares das Amoreiras (não exagero: veja-se como dominam a cidade, vista do rio, ou da ponte).

Este percurso sobre o Vale de Alcântara, tentação antiga de suicidas, que o bilhete de entrada remeteu para abismos mais em conta, leva-nos encostados ao Aqueduto, que em tempos ia alimentar a Mãe de Água, e daí os chafarizes da cidade. É um sonho do volúvel arquitecto "alfacinha" pôr-nos todos de novo, por esse trilho, de piquenique às costas, em demanda das verduras de Monsanto, para regressar às Trindades, passado do outro lado, como nossos avós, um belíssimo domingo de Agosto.

Olha-se o Tejo ao longe, com novos olhos. Adivinham-se ruas, palacetes, zimbórios, bairros. Respira-se fundo aquele caudal de ar, fronteira da poluição citadina. E continua-se a marcha, já os arcos a encurtar ao chegar o talude da contra-encosta.

Paramos então, não de cansaço. Mesmo por baixo de nós, depara-se-nos um emaranhado de estreitíssimas ruelas, encavalitados cubículos, janelas de boneca, portas feitas para anões, coladas ao ponto de só abrir uma de cada vez. E gente que por ali anda, crianças que por ali brincam. É o bairro da Liberdade(!).

O Aqueduto, afinal, não é o idílico traço de união entre a cidade de aquém e a de além-Monsanto. Não. É o traço de separação entre as "alturas" das Amoreiras, entre os luxuosos apartamentos e escritórios (de Cadilhes e outros), entre a febre de consumo de lisboetas mais ou menos endinheirados, e o "pântano" da vida dos lisboetas do lado de lá. Talvez o sr. arquitecto se devesse preocupar, isso sim, com o percurso inverso: o desses lisboetas "de 2.ª", que viriam pelo Aqueduto reclamar o seu lugar de cidadãos de pleno direito - que não são hoje. A menos que o Programa dito alfacinha tenha incluído nas suas "300 medidas" o desalojamento dessa gente para local menos visível, a bem do apetite dos sonhados piqueniqueiros. Não seria a primeira vez, no Vale de Alcântara.

Para os lados de Benfica, entalada entre a nova estação de Metro e a Avenida do Uruguai, subsiste uma velha quinta com a sua exploração agrícola e a casa rural lá no topo.

Aos automobilistas nervosos que diariamente lhe passam à beira, oferecem aquelas terras em declive, com o suceder das estações, os matizes verdes, loiros ou castanhos típicos de qualquer seara, ou pastagem. E não é raro que, nas proximidades, filas imensas de carros em fim de tarde tenham de ceder o passo a pachorrentos rebanhos com o seu pastor.

Imagino, naquela casa, um velho caturra que jurou resistir até ao fim dos seus dias às fabulosas ofertas dos "operadores imobiliários", que há tantos anos já se apoderaram das quintas vizinhas, a começar pela Quinta da Luz ali mesmo ao lado. "Um dia será", pensam eles, e talvez também os impacientes herdeiros.

Ou será simplesmente um ecologista militante quem ali se entrincheira? O único das redondezas. De Lisboa. Do país.

Não é novidade que os cafés desapareceram de Lisboa. Esses locais acolhedores onde se estudava, namorava, cavaqueava, onde se escreviam poemas ou romances, onde se faziam amigos, abertos até às tantas, foram cobijados pelos Bancos ou, os mais excêntricos ou teimosos, transformados em plastificados *snacks*, onde se toma a bica ou se engole o salgado ao balcão, à pressa, como hoje se faz quase tudo.

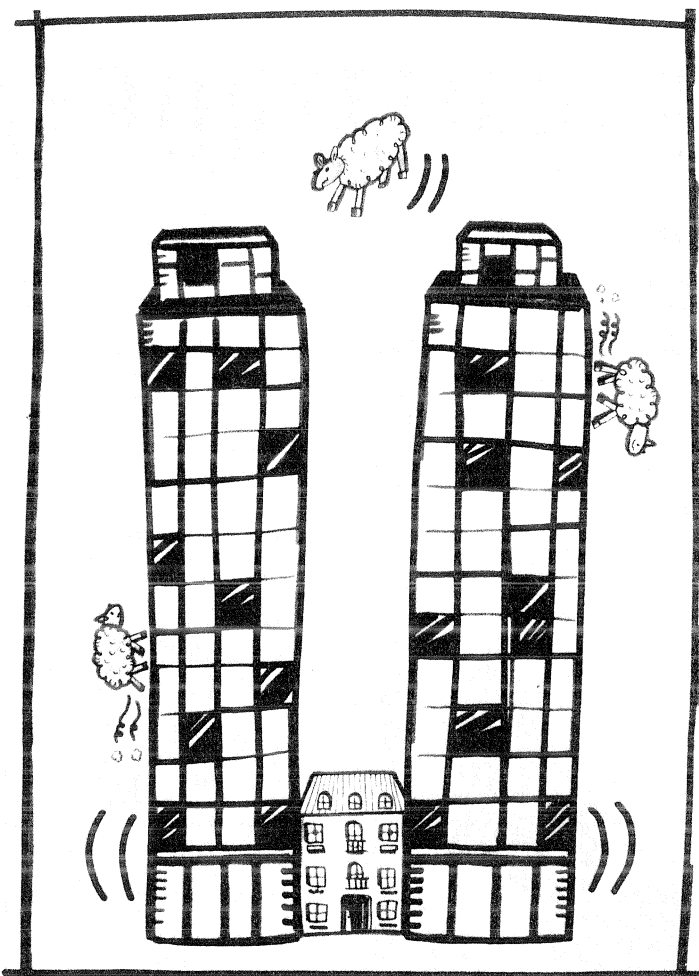


ILUSTRAÇÃO DE ALICE GEIRINHAS

aperceberam que o era) surge quando a Câmara tem de optar entre duas novas linhas de Metro: ou Marquês de Pombal-Alcântara, fazendo a ligação com a Linha de Cascais, ou Sete Rios-Benfica. Nenhum lisboeta teria hesitado em favor da primeira. Abecasis preferiu a segunda, autêntica travessia do deserto, com estações implantadas em áreas de pouca densidade habitacional.

É certo que do Luna Parque não se voltou a falar. Mas também o é que aos tais "privados" saiu a Sorte Grande, como a todos os que, de repente, desataram a preencher com prédios, como cogumelos, o tal deserto. Tudo claro, afinal: quer o Luna Parque, quer a nova linha de Metro, não passaram de uma operação de valorização de terrenos, vulgo especulação imobiliária.

Os lisboetas que se divertam onde quiserem. Eles já se divertiram que chegassem.

Não estou certo, como alguns, de que Lisboa seja uma cidade de poucos jardins. Certo é que Lisboa é a cidade dos jardins que já tem. Que já tinha.

Vejam os. Que novos jardins se fizeram em Lisboa, nos últimos anos, como o de Campo de Ourique, o Constantino, o do Alto de Santo Amaro, o de Belém, o do Campo Pequeno, o do Liceu Camões, e tantos outros, para não falar no Jardim da Estrela, nos Jardins Botânicos, na Mata de Benfica, nas Tapadas?

Pelo contrário, a tendência é para desbastar árvores, não jardins - por enquanto. A Av. de Berna foi o exemplo que indica o destino das Avenidas Novas. Os jacarandás da 5 de Outubro já têm de disputar diariamente o seu lugar aos automóveis, e quando toda a avenida for de edifícios de escritórios de vidros castanhos, quem se irá bater por aquelas copas lilazes (ou castanhas?) que anualmente maravilhavam os habitantes dos andares mais altos?

Talvez nos reste apenas esperar que Lisboa continue a ser, pelo menos, a cidade dos jardins que já tem...

Génova cresceu a partir do mar, como Lisboa a partir do Tejo.

Em Génova pode "ler-se" ainda hoje a sucessão das épocas: a cidade medieval, a renascentista, a oitocentista, a fascista, a "moderna". Como sedimentos urbanos, arquitectónicos. Em Lisboa, o terremoto perturbou esta gradação secular, é certo. Mas, até há 20 ou 30 anos, as "interpenetrações", que as há sempre (e até *pode* ser bom), pouco distorciam a leitura histórica da cidade. Depois, foi o caos: os edifícios "modernos", de alumínio e vidro, e os Taveiras depois, em lugar de deixarem a sua marca em novas áreas (um novo "sedimento"), avançaram em contra-corrente: desceram pela Av. da República (que dizimaram), invadiram a Av. da Liberdade, instalaram-se até aos Restauradores (aquele mostreiro ao lado do Palladium!).

Quando noutras cidades se desvanece o conceito de *Central Business District* (o centro da cidade como centro de negócios) e as empresas abandonam os centros pelas periferias, mais sossegadas e sobretudo mais baratas (a Défense, em Paris, as cidades periféricas londrinas, etc.), por aqui, como sempre, vai-se atrasado duas décadas - e já vai ser difícil salvar os tatecos que restam.

Temo quando ouço falar da "animação" da zona ribeirinha. Ou do Parque de Monsanto. Porque "animação", até agora, só se tem visto a dos negócios. E esses só têm desanimado, e desfigurado, os sítios onde se instalam.

NOTAS DE UM LISBOETA

JOÃO MARTINS PEREIRA

É um facto, que porém não dispensa uma interrogação. Porquê só em Lisboa? No Porto, em Coimbra, em qualquer cidade ou vila de província, como em Paris, em Barcelona, em tantos outros lados, isto não se passou. É um mistério que ainda não pude desvendar.

Entretanto, sempre que passo à porta de um antigo café, resta-me a consolação de poder dialogar... com um caixa multibanco. Outra concepção de "convívio".

Em 1922 abriu em Lisboa, a meio da Avenida, com entrada pelos jardins do Palácio Mayer, "uma feira vedada que funciona no verão, com teatros, animatógrafos, tómbolas, tiro ao alvo, cafés, cervejarias e outros divertimentos habituais destes recintos" (*Guia de Portugal*, R. Proença). Tais recintos eram então uma moda nas grandes cidades europeias, e muitos ficaram até hoje. Em Lisboa a dita Feira passou a Parque (Mayer) e

tornou-se um local de *habitués* da boémia nocturna, onde mais tarde o boxe e a luta livre fizeram a sua época. Apenas o Capitólio e os teatros de revista lá faziam afluir pacatos cidadãos, que atravessavam aquele mundo com a quase-sensação de uma aventura picante, de um parêntese na sua pacatez.

A bem do sossego familiar, e já pelos anos 50, instalou-se então a Feira Popular, primeiro em Palhavá, depois em Entrecampos. Mas como dizia o outro, "Deus quer, o Homem sonha, a Obra nasce", o bom do Abecasis sonhou, para Lisboa, com um Luna Parque à sua medida. Aqueles terrenos por trás do Jardim Zoológico estavam mesmo a calhar, e assim, de mão beijada, os passou a uns "privados", gente de iniciativa, é claro, com quem a Câmara pudicamente se "associou". Ficou-se à espera do Luna Parque. Até hoje.

O segundo capítulo da história (e nem todos se

continuação da página anterior

dotar-se de uma coordenação capaz de controlar as negociações. O medo da tração sindical está presente nos grevistas.

Mas os grevistas sabem que, depois de terem conseguido impor a unidade sindical, têm que afrontar directamente a política salarial de Rocard, como há um ano atrás aconteceu com as enfermeiras, e que a luta tem que estar à altura do que está em jogo.

Françoise Bourchenin

CINÉTICA

O INESPERADO VISITANTE

OS JORNALISTAS GOSTAM IMENSO DA EXPRESSÃO "deslocou-se a Portugal". Tem sido quase diariamente aplicada a coisas tão variadas como "uma missão de empresários japoneses" ou de "investidores árabes", um "comité de trabalho da CEE para o assunto X ou Y", um "grupo de especialistas em História dos Descobrimentos, ou em aquacul-

tura, ou em restauro de obras de arte, etc., etc.", uma "orquestra de câmara", uma "companhia de teatro francesa"; ou a personalidades tão importantes como o "Sr. Delors", o "Presidente do Sri Lanka", o "cunhado do General Noriega", o "Ministro das Pescas de Marrocos", o "Papa", um playboy sul-americano que já veio na capa da "HOLA" (não confundir!), um cantor de rock, um agente do cartel de Medellín, e por aí fora.

Faltava, mas faltava mesmo, o título de um jornal lisboeta do passado 23 de Outubro, em caixa alta: "Soares deslocou-se a Portugal". Foi quando ele interrompeu por 24 horas a sua estadia em Paris, e se dignou "visitar-nos" para discursar no fecho das comemorações do não-sei-quantésimo centenário da Sé de Braga.

Não sei se foi ironia do jornalista, ou se ele estará mesmo convencido de que Soares já só se desloca ao país em ocasiões especiais, entre dois doutoramentos, ou entre duas audiências com os grandes deste mundo.

Estou a escrever isto e ignoro, no fim de contas, se alguma vez o "Observador Romano" já terá titulado "João Paulo II deslocou-se a Roma"... Talvez até que o nosso jornalista se tenha limitado a fazer suas as palavras desse ungião quotidiano.

j.m.p.

MEMÓRIA PARA 92

"O CDS não sobreviverá às eleições autárquicas"

(**P. Feist a "O Diabo"**)

"Ainda está para vir o primeiro cavaleiro que se aguenta em cima de mim"

(**Abecasis, "A Capital"**)

"As minhas relações com o CDS são bestiais"

(**Abecasis, ao "DL"**)

"O CDS tem-me dado sempre todo o apoio, só que há lá uns rapazes que estão enganados, mas eu não tenho nada a ver com eles"

(**Idem**)

"Se os ricos tivessem sido mortos, como advogam os comunistas e os teólogos da libertação, a quem é que os países, fartos de miséria, iriam hoje pedir auxílio?"

(**Silva Resende, em "O Jornal de O Dia"**)

"O país deve muito aos arcebispos de Braga, já que ajudaram a fundar a nacionalidade e nunca deixaram de a defender e engradecer"

(**Cavaco, na abertura do Congresso Comemorativo do 9.º Centenário da Sé de Braga**)

"A separação entre a Igreja e o Estado, que entre nós vigora há quase meio século, não deve impedir uma colaboração estreita"

(**Idem**)

"Fui ver Timor do ponto de vista da Indonésia"

(**Nuno Rocha, à TSF**)

"Os indonésios são compreensivos. Tive a alegria de ver, por exemplo, uma avenida chamada Almirante Américo Tomás, que Deus haja"

(**Idem**)

"Guerra? Não vi guerra nenhuma. Diz-se que há guerra, mas parece que é só nas montanhas"

(**Idem**)

"Não me interessava ir à procura para saber mais coisas. Ao fim e ao cabo, eu só queria ver as coisas do ponto de vista da Indonésia"

(**Idem**)

BRASIL

UM BOM RAPAZ

COLLOR É O HOMEM DO MOMENTO. Candidato mais presidencializável nas eleições brasileiras, é dele que falam os jornais europeus: grande fenómeno, um político quase desconhecido que agora ganha em todas as sondagens, crítico corajoso da corrupção, Collor está para ganhar.

Ou talvez não seja assim. Nem o candidato seja o que se diz. O jornal "Em tempo", editado em S. Paulo por uma corrente da esquerda do Partido dos Trabalhadores, foi fazer o inquérito acerca deste candidato. E publicou.

Collor começou a sua carreira só em 1979: foi então indicado como prefeito biónico (nomeado pela ditadura militar) no Estado de Maceió. O partido proponente era o mais recomendável, o PDS - o partido dos militares no poder. Utilizou a máquina do governo estadual para se fazer eleger deputado federal em 1982: na sua última semana como prefeito, contraiu cinco mil funcionários. Apoiou Maluf, o candidato da continuidade, nas eleições presidenciais indirectas. Mas percebeu então que não lhe convinha andar com perdedores: passou para o PMDB, o partido da oposição que se estava a tornar no partido da situação. Foi eleito governador em 1986; logo que o PMDB perdeu credibilidade eleitoral, e-lo de saída, uma passagem breve para o Partido da Juventude que agora se chama PRN.

Collor é apoiado por 22 congressistas da ala direita do Parlamento, dos quais dez votaram a favor da extensão do mandato do Presidente Sarney. Os seus apoios eleitorais vêm do PDS, dos liberais, do PTB, da direita do PMDB. Importantes personalidades do "continuismo fisiológico" do regime já lhe garantiram o apoio: o ex-presidente Jânio Quadros, o general Newton Cardoso, e sobretudo Roberto Marinho, dono da toda-poderosa rede Globo (televisão e imprensa).

Fazendo campanha contra a corrupção, Collor sabe do que fala: dois dias antes de abandonar o governo de Alagoas, fez um acordo com os usineiros, os industriais mais importantes da região, no sentido de garantir que o Estado pagaria durante dez anos 120 milhões de dólares alegadamente recebidos em impostos excessivos. Um verdadeiro roubo - para uma dívida fictícia: os industriais já tinham cobrado no preço de venda da cana de açúcar o valor do imposto. Este acordo escandaloso provocou a demissão do Procurador Geral do Estado. Collor continuou em frente.

Finalmente, sabe-se que uma verba superior a 230 milhões de cruzados foi utilizada por Collor no seu governo estadual sem que disso fossem prestadas contas. Nem a Assembleia Legislativa do Estado teve acesso à investigação dessas contas.

Este bom rapaz pode vir a ser o próximo presidente do Brasil. Esperemos que, se isso acontecer, seja rapidamente convidado para visitar o nosso país e logo feito doutor honoris causa de alguma universidade: estes cursos de carreirismo político não são tão frequentes por cá, e é raro aparecer um aluno tão dotado.

f. l.

LISTAS

MUITO IMPORTANTE

CONSIDERANDO QUE "A FRELIMO retirou as referências ao marxismo-leninismo do seu programa, e que a política externa de Maputo mostra inclinações crescentes para o não alinhamento, tendo iniciado reformas tendentes a instituir uma economia de mercado" e não se tendo registado actos de canibalismo em terras de Moçambique e tendo os representantes desse país comido com garfo e faca na última mesa de conversações - os Estados Unidos estão a pensar em apagar Moçambique da lista negra dos países marxistas-leninistas.

Um porta-voz da Casa Branca confirmou que a Secretaria de Estado norte-americana entregou ao Presidente Bush a proposta de declaração de Moçambique país não marxista e que ele está a estudar o assunto.

Aguardamos esta importante decisão...

a. b.

SOCIEDADE

UM DEBATE POLÍTICO

EDIÇÕES MARGEM, DIRIGIDAS PELO jornalista Manuel Geraldo, acabam de publicar um pequeno volume sobre um debate político actual: "Partidos Políticos e Crise da Democracia", de Adalberto Alves, é um ensaio acerca da evolução da democracia representativa e das ideias de justiça, igualdade e liberdade. O autor critica a banalização do espectáculo da política, que é a outra face da indiferença das pessoas em relação à tomada de decisão e um instrumento funcional extremamente útil para a dominação social. A política como objecto de consumo (p31), os partidos políticos como castas (p41) são discutidos a partir de uma tomada de posição logo evidenciada: o autor defende a democracia directa como subversão da política dominante, a partir da tradição de Marx (democracia directa e mandato imperativo) e sobretudo de Rousseau, a partir do qual preconiza a formação de assembleias de cidadãos em territórios limitados, de forma a que exista uma opinião pública formada, e que permita um sistema piramidal de mandato impera-

ACTUAL

tivo para a tomada das decisões em última instância. Não é uma questão que seja desentolvida; mas sabe-se que é crucial - Rousseau advogava o seu sistema para pequenas cidades como Genebra ou pequenas ilhas, como a Córsega, e não o estendia a grandes regiões, o que releva pelo menos de uma dificuldade a que, como se tem visto, o sistema de democracia burguesa responde sempre com a eleição de representantes e o afastamento da população da tomada de decisão.

O fundamento jurídico desse processo é criticado pelo autor, que desmonta a ilusão de que a extensão do direito igualizaria as pessoas. Ressalta a tendência recente no sentido de se superar as leis muito abstractas por normas transitórias e concretas, emanações directas do poder (p47) e que se mascara com a ficção de que a norma jurídica é produzida por todos os cidadãos. Ora, mesmo no plano do controlo dos eleitos, este sistema é artificial e preserva o poder constituído: cita-se (p33) Popper, que afirmou que o fundamental da democracia não é todos participarem nas decisões, mas sim poderem-se substituir os maus governos. Ora, como diz Adalberto Alves, o vício está justamente em que os mecanismos de substituição são eles próprios mediados e determinados por outros delegados, num sistema de auto-perpetuação de que a própria alternância aparente é um mecanismo fundamental.

Um texto a ler com atenção. ("Partidos Políticos e Crise da Democracia", Adalberto Alves, Ed. Margem, Lisboa, 56 páginas).

COLÓQUIO COMBATE CHINA EM DEBATE 13 DE NOVEMBRO SEGUNDA-FEIRA ÀS 21.30 HORAS TEATRO DA COMUNA

43

continuação da página anterior
 tos". (...) "Cintura é preocupação que não falta em nenhuma dieta. Se uma linda cintura ajuda muita gente, três lindas cinturas ajudam muito mais".

SEGURANÇA - "Quanto a pássios e prisões, quanto mais longe melhor".

Já está em ponto rebuçado? Torrou o açúcar! Não se preocupe, leia de novo e se não ficar satisfeito siga os conselhos do Prof. Doutor - leia o programa na íntegra "le-se melhor do que um romance policial" ou "ponha-se de cabeça no ar" para ver os fogos de artifício que o Doutor lhe organizou no Parque Eduardo VII. Quem sabe alguma outra ideia caia sobre o céu de Lisboa.

a. b.

ARREPIOS

O PATRIOTISMO DE CIDADE

SOBRE PATRIOTISMO JÁ NOS FARTÁ-

PÚBLICO & PRIVADO

150 milhões de contos poderão render ao Estado as privatizações de 1990. (Um patriótico pé de meia)

91 milhões de contos terá sido quanto os portugueses pagaram de impostos para lá do que estava previsto. (Consciência nacional)

29 milhões de contos terá custado a Cadtibe o buraco orçamental de Leonor Beleza. (Amigos, amigos, sem negócios à parte)

15 milhões de contos custará ao Governo um ano de (hom) ambiente gerido pela Secretaria de Estado do Dito. (Barata é a feira)

4,5 milhões de contos terá sido o valor de uma fraude na aplicação de verbas do FSE que envolve a associação de calçado APICAPS e a empresa de consultadoria INDACA. (Consultas de amigo)

600 mil contos é o valor da difamação e injúria de Sousa Cintra a Aguiar de Matos, calculada por este último. (O preço da dignidade)

120 mil contos custa o Festival Internacional de Música de Macau. (Macau, meu amor)

9 mil contos terá gasto em viagens um deputado do PSD, facturadas por uma agência de viagens cujos 80% das receitas provêm das deslocações de deputados da maioria. (Novas profissões)

300 contos mensais terá recebido um funcionário da INDACA como coordenador de cursos de formação profissional financiados pelo FSE que nunca se realizaram. (Categoria a prever nas tabelas salariais dos docentes superiores e não superiores)

75 contos mensais custa a renda de 3 200 m² pertencentes ao Estádio Universitário ocupados por uma bomba de gasolina da BP. (Arrendamento social)

700 escudos por hora - dez vezes menos do que tabela média dos países da CEE - pretendia o Ministério da Educação pagar com fundos da CEE aos monitores de acções de formação "intensiva" de professores. (Europa dos Pequenitos)

menos snacks, menos barilho, menos pobres, menos engarrafamentos, menos crispção - mais casas decentes, mais jardins, mais emprego, mais alegria, mais qualidade de vida. E por isso nos batemos. Mas "patriotas de Lisboa", isso não!

Esperemos que o Jorge Sampaio esqueça rapidamente tal slogan.

J.-m.-p.

JUVENTUDE

TER MULHER

OS JOVENS APOIANTES DE SAMPAIO A Lisboa (não confundir com a JS) odeiam Marcelo Rebelo de Sousa porque este apara a pera, compra programas, guia taxi, vai às festas da Quinta da Marinha, mergulha no Tejo, é palhaço, anda eufórico, tem tendências, joga golfe, vota em Cascais. Razões de peso.

Pelo contrário, adoram Sampaio porque este faz a barba, tem ideias, já conhece Lisboa, tem mais que fazer do que ir às festas da Quinta da Marinha, toma banho em casa, é candidato à Câmara, confia nos Lisboetas, tem mulher, vai à bola, vota em Lisboa. Razões de peso.

Deste rol de qualidades, os Jovens Apoiantes de Sampaio a Lisboa, concluem, na linha do "Soares é fixe" e do "Já não nos deitam areia para os olhos", que o Sampaio é um dos nossos.

É que, felizmente e ao contrário da juventude do PSD e de alguma outra juventude mais barbuda e desalinhada, os Jovens Apoiantes de Sampaio a Lisboa (JASL) não são palhaços (essa profissão a abater), fazem a barba e tomam banho em casa, rejeitam "tendências" e TEM (ou candidatam-se a TER) mulher...

Com jovens assim, Lisboa ficará certamente mais limpa. Paciência, é que continuará a não haver...

e. d.

OVELHAS

ESTE PAÍS INDUSTRIAL....

DEU QUE FALAR, NO MÊS PASSADO, A decisão do respeitável FMI de incluir Portugal no rol dos países industrializados (juntamente com a Grécia, mas isso raramente foi mencionado e é o que dá ao facto o seu real significado: parecia mal que houvesse na CEE estas duas "ovelhas ranhosas").

Imagine-se a alegria dos nossos milhares de "trabalhadores infantis", miúdos de 10 ou 12 anos, que julgavam ser a sua condição típica de um país sub-desenvolvido. Tudo mudou agora: a indústria a que generosamente entregam os seus mais verdes anos está afinal na ponta do desenvolvimento, é o *demier cri* da tecnologia, eles-próprios são os técnicos e gestores de amanhã, que darão cánticos no Mercado Único Europeu! Assim, vale a pena

trabalhar (quando não se fica pelo caminho).

Já o mesmo não se poderá dizer das operárias que irão trabalhar no famoso Projecto Ford. Essas estarão radiantes (e aqui não ironizo) por justamente a Ford nos ter preferido por razões opostas. De facto, o que fez desempatar a escolha entre Portugal e a Irlanda foi o simples pormenor de em Portugal ser permitido o trabalho feminino nocturno, e na Irlanda não. Fomos escolhidos não por sermos um país industrializado, mas por termos uma legislação laboral de país sub-desenvolvido (e ainda há quem dela se queixe!) A Ford não, é claro. Sabe que é nestes países que se ganha dinheiro.

J.-m.-p.

REGISTO

PACIFISTAS

FOI HÁ DOIS ANOS, À PORTA DA FIL. Havia uma Feira Internacional de Armamento. Pacificamente, alguns jovens manifestaram-se. Manifestação "ilegal". Menos pacificamente, 19 foram detidos. Acusados de "ofensas ao Estado e às Forças Armadas". Não foram julgados no dia seguinte porque o Juiz do Tribunal de Polícia mandou a PJ prosseguir as investigações. A PJ prosseguiu as investigações.

Dois anos depois, Outubro de 89. Os 19 jovens, já menos jovens, apareceram novamente no Tribunal. O juiz considerou que eram insuficientes os elementos fundadores da acusação. Enviou o processo para o Tribunal de Instrução Criminal. O Ministério Público terá que fazer novas investigações.

Fará novas investigações. Quando acabar as investigações, haverá matéria para acusação ou não haverá.

Se entender que há, há. E os jovens, já menos jovens, voltarão a sentar-se no banco dos réus. Daqui a um ano ou mais...

RDA

OUTRO SOCIALISMO?

WOLFGANG TEMPLIN, EXILADO CONTRA a sua vontade pelas autoridades da RDA, é porta-voz do principal grupo da oposição, o Novo Forum. Responde a algumas perguntas de um nosso correspondente na Alemanha.

Combate - Como é que aprecias os recentes acontecimentos na RDA?
 W. Templin - É sem dúvida o mais importante acontecimento que se passou nos últimos anos. Como estavam ligados aos movimentos pacifistas e dos direitos do homem, estávamos conscientes de que nenhum progresso seria possível enquanto a oposição se se soubessem o que se está agora a passar, teriam ficado. Nesse sentido, o

mantivesse isolada em pequenos grupos. Agora, trata-se já de um verdadeiro movimento social.

Este movimento surgiu de uma crise política - e não de uma grave crise económica, como na Polónia. As pessoas querem ser autónomas, viajar, exprimir-se, tomar parte na transformação desta sociedade. Ora, o poder bloqueia esta aspiração. Além disso, o confronto entre o monolítico estalinista do poder na RDA e as transformações em curso na Polónia, na Hungria ou na URSS é gritante.

Combate - Nas manifestações, ouviu-se cantar a "Internacional", viam-se bandeiras vermelhas; há portanto referências de esquerda amplamente retomadas, contrariamente ao que se passa na Polónia...

W. Templin - Isso tem que ver com a tradição e a história da RDA. O potencial opositor que poderia encontrar as suas referências no Ocidente já partiu! Os que chegam agora à RFA gritam "Deutschland, Deutschland". Os que ficam gritam "Ficamos aqui" e sentem-se ligados, não a este sistema político, mas a esta sociedade. Aspiram a modificar radicalmente o sistema, mas rejeitam ao mesmo tempo o capitalismo. Não querem uma sociedade onde o dinheiro seja rei.

Combate - O que representa o vosso movimento, o Novo Forum?

W. Templin - É uma das primeiras iniciativas que apareceu recentemente. As outras são "Democracia agora" e "Fermento para a Democracia". O "Novo Forum" é o mais importante. A sua declaração constitutiva foi assinada por mais de 12 000 pessoas. Não se trata de uma organização no sentido estrito, mas de um movimento, de um agrupamento da oposição política. Quer unir diversos grupos e correntes, que podem ter o seu próprio programa e estrutura. Trata-se de um agrupamento da esquerda democrática.

Combate - Surgem correntes reformistas dentro do partido do poder, o SED?

W. Templin - Os primeiros sinais da crise aparecem agora. Alguns funcionários do partido, por exemplo, acabam de lançar um apelo à sociedade. Declaram-se prontos para o diálogo, proclamam a sua vontade de mudar e a sua esperança de que o poder central se empenhe em reformas. No seio do SED, existem sem dúvida pessoas atraídas por Gorbachov e o que ele representa. Mas, até agora, têm estado isolados. A sua aspiração a uma mudança é marcada pelo paternalismo. De facto, querem mudar os métodos, mas preservar o papel do Partido. Assumam-se com o desenvolvimento de forças políticas independentes.

Combate - Cerca de cem mil pessoas abandonaram a RDA. Quem eram?

W. Templin - Trata-se antes de mais de pessoas que perderam a esperança de modificar a situação. Jovens para quem o socialismo só tinha o aspecto de Honecker. Se essas pessoas tivessem estabelecido ligações umas com as outras, teriam sentido que não estavam isoladas e poderiam conceber uma alternativa socialista. O êxodo é o produto do imobilismo de Honecker.

Dito isto, a situação está a modificar-se. Na Alemanha Federal, já encontrei pessoas que me dizem que,

surgimento de uma alternativa democrática e socialista massiva pode significar o fim do êxodo.

FRANÇA

IMPOSTOS EM GREVE

OS FUNCIONÁRIOS DO MINISTÉRIO das Finanças estão na sua vigésima primeira semana de greve.

Tudo começou, no sul da França, em 6 de Junho: as quatro organizações sindicais (CGT, CFDT, FO, SNUJ) anunciaram uma greve vulgar de 24 horas. Revindicações: os salários, o reconhecimento das qualificações, a falta de funcionários e as condições de trabalho.

Os trabalhadores do Sul disseram subitamente NÃO às greves de um dia sem continuação e, a partir daí, a mobilização não deixou de aumentar.

A greve não se expandiu de uma maneira uniforme, mas nasceu espontaneamente uma solidariedade financeira entre grevistas e não grevistas, o que constituiu um elemento importante para o arranque da greve e foi a primeira forma de auto-organização que levou à generalização da greve.

Esta mobilização foi também facilitada pela pressão exercida pelos grevistas na imposição da unidade sindical no sentido de as organizações sindicais lançarem um apelo convergente à greve geral.

Hoje, a greve é geral e as percentagens de grevistas são impressionantes: na maior parte das repartições atinge os 70% e em muitos casos os 90%.

Na manifestação de 5 de Outubro, que reuniu perto de 30 000 pessoas, e na de 19 de Outubro, com 70 000, os directores de serviços engratados estavam ao lado dos *habités* das *manifes*.

As formas de auto-organização apareceram muito rapidamente.

Os piquetes de greve retêm o correio à entrada dos edifícios para os cheques do IVA não serem depositados. Esses cheques ficam fechados à chave sob controle dos grevistas.

Como o ministério obriga os directores de serviços a irem buscar os cheques, estes passaram a fazer greve com os outros trabalhadores porque não querem passar por fura-greves.

Para romper o silêncio da comunicação social, os grevistas decidiram, sem esperar pelo acordo dos sindicatos, ocupar uma sessão da Bolsa. Os trabalhadores da Bolsa apoiaram os ocupantes sob o olhar atemorizado dos accionistas.

Os exemplos são muitos. Mas o que é importante é que os funcionários das Finanças começaram a tomar consciência real da sua força e da importância do seu papel económico no aparelho de estado.

Hoje, o problema é o fosso que existe entre os grevistas e os sindicatos que vão negociar com o governo. A auto-organização não conseguiu

continua na página seguinte

1979 É O ANO DOS "GOVERNOS PRESIDENCIAIS": sem possibilidades de conseguir maiorias "estáveis e coerentes" (expressão dilecta de Eanes) na Assembleia, o general-presidente faz passar dois governos, após o chumbo de Nobre da Costa: Mota Pinto em Novembro de 78, e Pintasilgo em Agosto de 79. Sá Carneiro começa o ano declarando ter-se enganado a respeito de Eanes (a que chamara "o Costa Gomes do Ps") para, meses depois, o acusar de "militarismo presidencial" e se tornar, em definitivo, seu inimigo figadal - embora lhe tenha ficado a dever a dissolução da Assembleia e as eleições antecipadas por que se batia desde que fizera cair Mota Pinto.

Pode mesmo dizer-se que, no plano institucional, o ano ficou marcado pela guerrilha Eanes-Sá Carneiro. O PS pouco contou: tentou aliciar os dissidentes do PSD (lembram-se das "Opções inadiáveis", depois ASDI?) para formar governo e evitar eleições, deu a público um pomposo documento chamado "10 anos para mudar Portugal - Programa do PS para os anos 80", e acabou esmagado pela AD nas legislativas (2 de Dez.) e nas autárquicas (16 de Dez.). O ano termina com o convite formal de Eanes a Sá Carneiro para formar governo.

Os anos 80 vão começar, em Portugal, com a AD no poder. E com ela os "Reformadores" de Medeiros Ferreira e António Barreto. Com ela também o eterno mutante, Vasco Pulido Valente, já não me lembro se vindo do PS, se do Eanes, tanto faz. No derradeiro mês de 79, Abecasis toma, por dez anos, conta de Lisboa.

Mas isto é apenas a alta política, porque nesse ano outros notáveis sucessos se registaram. O nascimento da UGT, por exemplo, com o seu 1.º Congresso em Janeiro. E logo em Fevereiro a CGTP anuncia que vai pedir a sua "extinção judicial". É o princípio de uma década de fricção e disputa entre as duas centrais (pelas direcções de sindicatos e comissões de trabalhadores, pelos lugares de representação na OIT e na CEE, pelos locais das festas do 1.º de Maio, etc.), até chegarem ao "estender de mão" deste fim de década.

Em 1979 nasce também a APU, com o avizinhar-se das legislativas. É a UEDS, que bem pouco durou. E é reestruturada por três vezes a "Comissão de Extinção da ex-PIDE/DGS/LP". E entram em greve da fome os presos do PRP. E está no auge a guerra da Reforma Agrária e a "devolução de terras": dois trabalhadores rurais morrem dessa guerra às mãos da GNR em fins de Setembro.

O PSD não mais vai largar o poder, até hoje. O "Estado laranja" vem daí, de 1979. Os vorazes jovens políticos e gestores do partido irão ocupar o aparelho de Estado e as empresas do Sector Público (à mistura com alguns PS, do tempo do Bloco Central) - até hoje.

NEM TV A CORES, NEM AS CORES DO TAVEIRA

E fora da chamada "área política", o que foi 1979?

Na comunicação social, nasceu o "Correio da Manhã", que veio para ficar. Acabou a "Luta" e começou o "Portugal Hoje": a clique soarista já então, como hoje, mostrava a sua total inépcia no sector, com sucessivos projectos falhados (agora mesmo, em 1989, depois de anunciarem um diário que nunca saiu, acabam de encerrar um semanário-fantasma que poucas semanas durou...). E começou a "Tarde", herdeira do "Jornal Novo", que veio dar no "Semanário" e, de algum modo também, no "Independente". Mas em 1979, quem já ouvira falar do MEC?

Nesse ano, Joaquim Agostinho estava no auge: repetiu o 3.º lugar na Volta a França, mas já não faltava muito para ser vítima, mais uma, de ter nascido num país em que só se pode ter acidentes graves em Lisboa ou no Porto. Já se sabia quem era o



ILUSTRAÇÃO DE FRANCISCO VAZ DA SILVA

HÁ 10 ANOS 1979

JOÃO MARTINS PEREIRA

Nada melhor para nos apercebermos do que foi a década de 80 do que recordar o que foi o ano de 1979, aquele justamente em que se fazia futurologia quanto ao que nos esperava nos "anos 80". Não tenho aqui à mão nenhuma dessas previsões, mas posso jurar que ninguém se atreveu então a adivinhar o SIDA, nem o Gorbachev, nem o Cavaco. Nem o Reagan, nem Tchernobyl, nem o Futuro. E algumas dessas coisas estavam bem próximas.

Começemos por Portugal.

Carlos Lopes, mas ignorava-se quem fosse a Rosa Mota.

Nesse ano estava na moda o "Disco", os "Bee Gees", o "Reggae", os intelectuais lisboetas descobriam as delícias do "Jamaica". E frequentavam os colóquios de sábado dos "Amigos da Comunidade". E continuavam intrigados com o mistério dos "romances na gaveta" que não tinham saltado cá para fora no 25 de Abril. O Saramago estava por "descobrir" (o "Memorial" é de 82), e da nova vaga hoje tão falada pouco ou nada se sabia: são desse ano os primeiros livros da Lídia Jorge e do Lobo Antunes.

Quanto ao resto, só iniciados sabiam que o Taveira já tinha uns prédios feitos em Lisboa (as Orlas são de 81-82, depois foi o que se sabe); o "rock português" ainda balbuciava; para toda a gente, Veloso era ainda o tio (o Pires, o famoso "vice-rei do Porto"), não o sobrinho, o Rui, que iria surgir com o "Chico Fininho" dois ou três anos depois; ainda não chegara a televisão a cores; e muito menos a maré do vídeo, e das cassetes por

no a alegrar as noites de muito pacato cidadão, e do "compact disc", e dos computadores a domicílio. A noite lisboeta era o que sempre fora, o Bairro Alto ainda não fora invadido por boutiques e pela fauna do Frágil. Os homossexuais tinham os problemas que sempre tiveram, mas estavam longe de saber que se iam tornar num "grupo de alto risco". E faltavam exactamente 10 anos para nos ser desvendado "What happened to Madalena Iglesias"...

O Zeca Afonso ainda escrevia poemas, e os cantava para nós.

AS GUERRAS QUE COMEÇAM

No plano internacional 1979 começa com a entrada de tropas vietnamitas no Camboja (1 de Janeiro) e termina com a de tropas soviéticas no Afeganistão (27 de Dezembro). São as guerras da década: soviéticos e vietnamitas retiraram-se do Afeganistão e do Camboja precisamente em 1989.

João Paulo II, recém-eleito (Outubro de 78), co-

meça pelo México a sua interminável volta ao Mundo. E ainda nesse ano vai aos Estados Unidos vociferar contra o divórcio, o aborto, a contracepção e a homossexualidade. Longe vinham os tempos dos preservativos na televisão...

Em 1979 ouviu-se falar pela primeira vez de dois nomes que se tornaram legendas da década: Khomeini e Thatcher. O primeiro começa a distinguir-se com execuções de homossexuais e, antes do fim do ano, desafia o Grande Satan americano, tomando como reféns os funcionários da embaixada yankee em Teerão. Este Khomeini está na origem do 2.º choque petrolífero, com aumentos em flecha do preço do petróleo, e do fácil triunfo de Reagan no ano seguinte. De Reagan, é claro, ninguém sonhava então o que dele se iria falar. Mas a Thatcher já o anunciava, com o seu liberalismo puro e duro. Dos três, é hoje a única que continua no poder, mas talvez já não por muito tempo.

O acidente da central nuclear de Three Miles Island, nos Estados Unidos, vem a ser o primeiro grande susto nuclear, sete anos antes de Tchernobyl. Aliás os Verdes, e aparentados, ainda não tinham deputados, nem governantes, em parte nenhuma. Muitos pensavam que eles não passavam de uns restos do "follore" mais ou menos marginal dos anos 60. O ozono, as chuvas ácidas, o efeito de estufa, a Amazónia: tudo isso eram preocupações inexistentes, e se-lo-iam por muitos anos.

Também a dívida externa do 3.º Mundo, que já começava a estrangular muitos países, em particular africanos, ainda não constituía o problema de sobrevivência "mundial" em que depois se tornou: foi preciso que o sistema financeiro dos países ricos se sentisse ameaçado pela incapacidade de pagamento de "grandes devedores" (México, Brasil, etc.). Durante a década, a dívida multiplicou por três!

Em 1979, Somoza cai, e os sandinistas chegam ao poder na Nicarágua. Os Estados Unidos irão repetir "Cuba", e esbanjar milhões de dólares para os derrubar. Parece terem desistido neste final de 1989. Mas, à custa disso, Reagan chegou a estar por um triz, em 1987, quando explodiu o escândalo "Irão-contras".

O reinado Brejnev prossegue na União Soviética (Gorbachev só chegará seis anos depois). Ainda não existia o Solidariedade, que aparecerá no ano seguinte, e com ele os efémeros acordos de Gdansk. Todos os líderes do leste parecem de pedra e cal, e parecerão durante dez anos mais. Nesse ano, assina-se o SALT II, e a NATO decide a instalação de novos mísseis de médio alcance na Europa.

No Iraque chega ao poder um certo Saddam Hussein. A guerra Irão-Iraque, que pareceu interminável, estava por começar. 1979 é, também o ano do Tratado de Paz Egípcio-Israel, que valeu ao primeiro o banimento da Liga Árabe... até 1989. Andrew Young, o embaixador negro dos Estados Unidos na ONU, é forçado a demitir-se, por se ter encontrado com um representante da OLP em Nova Iorque. No Líbano, onde a guerra prossegue desde 1975, nada de assinalável se passou nesse ano. A guerra, essa, continua ainda hoje.

Em África, caem em 79 duas figuras de opereta (ou de tragédia): Idi Amin, no Uganda, e o "imperador Bokassa I" na República Centro-Africana (Giscard d'Estaing, então presidente francês, ver-se-á depois envolvido num caso de diamantes vindos do dito imperador). O Zimbábue está à beira da independência: termina o "regime branco" em 79, mas Mugabe só virá em Abril do ano seguinte. Em Angola, morre Agostinho Neto.

Os militares continuam o poder no Brasil (até 1985), na Argentina (até 1983), no Chile - até hoje.

Já morrem muitos de SIDA nos Estados Unidos, mas ainda ninguém sabe que é SIDA (o vírus só será identificado em 1983).

45

QUOTIDIANOS

EDUARDA DIONÍSIO

Ela tem televisão a cores, vídeo, computador, rádio no carro, compact em casa; já pensou num fax, mas não será para já.

Ela compra em hipermercados, em centros comerciais, frequenta bares.

Come muitas vezes em pé, tem fins de semana, faz férias e ginástica de manutenção. Tem seguro de vida, cartão multibanco e preservativos na mala.

Ainda assim, não é uma pessoa tão vulgar como isso.

O macaco está enjaulado. Bamboleia-se e pede dinheiro em espanhol — tempos de CEE. Está programado para falar a televisão. Só a quem não passa. Quando uma criança mete a moeda, sai uma prenda-surpresa e ele deseja-lhe que o ovo que caiu lhe tenha agradado. Pede ainda que ela volte sempre. E recomenda: "Dinero, dinero".

Foi na mesa ao lado deste macaco mecânico que teve lugar a conversa.

LUXO A PRETO E BRANCO

"A primeira coisa que faço quando chego a casa é ligar a televisão. Só a desligo quando me vou deitar. É um rectângulo do mundo colorido onde as coisas mexem. Faz-me falta. Mesmo se só oiço o ruído do que eles vão dizendo ou fazendo pela noite fora".

Tinha visto aquela chegada à lua acinzentada em casa da avó. Para ela, a caixa da televisão era dum castanho de verniz com flores de plástico em cima, que não encaixava na sua própria encenação dos objectos — uma questão de gosto. Era aquele vidro de aquário com ar de cemitério durante o dia, que se iluminava à noite com a encenação do fascismo a entrar nas casas — uma questão de política: as melodias de sempre, o bigode do Artur Agostinho em concursos, as mensagens de Natal dos soldados nas colónias, a informação mais oficial ainda que a do Diário de Notícias. A disposição dos móveis mudava em torno do novo altar e as cadeiras formavam plateias. Recusou-se muito tempo a ter televisão.

As conversas em família do Marcelo alteraram a situação. Entrou-lhe a ela um televisor portas adentro, quando já havia mais pequenos: era preciso ver com os próprios olhos a liberalização, andar a par das primaveras. Disfarçou o ecran entre livros. Viu, como toda a gente, o 25 de Abril a preto e branco e o 11 de Março em directo, e o 25 de Novembro, e várias eleições.

Hoje, olha (com pouca frequência, é verdadeira, e não muito continuamente), com naturalidade, mas ainda assim com a desconfiança que conserva por aquilo que se apresenta como a realidade não o sendo, um rectângulo colorido onde se movem bocas, braços, pernas, rodas, aviões em céus azuis, pistolas — uma outra vida que lhe entra na vida —, como se sempre assim tivesse sido. Muitas vezes, como se fosse o único rectângulo da vida real, inscrito num rectângulo maior de lombadas de livros lidos e esquecidos, nunca lidos, esvaziados, encostado a outro rectângulo morto — uma parede branca — que pertence a outro rectângulo inerte — o prédio onde mora.

Como se sempre assim tivesse sido. Mas o facto é que esta naturalidade só entrou nas casas portuguesas — com a grande rapidez das trocas, prestações, bónus, taxas acumuladas — nestes anos 80 que aqui temos. Passou a ser impossível, impensável, intolerável, saber das guerras e das pazes, das contendas contínuas na página 6

CAVAQUISMO

ILUSTRAÇÃO DE FERNANDO TORRES



JOÃO MARTINS PEREIRA

UM SITUACIONISMO CARICATO

DIRÃO ALGUNS QUE É DAR DEMASIADA IMPORTÂNCIA ao homem, acrescentar-lhe um "ismo". É dar-lhe um estatuto de "sistema", é de algum modo atribuir-lhe uma "filosofia", pelo menos um "projecto".

Não penso assim. Uma palavra não altera nada, e às vezes é cómodo, mas, mais do que isso, dizer "cavaquismo" é exprimir a ideia de que o Cavaco, só por si, é insuficiente para dar conta do "fenómeno": não é nenhum sistema, nem nenhuma filosofia, nem nenhum projecto saídos da cabeça do Cavaco o que está em causa — é uma situação política, um "situcionismo" que se instalou, que não faz mais do que gerir um sistema que não inventou, mas de que freneticamente se aproveita.

Não é isso que anuncia, é claro, nem essa a imagem que pretende vender, o cavaquismo. Todo ele é pureza, bem comum, rigor, eficácia, programação (tudo está sempre programado), autoridade, competência, desvelo pelos desfavorecidos. Tudo é tão programado que, mesmo quando obviamente se engana, como no caso da inflação, há sempre quem venha explicar, depois, não antes, que isso foi uma opção consciente, que o governo quis deixar derrapar os preços, em benefício do investimento e do emprego...

E quanto ao resto, basta ver. A pureza degenerou na mais variada colecção de escândalos, a que

estão ligados os mais variados membros do governo. Ai, o governo (o Cavaco) afirma-se perseguido, vítima de terríveis complots, o que está mais do que gasto como defesa dos que a não têm. Quanto à eficácia e ao bem comum, é ver as massas da CEE, que se distribuem ao desbarato, e mesmo assim não se conseguem gastar, é ver o crescimento persistente do défice habitacional, é ver a Saúde e a Previdência no marasmo de sempre. Quanto aos mais desfavorecidos, basta lembrar as palavras de insuspeitos bispos sobre miséria e trabalho infantil, e os aumentos (à chucha calada) que os governantes a si próprios se atribuíram, mantendo-se "firmes e intransigentes" quando se trata de assalariados ou reformados.

De que autoridade se pode, então, falar? De que rigor? Não, se há coisa que desta gente se possa dizer é que não tem qualquer "autoridade", a não ser a que lhe advém de dar ordens às polícias e à tropa. Eles confundem autoridade com teimosia, obstinação, um estado próximo do "orgulhosamente sós", caricato como eles próprios. Mesmo a imagem do "chefe", que quiseram impôr de princípio, anda hoje simplesmente pelas ruas da amargura, tão ridicula é cada aparição do dito, depois de tudo o que tem teimado em "chefiar", de toda a farândola de clientelismos, manipulações e abusos que tem coberto com a sua palavra "definitiva".

Mas, porque "os eleitores" um dia o quiseram, e porque durou o suficiente para se despir na praça pública, o "cavaquismo" irá deixar a sua marca nesta década de 80. E o que um dia dele se dirá é que foi o governo da "sorte grande". Não precisou de ser puro, nem competente, nem eficaz, nem outras coisas mais: saiu-lhe a sorte grande de 1986 — o petróleo, o dólar, a entrada na CEE, tudo coisas que lhe não são imputáveis —, e os manás comunitários desde então. Dinheiro não lhe faltou, e isso, como se sabe, é meio caminho andado para conquistar adeptos e ir ganhando eleições. O espantoso é que nem sequer tenha sido capaz de andar o outro meio: por isso foi colocando contra si muita gente que um dia lhe deu o benefício da dúvida. Os anos 90 nos dirão no que irá dar o cavaquismo — talvez apenas um inchado balão em que qualquer Marcelo dará uma inocente alfinetada.

Haverá quem diga que, no fim de contas, pouca diferença haverá entre o "cavaquismo" e o "soarismo". E, na prática, é verdade. Apenas com o pequeno pormenor de que o soarismo nunca se reclamou das mais altas virtudes — não as tinha, mas não alimentou ilusões. E não esperemos que seja diferente o pós-cavaquismo. Porque o que todos terão de gerir é o "sistema". O tal, não o "cavaquista". E esse não incita ninguém a ser sério, desinteressado, empenhado na justiça social, na participação, na "qualidade de vida".

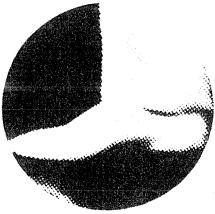
CAVACO

APELOS E EXPLICAÇÕES

SÓ PRECISAREI DE FAZER UM APELO dramático, alto e bom som, se estiver convencido de que de outro modo não me ouvem, ou não me ligam. Mas há apelos que mobilizam.

Só terei lata para contar a alguém que expulsiu um problema de física elementar a um Prémio Nobel, se tiver por certo que os que me ouvem são parvos. Se não são, caio no ridículo, faço eu de idiota.

O Cavaco deve ter-se lembrado do apelo do de Gaulle em Junho de 40, e apelou, de chofre, à hora dos anúncios caros na TV, aos portugueses. Admitiu, assim, que eles pudessem pensar, de outro modo, que o seu governo era de baixos pecadores, eles e as respeitáveis famílias, amantes de sensações fortes nalgum andar das Amoreiras. O seu apelo, de tão grotesco e inesperado, mobilizou toda a gente. Mas desta vez, ao contrário: todos desejaram saber mais. O primeiro-ministro, que gosta tanto de mercados abertos, criou



um mercado para um espanhol dos espertos, e deste (mercado) não gostou: mandou fechar.

Dias depois, alta madrugada, em Paris, após uma cineira em que orgulhosamente participou, o primeiro-ministro informou em Conferência de Imprensa ter "explicado aos seus parceiros da CEE que a experiência portuguesa dos últimos 5 anos, em que o seu governo restaurou o vigor dos mecanismos de mercado, poderia ser de enorme utilidade para os países de Leste, que terão de enveredar pelo mesmo caminho" (cito de cor, mas a ideia era precisamente esta). Neste caso, o Cavaco quis fazer de parvos os jornalistas presentes (portugueses, por certo), e nós através deles. Mas, grotesco de novo, é óbvio que não foram eles (nem nós) a sair dali mais nem menos idiotas do que já pudessem (ou pudessemos) ser.

Se o Cavaco pensa que não o queremos ouvir, que não lhe ligamos, é lá com ele, até é capaz de não se enganar. Só que isso não vai com apelos. Mas se pensa mesmo que somos todos parvos, aí é capaz de se enganar. Mais tarde ou mais cedo o descobrirá: será talvez o seu primeiro engano, ao que diz.

Uma coisa é certa: quem não teve,

por duas vezes em tão pouco tempo, "vergonha" (onde armar melhor palavra) de ter esta ave como primeiro-ministro?

j.-m.-p.

CULTURA

O NOVO GÉNIO

O CENJOR (CENTRO DE FORMAÇÃO Profissional para Jornalistas) realizou, em Outubro passado, provas de admissão ao Curso de Formação Geral deste ano lectivo, para candidatos a jornalistas. Além de testes psicotécnicos, tais provas versaram, separadamente, línguas estrangeiras, um tema de actualidade e a chamada cultura geral.

Esta, testada em 49 questões (frequentemente desdobradas em várias perguntas), será, digamos, a cultura geral segundo o CENJOR. Nela, a memória de nomes assume o maior relevo: nomes em geral, nomes de pessoas em particular (20 das 49 questões tratam destes, num total de 41 perguntas). Nomes de suprema importância, alguns deles: só um(a) candidato(a) culturalmente deficiente ignoraria a identidade de vultos com a dimensão dos três pastorinhos de Fátima ou do senhor Jaime Marques de Almeida. Não conhece? Que lamentável incultura! Trata-se do insigne, do carismático director do CENJOR.

Pérolas de cultura! A mais brilhante, porém, é a que fecha o teste. Apresenta três citações para identificação dos respectivos autores. Camões em primeiro lugar. Pessoa em segundo. Um doce para quem adivinhar o terceiro! Então, leitor(a)? Decerto não desconhece o inspirado autor da máxima "Eu nunca me engano e raramente tenho dúvidas", esse novo génio das letras e do pensamento português, em Boliqueime nascido, Aníbal Cavaco Silva de sua graça. Em meios geralmente bem informados, consta que a máxima referida integra um "livro laranja", prefaciado por Marques de Almeida, a lançar brevemente na vivenda Mariana, com apresentação a cargo de Vasco Graça Moura e Eduardo Prado Coelho.

elisabete frança

SINOPSE

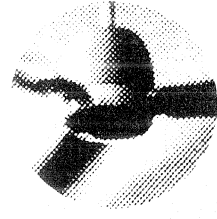
LOUCURAS

1. A MINISTRA DA SAÚDE PRECISA DE dinheiro (grande plano) para ter portugueses saudáveis e encomenda uma urbanização como deve ser, rentável e pós-moderna, a colocar nos terrenos

do Júlio de Matos, ao Arq. Tomás Taveira. Paga 112 mil contos pelo estudo (evitar grande plano sobre as facturas).

2. O arquitecto Tomás Taveira faz-se video-gravar em posturas íntimas com algumas senhoras. Uma revista de sensação aproveita-se do caso e aquele cai em desgraça junto de alguns poderes (evitar grandes planos sobre as ditas senhoras).

3. O candidato à Câmara de Lisboa, Rebelo de Sousa, anuncia a um jornalista que escreverá uma carta à Ministra da Saúde suplicando-lhe que abandone o seu projecto de alienação do



Júlio de Matos, uma vez que ele se encontra obrigado, em virtude do seu projecto alfacinha, a proceder a uma operação de salvamento do Júlio de Matos onde pretende instalar um pólo tecnológico, e sugerindo-lhe que, em caso de absoluta necessidade, aliene então o Miguel Bombarda, que também é um hospital de alienados (travelling sobre o recreio do Miguel Bombarda).

4. A Ministra da Saúde anuncia a um jornalista (pode ser o mesmo actor que o anterior) que escreverá uma carta a Marcelo Rebelo de Sousa, assim que receber a dele, onde se mostrará disposta a abandonar o seu projecto desde que alguém lhe garanta o dinheiro necessário para ter portugueses saudáveis (imagem do Aquaparque).

5. Um cidadão normal pára junto de uma banca de jornais do seu bairro e lê as gordas de um semanário: "Beleza aceita rever projecto do Júlio de Matos" (expressão de ligeira satisfação).

6. Meses mais tarde:

Hipótese A: enquanto vão crescendo edifícios no terreno do Miguel Bombarda, Rebelo, no seu gabinete, trata do seu pólo tecnológico.

Hipótese B: enquanto Jorge Sampaio, no seu gabinete da Praça do Município, vai escrevendo cartas para garantir as fontes de rendimento alternativas para a Ministra da Saúde, crescem edifícios nos terrenos do Júlio de Matos.

Hipótese C: enquanto vão crescendo edifícios no Parque Eduardo VII, Amoreiras, Miguel Bombarda, Júlio de Matos, etc., Rebelo de Sousa ou Jorge Sampaio reúnem para discutir o novo plano director de Lisboa. Integra a equipa consultora, em posição subalterna, o arq. Tomás Taveira. (Grande plano sobre Taveira).

Nota: o crescimento dos edifícios pode ser dado em técnica de animação, e.d.

O MURO

E AS AUTÁRQUICAS

PARA ALEM DE UM LAÇÓNICO COMUNICADO, em que o Secretariado do PCP se limita a informar que já há muito iniciou a sua *preestroika*, por há muito ter compreendido os erros que os dirigentes dos PC de Leste cometiam na construção do socialismo (e nem nós demos por uma, nem eles nunca disseram ter dado pelos outros), ficámos a saber, pelo secretário-geral, que toda esta preocupação com os países de Leste não passa de uma manobra para prejudicar o PCP nas autárquicas (manobra obviamente internacional, pois é assunto dominante por esse mundo fora). Em resumo, o PCP só responderá a questões sobre o caso depois das autárquicas.

Levando a coisa às últimas consequências, podemos mesmo imaginar que os alemães de Leste só desataram a sair do seu país, em Outubro, e só violaram o sacrossanto Muro, na semana passada, de empenhados que estavam, não em se opor ao seu próprio PC, mas em prejudicar o PCP nas autárquicas...

Quem não esperou por estas foi o Vital Moreira. Seguindo as pisadas de húngaros, polacos e alemães, veio publicamente pedir nada menos do que a cabeça do secretário-geral. E também ele não teve de esperar muito para ser acusado... de prejudicar o partido nas autárquicas.

Independente do facto óbvio de que tudo quanto é direita, neste e nos outros países, canta vitória com o que se vai passando por aqueles orientes europeus (sem mesmo se dar conta de que "cortinas de ferro" e Muros de Berlim talvez lhe venham a fazer falta), não há dúvida de que, como qualquer capitão romântico, Alvaro Cunhal parece decidido a ser o último a sair do navio. Que deixou de rumar no sentido da História - naquele sentido

da História.

A grande questão em aberto está em saber qual o novo rumo. Mas que não é para a direita - isso sabemos. E chega para navegar, nem que seja à vista.

j.-m.-p.

SUCESSÃO

PRESIDENTE DE COMPLEXOS

É PONTO ASSENTE: NEM MARCELO nem Sampaio gostam das Amoreiras. É que, além de os dois serem pessoas de bom senso e de bom gosto, um é socialista e o outro adoptou o programa alfacinha.

O facto é que, gostem ou não gostem **continua na página seguinte**

CARTOON DE FERNANDO TORRES



47/48

JOÃO MARTINS PEREIRA

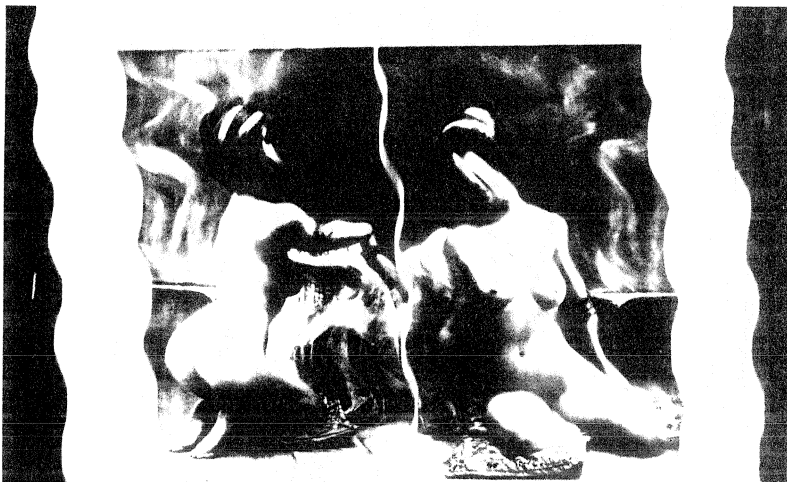


ILUSTRAÇÃO DE FERNANDO TORRES

A INFLAÇÃO DOS DESEJOS

FALA-SE MUITO DA INFLAÇÃO PROPRIAMENTE dita. Muito menos da inflação dos desejos — de consumo. Ora é desses que o sistema se alimenta, são esses que, à força de milhões de contos cada ano, a publicidade constantemente estimula. A pressão publicitária é tal que, na área do consumo, se quebra a tradicional e lógica associação entre as ideias de “desejo” e de “liberdade”: os desejos de consumo são hoje condicionados. Deseja-se o que se viu na televisão ou se ouviu no rádio, e tanto mais obsessivamente quanto se sabe que o amigo ou o vizinho “já têm”, que mesmo o merceiro ou o porteiro “já têm”, como se se temesse ser o mais desprezível dos cidadãos, o último a ter aquilo.

Os desejos de consumo têm a particularidade de ser, paradoxalmente, desejos pobres: satisfazem-se com um simples acto de compra, o que está longe de suceder com a maioria dos outros desejos, pelos quais temos de nos bater por vezes anos a fio, empenhando inteligência, imaginação, sedução, e ganhando por acréscimo, ao concretizá-los, o prazer da dificuldade. Para consumir, é pois necessário dispor de dinheiro, e isso chega. Sucede que quase ninguém tem o dinheiro à altura dos seus desejos de consumo, para mais inflacionados pela publicidade devoradora. Que fazer? Renunciar-lhes, não é fácil, pois já estão “cá dentro”, e depois há os vizinhos, os amigos, o merceiro, etc., etc. Trata-se então de inventar o dinheiro. E aí reconheça-se que por vezes a imaginação irá ter o seu papel.

PAGAMENTOS SUAVES E COMPRAS EM GRUPO

Uma primeira solução: o endividamento. O ideal seria pedir aos amigos, mas é preciso tê-los abonados e inventar uma aflição convincente. Por isso o mais comum é o recurso às prestações, sistema obviamente aliciante: não diz a publicidade, sempre ela, que se trata de “pagamentos suaves”? E é então que famílias inteiras vão conhecer o estra-

nho fenómeno da transferência de obsessões, aliás ela-própria ilusória: passa-se da obsessão de ter à obsessão de pagar. Porquê ilusória? É que a primeira é interminável, o desejo de consumo nunca se satisfaz, a publicidade, e os “outros”, supostamente nossos rivais, estão sempre a suscitar-nos novos desejos: até os preservativos são cada vez mais sofisticados, o prazer mais democraticamente repartido a entrar na área do consumo, a pesar do orçamento. Mas voltemos a atrás, à obsessão de pagar. Quando se começam a somar as suaves prestações da televisão, da máquina de lavar, do HI-FI, do vídeo, da enciclopédia, da última colecção de 10 cassetes de “Música romântica” das Selecções, enfim do automóvel, o voraz consumidor descobre que as suavidades não são aditivas, isto é, que o resultado é simplesmente um pesadelo. Resta-lhe conseguir umas horas extraordinárias, arranjar uns ganchos ao fim de semana, pôr a mulher a fabricar montanhas de rissois para casamentos e baptizados (ou também a fazer horas se for empregada), deixar o carro à porta, cortar na semanada do miúdo — e, naturalmente, não ter um minuto sequer para ver televisão, folhear a enciclopédia ou ouvir música romântica.

Uma variante é a das “compras em grupo”. Pacatos e bisonhos cidadãos, que nunca deram um passo para fazer em grupo fosse o que fosse, vêem-se inseridos em grupos unidos pelo comum “ideal” do consumo. Mensalmente se reúnem esses “militantes” em privativos sorteios, cuja excitação maior é talvez o desejo de muitos dos presentes de que “não lhe saia já” o apetecido objecto. Mas fazem-se conhecimentos, discutem-se marcas, ouvem-se sugestões dos mais sabidos — e acontece que, para não ficar mal visto, se acaba por comprar uma marca ou um modelo mais caros, aumentando as já pesadas prestações mensais... E, no fim da

“reunião”, sai-se apressado, que o tempo é pouco para esfolar os 10 ou 20 contos que pingam cada fim de mês.

Outra atitude face ao mesmo problema da inevitabilidade do consumo, é a dos que preferem a solução de “pagar menos” à do “pagar depois”. Ai temos então a chamada “economia paralela” para dar resposta a estes consumidores. São as feiras várias (a do Relógio, a de Carcavelos, a da Praça de Espanha) e são os genericamente designados “ciganos” que povoam os passeios e terreiros de Lisboa e arredores. Toda esta gente beneficia da publicidade sem ter de a pagar: é que, quando a televisão anuncia o vídeo ou a máquina de lavar das marcas A ou B, o que está em definitivo a despertar é o desejo de um vídeo ou de uma máquina de lavar. É claro que ter uma Miele ou um Pioneer seria o ideal, mas por metade tem-se uma marca desconhecida que (isso não sabem os consumidores) saiu afinal da mesma fábrica e em nada difere das marcas que andam nas bocas do mundo. Mas por este mecanismo o consumidor é socialmente penalizado, além de julgar que teve de arriscar alguma coisa por não ter dinheiro que chegasse para comprar um produto de “melhor qualidade”. Segundo a “teoria”, ele irá trabalhar “mais e melhor”, para bem de todos, por forma a poder um dia escolher a marca que entender.

A economia paralela é, aliás, ótima para toda a gente: é uma procura que não gera inflação (pelo contrário, obriga o comércio “oficial” a conter os preços, se não mesmo a baixá-los), contribui para atenuar as “tensões sociais” eventualmente geradas pela impossibilidade de satisfazer as expectativas criadas pela publicidade, cria uma oferta ajustada ao poder de compra de milhares de consumidores pouco abonados, a grande maioria (e aí se incluem também os jovens, tão solicitados pela publicidade

de). Por tudo isto se compreende, face aos protestos dos comerciantes, a benevolência dos governos para com este sector “marginal”, esta “concorrência desleal”, o contrabando que em tantos casos os suporta. E o consumidor tem por vezes inesperadas compensações: “em que boutique compraste isso?”, ouve dizer uma moça vestida na Feira de Carcavelos...

Mas o “grande comércio” está atento. Os hipermercados foram feitos para estes mesmos consumidores. Vai-se lá comprar duas ou três coisas, porque são mais baratas, mas sai-se de lá com dez ou vinte: gastou-se o triplo, mas satisfizeram-se insuspeitadas necessidades que, no momento, pareceram inadiáveis.

UMA MASSA DE FRENÉTICOS COMPETIDORES

Assim se passam as coisas, mas isso não quer dizer que a questão do consumo possa ser colocada em termos morais ou normativos. Nada me permite condenar seja quem for por desejar ter um compact disc ou mesmo um iate, nem sequer por na sua escala de desejos, o automóvel estar acima das roupas ou do calçado para os filhos. Quer se queira quer não, o problema é de ordem política, económica, ideológica — tudo junto, naturalmente.

Ele está no simples facto de haver interesses que induzem a ideia de que a “felicidade”, e a “ascensão social”, se identificam com a posse de certos objectos, de muitos objectos. Que sobrevalorizam, de entre os múltiplos papéis e comportamentos de um indivíduo em sociedade, o de consumidor. E sabidamente lhe explicam que é isso que “faz funcionar a economia”, que “cria empregos”, que gera “riqueza”, a tal que a “sociedade” por todos equitativamente distribuirá. Pouco falta para se lhe dizer que é mesmo isso a essência da democracia.

Penso por vezes o que aconteceria se durante alguns meses os consumidores fizessem greve a todas as compras não estritamente indispensáveis. Onde o mercado é rei, é claro que esta seria a suprema subversão. Sucede que os comportamentos de consumo, sendo em larga medida comportamentos de imitação social, não geram solidariedades, nem despertam acções colectivas: pelo contrário, o império dos desejos (de consumo) integra os indivíduos numa massa de frenéticos competidores.

Em outras ocasiões, a mesma “sociedade” sobrevaloriza no indivíduo o papel de eleitor, e elogia-lhe o surpreendente civismo. Outras vezes, o de soldado, e nele espelha as virtudes pátrias. O indivíduo nunca é considerado como uma pessoa total, é repartido por gavetas que se abrem quando convém. Sempre às ordens, com as escolhas pre-determinadas, sem participação. Seja a mão que comanda visível, ou invisível.

TRÊS DISCURSOS SOBRE O DESEJO

JOÃO MARTINS PEREIRA

I

o apetecimento

DESEJO, PULSÕES, VONTADE – SOBRE ISSO TÊM REFLECTIDO filósofos, psicólogos, sociólogos, sem falar nos imprescindíveis psicanalistas e simpatizantes; sobre isso têm abundantemente dissertado, desenvolvido teorias, escrito livros, elaborado teses. O “apetecimento”, esse, nunca teve estatuto teórico, tem sido parente pobre do desejo ou da vontade, quase sempre associado aos gestos e movimentos do quotidiano: apetece ou não comer, beber, ir ao cinema, ao futebol, à casa de banho. Ou então, na relação com o outro, é simplesmente a versão plebeia, ou colorida, de sentimentos ou estados de espírito identificáveis, que não exigem explicação. “Apetece-me estar contigo”, “apetece-me ver-te”, no limite “sabes o que me apetece?”, são expressões quase reservadas a enamorados, ou candidatos a isso, e sugerem intimidade, são a face comzinha desse monstro teórico que é o desejo. Só um amante intelectual, dos presumidos, dirá ao seu amado “desejo-te”: “apetece-me fazer amor (ou ir para a cama *tout court*)” é o que se usa sem cair em grosserias, quando é preciso usar alguma coisa. O apetecimento surge, nestes casos, como a mera fala do desejo. “Apetece-me largar tudo e ir dar a volta ao mundo” ou “apetece-me estrafegar o Cavaco” são obviamente inofensivos desabaços, fúteis na sua desmedida, que ninguém leva a sério e até muitos acharão salutares, se não se tornarem obsessivos. O apetecimento é aqui a fala de uma revolta momentânea, inconsequente, ou nem isso, talvez apenas um estilo de linguagem, frequente naqueles que reservam ao discurso os excessos da emotividade.

Suponhamos agora que chego a casa e alguém me diz “hoje não fui ao emprego, não me apeteceu”. Pergunto, inevitavelmente, “estás doente?”, denunciando ser essa, para mim, a única razão plausível para o facto incomum. Respondem-me “Que ideia?! Simplesmente, não me apeteceu”, e provavelmente não se passa mais nada, a extravagância deixa-me desconfiado, mas é tudo, até ver.

Este caso é, porém, dos que deveria pôr-nos a pensar. É que o apetecimento nem sempre se limita a ser um modo de falar, ou de exprimir “outras coisas” para que há termos mais eruditos. E quando não é isso, impõem as regras do convívio social que se escamoteie o apetecimento por detrás de razões e justificações que “se devem” ao interlocutor: faltou-se a um encontro, não se fez um telefonema importante, atrasou-se o prazo de entrega de um trabalho, recusou-se um convite, *sempre* por

motivos que se procura, melhor ou pior, justificar. Não é normal, voltando à situação referida atrás, faltar-se ao emprego “*simplesmente* porque não apetece”, sem mais explicações. O apetecimento não é socialmente aceite como a sua própria explicação, porque se trata de um estado de espírito que a razão *não sabe* dizer. Por isso mesmo desarma o interlocutor, subverte de algum modo a relação com o outro (eu “fiquei desconfiado, até ver” – isto é, ficarei apreensivo, se se repetir). A vida social é construída sobre o dever, a regra, o constrangimento, a responsabilidade. O apetecimento foge a esse modelo obrigacional, o seu lugar é nos interstícios, ou no exterior, do sistema. Um tipo que falte ao trabalho com frequência e que dê como única justificação “que não lhe apetece”, se não está doente fisicamente, só pode estar afectado mentalmente, é o que pensarão os outros, num processo que o tende a colocar “do outro lado”, do lado dos que, falhos de razão, não têm lugar no *interior* do dispositivo social.

O apetecimento não é deste mundo. Porque é condição daquilo a que, à falta de melhor, chamarei felicidade. Como se pode “ser feliz” levando a vida a violentar os apetecimentos, a fazer tudo o que não apetece? Estreitando o campo, a quantos apetece o trabalho que fazem? E que outro lhes apeteceria? Provavelmente não sabem, limitam-se a imaginar apetecimentos, de qualquer modo irrealizáveis. Há quem se apanhe a dizer “apetece-me nem sei o quê”, outro modo de enunciar o apetecimento de um apetecimento, que fosse exprimevel, definido, como se isso chegasse para o satisfazer. Ser capaz de formular o apetecimento é, pois, já uma conquista, uma quase ousadia – mas também quase sempre uma frustração.

Esta sociedade, cujos valores maiores são hoje o dinheiro, o “prestígio”, o triunfo, só aceita os apetecimentos efémeros, que atravessam os tempos *mortos*, e disso é feita, muitas vezes, a felicidade que nos é permitida. Desgasto-me num trabalho desinteressante, mas defendo-me pensando no copo que vou beber com os amigos, no filme que vou ver, na pesca do fim-de-semana, no desejo físico que me assalta a meio de uma tarefa profissional, no Sporting-Benfica do próximo domingo, e por aí fora. E nisto até há uma sábia compensação, pois quanto mais me ocupo em tarefas não-apetecidas, maior o prazer que retiro do apetecimento, e da coisa apeteçada.

Esses são, no entanto, apetecimentos veniais, interiores ao sistema e que, por isso mesmo, o reproduzem. Extravagante e suspeito, subversivo, é o apetecimento em que se fundem todas as desordens, todas as recusas e todos os desejos, todas as fantasias, todas as alegrias imaginadas – todas as revoltas. Aquele que faz alguém no seu melhor juízo

“não ir ao emprego porque não lhe apetece”. Ou insultar um chefe insuportável, porque foi isso que sempre lhe apeteceu. Ou ocupar a casa com que sempre se sonhou, no dia em que a autoridade se esvaiu. Ou seduzir o mais proibido dos amantes. Ou, algumas vezes, escrever um texto explosivo.

De *O dito e o feito*, ed. Salamandra, pp. 204-207

II

mostra-me alguém para desejar

INDUÇÃO. O SER AMADO É DESEJADO PORQUE alguém lhe mostrou que ele é desejável: por muito especial que seja, o desejo de amor descobre-se por indução.

1. Pouco antes de se apaixonar, Werther encontra um jovem criado que lhe conta a sua paixão por uma viúva: “A imagem desta fidelidade, desta ternura, persegue-me por toda a parte e, como que queimado por este fogo, sinto-me esmorecer, consumo-me”. Depois disto nada mais resta a Werther senão apaixonar-se por Carlota. E a própria Carlota ser-lhe-á designada antes de ele a ver; na carruagem que os leva ao baile, uma amiga amável diz-lhe quanto Carlota é bela. O corpo *que vai ser amado* está, de antemão, cercado, manejado pela objectiva, submetido a uma espécie de efeito zoom, que o aproxima, o aumenta e leva o sujeito a nele encostar o nariz: não é ele o objecto *cintilante* que uma mão hábil sedutoramente exhibe diante de mim e que me vai hipnotizar, capturar? Este “contágio afectivo”, esta indução, parte dos outros, da linguagem, dos livros, dos amigos: nenhum amor é original. (A cultura de massas é uma máquina feita para mostrar o desejo: eis o que vos deve interessar, diz ela como se adivinhasse que os homens são incapazes de encontrar por si sós alguém para desejar). A dificuldade da aventura de amor reside nisto: “Mostrem-me alguém para desejar, mas em seguida desapareçam!”, inumeráveis episódios em que me apaixono por quem é amado pelo meu melhor amigo: todo o rival foi inicialmente mestre, guia, apresentador, mediador.

2. Para te mostrar onde está o teu desejo, basta proibir-te *um pouco* (se é verdade que não há desejo sem proibição). X... deseja-me ali, perto dele, mas deixando-o *um pouco livre*: submisso, ausentando-me por vezes, mas permanecendo *pouco*

afastado: é preciso, por um lado, que esteja presente, criando a proibição (sem a qual não haveria bom desejo), mas que também me afaste no momento em que, formado já este desejo, me arriscasse a estorvá-lo: é necessário que eu seja a Mãe suficientemente boa (protectora e liberal) à volta da qual brinca a criança enquanto ela cose calmamente. Tal seria a estrutura do par “bem sucedido”: um pouco de proibição, muito jogo; designar o desejo e depois deixá-lo, à maneira destes indígenas amáveis que nos indicam o caminho certo sem, no entanto, se incomodarem em acompanhar-nos.

FREUD, *Essais de psychanalyse*, 89.
LA ROCHEFOUCAULD: “Pessoas há que nunca se teriam apaixonado se nunca tivessem ouvido falar do amor”

STENDHAL: “A beleza é a fonte necessária do nascimento do amor; predispo-nos para a paixão pelos elogios que ouvimos dar a quem iremos amar” (*De l'Amour*, 41).

De *Fragmentos de um discurso amoroso* Edições 70, 175-176

III

da sabedoria popular

OLHOS que vêem, coração que deseja. Não se deseja o que o olhar não veja. OLHAR para a noiva não mata a sede. MAU é ter os olhos maiores que a barriga. O VENTRE sacia-se, os olhos não. QUEM boca beija boca não deseja. BOCA que se beijou nunca mal se desejou. O QUE a boca apetece o coração deseja. CORAÇÃO que suspira não tem o que deseja. SE o teu amor for doce não o comas todo. MAIS vale fome que fastio. A MELHOR mostarda é a fome. A GANA de comer não há mau pão. SE mais temos, mais apeteçemos. QUANDO manda o apetite paga a bolsa. ONDE manda a razão obedece o apetite. A QUEM nada deseja nada falta. QUEM quer mais do que lhe convém perde o que quer e o que tem. QUEM tudo quer tudo perde. TEM bastante quem com o que tem se contenta. FELICIDADE e desejo não podem juntar-se. FELIZ é quem só quer o que pode e só faz o que deve. ENCURTA desejos – alongarás a vida. QUANTO uma coisa é mais vedada, mais é desejada. QUANTO mais apartado mais desejado. MAIS vale fazer-se desejar do que ser importuno. COISA muito desejada não há guardada. A PRESA nos desejos é tardança. NÃO sejas preguiçoso – não serás desejoso. DESEJA o melhor e espera o pior. UMA COISA se deseja e outra é bem que seja. QUEM menos merece mais deseja. QUERER é poder. CADA um sonha como vive.

NATAL 89

O GRITO!

ASSINADO POR ANGÉLICA TOQUITO, MARIA HELENA CARMO, MARIA MANUEL Everard e Natércia Campos, recebemos o seguinte grito:

"Não há Hossanas no nosso Natal! Há raiva, revolta e um grito cortante que pretendemos rasgar muros brutais e consciências acomodadas em sofás, lareiras, bolas brilhantes e fitas coloridas.

Somos as 4 mulheres (conosco 2 crianças) presas políticas e burocráticas só porque não fizemos dentro do prazo, um requerimento ao Tribunal Constitucional, como fizeram atempadamente os réus do 1.º processo FUP/FP 25, o que lhes permitiu a liberdade.

Estabelecimento Prisional de Lisboa, EPL 18/12/89"

IMPRENSA

AUTÁRQUICAS E JORNALISTAS

NA REVISTA "GRANDE REPORTAGEM", em exaustiva análise à política nacional na década 80, Miguel Sousa Tavares deixa-nos boquiabertos com a sua peremptória conclusão: "No horizonte próximo, ninguém em seu perfeito juízo se pode atrever a prognosticar o fim do cavaquismo".

Três dias depois, no "Expresso", Joaquim Vieira afirma que Jorge Sampaio se tornou "na primeira alternativa credível a Cavaco desde que o actual primeiro-ministro subiu ao poder". E acrescenta que, com a ajuda da provável descida na influência eleitoral dos comunistas, "Portugal parece entrar na via da aliança democrática, etc, etc...". Isto é, atrevesse a prognosticar o fim do cavaquismo.

Terá o segundo dos ilustres jornalistas perdido o juízo? Bebido uns copos? Nada disso. O que acontece é que foi o primeiro dos ilustres jornalistas quem teve "pouco juízo" e se atreveu, ele, a fazer sábias previsões... antes das eleições autárquicas. Como só saíram depois, tornou-se, ele, o candidato mais sério à "gaffe" do ano.

Mas, pela minha parte, não recusaria o título de "malabarista do ano" ao corpo de redactores de política nacional do próprio "Expresso". É ver o modo como evitam dizer, preto no branco, que, na noite das eleições, Cavaco mentiu descaradamente ao falar na televisão. Toda a gente se deu conta disso, menos a D. Maria João Avilez e, pelos vistos, esta rapaziada. Que dizem eles da dita comunicação? Joaquim Vieira fala de "miopia" e diz que o primeiro ministro vive "num mundo de fantasia". J.A. Lima refere "obstinação desastrosa" e, noutro texto, vai mesmo ao ponto de desculpar Cavaco, dizendo-o "inexplicavelmente mal-informado". Enfim, H. Monteiro, esse, diz

que "o PSD não foi o maior partido nas autárquicas, nem obteve o maior número de câmaras, como Cavaco Silva, na própria noite das eleições vaticinou!". Mas ele não vaticinou nada, ele afirmou com a maior das certezas, como afirmou sem rodeios que os aumentos de votação no PS foram na totalidade à custa da CDU, outra escandalosa mentira.

Ainda o Cavaco se queixa dos jornalistas! Bem avisado andou o J.A. Saraiva - que tanto se bateu pelo PSD, tanto fez para "diminuir" Jorge Sampaio (desde que ele chegou a secretário-geral) - em não aparecer sequer nas páginas deste "Expresso", a não ser no cabeçalho...

j.m.p.

ELEIÇÕES

CADA SARDINHA...

CADA UM PUXA A BRASA À SUA SARDINHA - e o PSD pode ainda tentar continuar a apresentar-se como o maior partido, apesar de ter perdido todas as grandes cidades, o PS embandeira em arco, o PCP faz das posições mantidas uma virtude. Mas a realidade é bem mais complicada: o PSD é o grande perdedor, iniciando-se a grande virada eleitoral e política. Enfraquecido, perdida a confortável diferença em relação às oposições, o governo está agora submetido às lutas de barões descontentes, está sujeito às clientelas desempregadas e ao medo de perder. Fraca consolação será o afastamento de Marcelo Rebelo de Sousa da corrida para a liderança do PSD; é agora, e desde já, o próprio lugar de Cavaco que começa a estar em causa.

O PS surge como o grande vencedor das eleições, em Lisboa - na Coligação - no Porto e em Coimbra, beneficiando nitidamente da quebra eleitoral do PCP e do descontentamento com o governo. Evidentemente, esse resultado, somado à iniciativa de Sampaio apresentando-se como candidato em

Lisboa, tende a normalizar a vida interna do partido, marginalizando a oposição gamista e fazendo confluir à volta do secretário-geral grande parte das correntes internas. Mas também é certo que o PS não pode desenharmos um caminho tranquilo até uma vitória em 1991: porque as eleições legislativas são um terreno muito mais difícil para enfrentar o PSD, porque a exigência política supera em absoluto o que está em jogo nas municipais e, sobretudo, porque a esquerda vai dividida para esse confronto eleitoral e o PS continuará a ter a mesma dificuldade em fazer passar a demagogia e presunção de vencer sozinho a direita, destruindo as restantes componentes da esquerda. Do que se trata é mesmo disso: estas eleições abrem dois anos de grandes realinhamentos à esquerda e de lutas políticas, de disputas pelas áreas de influência. A esquerda só ganhará se a esse confronto corresponder uma grande mobilização social dos trabalhadores e dos movimentos populares - nenhuma outra vitória pode abrir a porta para a mudança da política governamental.

f. i.

EMIGRAÇÃO

NATAL UNIVERSAL

PASSAMOS A TRANSCREVER PARTE DO texto que os emigrantes portugueses tiveram a felicidade de receber gratuitamente ao passar a fronteira, na quadra natalícia, subscrito pelo Secretário de Estado das Comunidades Portuguesas, Manuel Filipe Correia de Jesus, que, deste modo, uma vez mais se dirige aos seus "caros compatriotas":

"Quando no mundo se assiste a mudanças de consequências imprevisíveis, é reconfortante pertencer a uma Nação velha de muitos séculos, que nas cinco partidas do Mundo dá testemunho de tolerância e humanismo, que se mantém igual a si própria, na sua língua, na sua cultura, nos seus valores e tradições. É também reconfortante sentir a intensidade dos laços afectivos e culturais que a todos nos unem.

Celebrar o Natal é igualmente envolvermo-nos com as vivências profundas do nosso Povo, recordar a epopeia dos Descobrimentos e orgulharmo-nos dessa gesta actual que os portugueses espalhados pelo mundo realizam no seu dia a dia".

Para lá de agradecer aos autores desta "gesta", o autor não se esquece de agradecer mais especificamente aos nossos representantes diplomáticos e consulares, aos que no estrangeiro estão ao serviço do Estado Português, aos que têm responsabilidades de direcção nas diversas organizações de portugueses e, finalmente, a "todos

quantos no campo religioso prestam um importante apoio espiritual e moral aos portugueses que vivem no estrangeiro".

Correia de Jesus manifesta ainda a convicção de que "todos juntos vamos continuar esta obra de preservação e divulgação da presença de Portugal no Mundo" e termina lapidariamente: "Convosco, com todos nós, o Natal português é, afinal, um Natal universal".

JUSTIÇA

CARO PENSIONISTA

OS PENSIONISTAS RECEBERAM, EM casa, nas vésperas das eleições, uma carta do senhor ministro Penedo, perdão Peneda. Carta personalizada, tipo atendimento B.C.P. (Banco Comercial para homens Portugueses).

Diz-se e escreveu a imprensa que largas centenas de contos foram gastas neste gesto de personalização.

Mas, afinal o que é que o ministro Penedo, perdão Peneda escreveu na dita missiva, para além de desejar, manuscritamente, um bom Natal e um feliz Ano Novo? Escreveu frases

importantes, lapidares e afirmações pré-eleitoralmente memoráveis, tais como:

"Os pensionistas são dos grupos mais vulneráveis da nossa sociedade!" (atenção nada de confusões com grupos de alto risco!).

"Hoje já vamos em 17 000 000. Em 4 anos, um aumento de 209%!" (Não confundir com os 56% do Governo).

E remata para a História, dizendo: "Não é nada fácil recuperar décadas de atraso e injustiça social".

Palavras para quê! - É um ministro português.

José geraldés

PSD

CORRUPÇÕES E BOAS MANEIRAS

A ONDA LARANJA ESTENDEU-SE A todos os lugares do aparelho de Estado, de tal modo que hoje já se pode falar na nomenclatura PSD. As notícias abundam, e vale a pena fazer um breve resumo para que conste.

Segundo o semanário "O Jornal" de 19.5.89, o marido de uma deputada PSD é colocado na administração de um hospital de Aleitoão, o irmão de Dias Loureiro foi nomeado para Cantanhede, um comerciante de cutelaria, também do partido, para o hospital de Guimarães, um ex-assessor de Beleza passa a dirigir o S. Francisco Xavier. O protesto unânime dos sindicatos médicos tem sido evidente: o perigo de governamentalização das carreiras está, assim, directamente relacionado com a contestada estrutura de gestão dos hospitais. Ao director do hospital, nomeado pela ministra, cabe a presidência e a nomeação do júri de provas a efectuar pelos médicos, bem como a indicação do director clínico e dos directores de serviços.

Mas há outros casos. Em Junho deste último ano foi descoberto um buraco de dois milhões e seiscentos mil contos no pelouro de pessoal da Câmara Municipal de Lisboa, de que era responsável um vereador PSD. Como consequência imediata, faltou dinheiro para pagar ao pessoal.

Um mês depois, sabia-se que a maioria parlamentar tinha sonogado o imposto complementar de Cadilhe. De facto, os deputados socialistas tinham requerido que aos autos da Comissão de Inquérito fossem apensadas as declarações do imposto complementar de Miguel Cadilhe com o objectivo de se poder provar se o ministro conside-

continua na página seguinte

CARTOON DE FERNANDO TORRES



COMBATE ACTUAL, JANEIRO 90

continuação da página anterior

rava ou não como rendimentos os andares adquiridos em Lisboa. A pretensão foi rejeitada. Entretanto, a empresa de urbanização das Amoreiras enviou uma carta à Comissão, esclarecendo que recebeu um total de 11 500 contos correspondentes ao valor do andar de edifício Stropm. O ministro declara que ignora este pagamento, que não se encontra suportado por nenhum recibo, segundo os jornais.

Sabe-se entretanto que o ministro Cadilhe recebe ajudas de custo pelo facto de estar "deslocado" em Lisboa, apesar de aí ter casa própria onde habita. Assim tem ido a cavaliandia.

Rogério Duarte

ANUNCIO

O MURO DE PAPEL

É TÃO SIMPLES COMO ISTO: VIRA-SE A página e o guarda (carrancudo e com ar de poucos amigos, que vigia os perigos do Ocidente, espicado do outro lado do Muro, com a porta de Brandeburgo em fundo) transforma-se num sorridente rapaz simplesmente fardado, descontraído, confiante nas alegrias que vêm de cá; vira-se a página e o Muro pintado de garatuvas (impenetrável ao viajante do Ocidente, de saco



na mão, que tenta espreitar por uma fenda da parede os infernos do lado de lá) fica 2 vezes maior (2 páginas), abre uma brecha que chega para albergar um texto publicitário e 10 ocidentais de variadas idades rodeiam, todos muito animados, um carro vermelho, aos pés do que resta do muro (e que ainda é bastante): uns passeiam, outros esperam, outros olham, outros fotografam e há mesmo uns mais activos que ajudam à destruição da parede.

O Comunismo é um Tigre de Papel e a Cortina de Ferro é mesmo um Cortinado de Gaze.

Na página de trás - o passado - era a barreira. Entenda-se: a barreira das 12 prestações na compra de automóveis. Com o virar da página, as duas páginas que se seguem, centrais nas revistas de actualidade que incluem esta publicidade, são o presente bom e o futuro ainda melhor: aqui não há barreira, há multicrédito. Melhor dizendo: crédito em 12, 13 ou 14 prestações. É, como se diz em baixo, um crédito sem barreiras. Como o amor com Rendels.

Na brecha do Muro de Berlim, em frente da porta de Brandeburgo, a explicação é clara: "Multicrédito é o novo sistema de crédito que lhe permite libertar-se da opressão das 12 prestações. Quer ver como é fácil saltar o muro?"

Com o sistema multicrédito, você conquista o acesso a incomparáveis prestações para toda a gama Peugeot, pagando ao ritmo dos seus rendimentos. Você pode pagar em mais prestações. Assim, cada prestação é mais baixa e o seu rendimento disponível aumenta.

Para si, que merece o sistema Multicrédito, não há reserva de propriedade. O carro fica imediatamente em seu nome. O seu a seu dono. Multicrédito derruba barreiras burocráticas. A confirmação do crédito é mais rápida, porque você só lida com o seu vendedor. Comprar automóvel pelo sistema Multicrédito é também valorizá-lo, porque só há lugar a um averbamento. E você ainda beneficia de um seguro de vida. Conheça sistema mais lucrativo e tranquilo?

Estas são algumas das razões que fazem de Multicrédito o sistema mais avançado".

O Muro de Berlim foi o que foi. Agora, rapidamente recuperado para cenário de publicidades várias, continuará a servir para o que se quiser. Para isto e para o que ainda se verá. A procissão vai ao adro.

e.d.

RDA

FAZER A HISTÓRIA

ACHIM TRABALHA NUMA GRANDE empresa estatal na RDA: 2700 operários que trabalham a carvão industrial. É também um dos animadores de uma iniciativa que abrange diversas empresas para a criação de um sindicato independente. Responde aqui às perguntas de Sabine Minde, nossa correspondente em Berlim.

Combate - Foste um dos redactores do apelo pela criação de sindicatos livres. Qual é, na tua opinião, o papel actual da central sindical oficial na RDA?

Achim - A FDGB tem evidentemente um papel: gere todo o sistema de segurança social, trata da construção e gestão dos alojamentos familiares para os trabalhadores, das viagens organizadas para férias - é por estas funções que o sindicato é reconhecido e que os trabalhadores se lhe dirigem.

Mas, no que diz respeito aos nossos interesses, aos nossos salários, às nossas condições de trabalho em geral, não hesito em dizer que isto não é um sindicato.

C - No entanto, existe uma taxa de sindicalização muito elevada.

A - É verdade, anda à roda dos 98%. Não são adesões pelos motivos militantes, mas pelo que disse ainda agora. Muitas vezes também, é uma

sindicalização obrigatória, quando entra na empresa.

C - Dizes que a FDGB nunca exigiu a redução do tempo de trabalho. Como são as condições de trabalho na RDA? A - O tempo de trabalho semanal é normalmente de 43 a 45 horas. Há doze anos, por iniciativa do governo, foi votada uma lei que reduzia o horário a 40 horas, a começar pelos trabalhadores que funcionam em equipas e pelas mulheres com filhos. Desde então, nunca mais se ouviu falar disso. Por outro lado, quando o governo decidiu regular nacionalmente o tempo de férias anuais, anulou todos os ganhos suplementares impostos em algumas convenções de empresa. Não houve nenhuma reacção pela parte dos sindicatos. Agora, com a emigração massiva para a RFA, existe um novo argumento: "nem pensem que se pode reduzir o tempo de trabalho com esta escassez de mão de obra".

C - Aparentemente, o vosso apelo não é a primeira tentativa de criar sindicatos independentes. O que é que sabes disso? Pensas que uma parte importante dos trabalhadores compreende essa necessidade?

A - Já tivemos eco de várias tentativas nesse sentido. Infelizmente, o monopólio absoluto do partido sobre a informação não nos permite ainda ter muito conhecimento acerca desse passado recente. Tentei encontrar-me com um trabalhador que tinha lançado a iniciativa de um sindicato independente, mas ele já tinha sido transferido para a Bulgária. O que, aliás, mostra mesmo que este é o ponto sensível do sistema. Ao nível das empresas, no entanto, a organização da contestação ao sistema está ainda atrasada em relação à contestação política. É um atraso que é necessário superar.

C - Surpreende-me por vezes a vossa ousadia e desprezo por qualquer ameaça repressiva. É como se as precauções devessem ser consideradas um recuo.

A - O que sei é que nestes momentos é necessário ter coragem. Hoje, no Leste, estamos a fazer a História. Vivemos uma oportunidade histórica que é absolutamente necessário agarrar. É um momento que espero desde há vinte anos.

ROMÉNIA

O FIM DO ESTERTOR DE UMA IDEOLOGIA

SEMPRE ACTUAL NAS ÚLTIMAS SEMANAS, a Roménia tem sido notícia de caixa alta em todos os órgãos de comunicação social.

Em poucas semanas, a couraça protectora de um dos regimes burocráticos mais repressivos do Leste, voou em estilhaços sob o impacto de enormes e persistentes demonstrações de repúdio popular.

Timisoara foi o centro do arranque dessas mobilizações. Ai nasceu a primeira forma de auto-organização popular, o Comité para a Democracia Socialista, encarregado de organizar a luta contra a repressão e a ditadura.

Disto, nenhum órgão de comunicação social se fez eco. E tudo o que saltou para as primeiras páginas foram as misérias do regime de Ceausescu.

Ao repúdio imediato e generalizado da repressão que se abateu sobre o povo romeno, sucedem-se as teorizações sobre os modelos a seguir à medida que se vai consolidando o novo poder da Frente de Salvação Nacional.



De novo aqui, o debate deve ser de ideias e pouco de manifestações mais ou menos folclóricas. Ao esperado regozijo com que os arautos das "democracias" ocidentais gabam as virtualidades das economias capitalistas, haverá que opor uma ampla discussão sobre as raízes do impasse a que chegaram as economias de planeamento central tal qual existem.

Por isso, mais do que analisar os méritos ou deméritos de um regime autocrático construído com o cunho pessoal de Ceausescu, o que está em causa é toda a arquitectura do modelo ideológico estalinista na qual assentou a usurpação de um poder, exercido, ao longo de mais de meio século, em nome dos trabalhadores e do socialismo em todos os países do Leste europeu.

Não foi, obviamente, essa a perspectiva dos novos dirigentes na Roménia. O julgamento e a execução sumária de Ceausescu e mulher mais pareceu uma maneira expedita de uma parte da ex-"nomenklatura" se furtar ao apuramento completo das responsabilidades do que uma forma de ser consequente no repúdio do anterior regime de dominação burocrática.

h.s.

LIBERDADE

PANAMÁ E BUCARESTE

MUITOS MILHARES MORRERAM NA Roménia, e ainda continuam a morrer no momento em que escrevo. Mas Ceausescu caiu e já foi executado.

Venha o que vier a seguir, os romenos podem imaginar que, na rua ou seja onde for, a partir de agora têm uma palavra a dizer na construção de uma sociedade em que a liberdade tenha algum sentido - nem que seja o de ter de ser, como sempre, conquistada palmo a palmo.

No Panamá, também o ditador caiu. Também morreram muitos. Mas, para os panamanios, tudo o que podem esperar é continuar, como desde que assim se chamou, a ser uma mal disfarçada colónia americana. Terão, como sempre tiveram, a "democracia" ou os ditadores que mais convirão aos americanos. Nada de novo, pois. Os que morreram foram gratuitamente assassinados. Nenhum dos campos se batia pela liberdade dos panamanios.

j.m.p.

VIDEO

INTIFADA EM JOGO

A CENA REPRESENTA UMA RUA TÍPICA da Cisjordânia, lojas fechadas e grafitis nas paredes. Você é um soldado em território estrangeiro, enfrentando uma multidão de palestinianos, que atiram pedras. Explodem cocktails Molotov à sua volta. Tem consigo bombas de gás lacrimogénio, balas de borracha, munições reais. Que fazer? Parece verdade, mas não é. É um jogo-video, com grande sucesso entre os jovens israelitas, e que se chama Intifada.

O jogo tem seis níveis de dificuldade, e cada um corresponde a um diferente ministro de Defesa, que dá as suas próprias ordens. Começa com instruções rigorosas: só pode usar o lacrimogénio e as balas de borracha, as munições reais estão proibidas. Pode prender e atacar a multidão, tem que os neutralizar. Se é atingido por um cocktail, morre e vem uma ambulância buscá-lo. O écran explica então: "Você é uma nova vítima do terrorismo árabe". Tem, no entanto, mais uma chance. Tem direito então a receber um relatório que indica quantos palestinianos prenderu, quantos matou ou feriu, quantos estão no hospital. A sua pontuação é ainda influenciada pela opinião pública: se tiver seguido as ordens e atacado os palestinianos com agressividade e eficácia, será eleito um novo governo, desta vez mais à direita, e que vai dar instruções ainda mais agressivas aos soldados, que se defrontarão com novos perigos. Se conseguir passar por todos os níveis de dificuldade, chegará à fase final, em que o governo é dirigido pelo rabino Meir Kahane, da extrema-direita; terá então ordens para disparar indiscriminadamente. É de acrescentar que o Supremo Tribunal de Israel proibiu o rabino Kahane de participar nas eleições, sob a acusação de racismo.

De pequenino se torce o pepino.

f. l.

FRANÇA

MULHERES VIOLENTADAS

A SECRETARIA DE ESTADO DOS DIREITOS das mulheres decidiu lançar uma campanha de informação sobre as mulheres violentadas. O muro do silêncio e da vergonha que envolve as violências conjugais estaria, também ele, a ruir? Estimativas dizem que num lar em dez existem violências deste tipo, ou seja: há cerca de dois milhões de mulheres francesas em quem o marido ou o companheiro bate.

MODIFICAR A LEI E AS MENTALIDADES

Num programa de televisão em 23 de Outubro último, mulheres explicaram o conjunto de problemas com que se confrontam quando querem reagir: incompreensão, hostilidade por parte da família e das pessoas mais chegadas, indiferença por parte das forças da ordem, impossibilidade de encontrarem um lugar onde se refugiarem ou simplesmente se protegerem e também questões de dinheiro.

A polícia recusa muitas vezes intervir dado que não é obrigada a intervir num domicílio enquanto a vida da mulher não está em perigo! É necessária uma mudança de lei. Há que reconhecer como delicto o facto de se bater no cônjuge.

A percentagem de mulheres que apresentam queixa é pequena.

Muitas não ousam, têm medo. Outras retiram a queixa depois de pressões morais. Há associações que tratam da questão das mulheres violentadas que querem poder, elas também, apresentar queixa, o que permitiria que ela se mantivesse, mesmo quando a mulher tivesse sido levada a retirar a sua.

Apesar de serem elas as vítimas, são as mulheres que ficam na rua, às vezes de noite, frequentemente com crianças nos braços. Algumas encontram uma solução nos raros lares para mulheres violentadas ou refugiam-se em casa dos pais ou de amigos. Mas não são todas. Por vezes, sem solução, voltam para o domicílio conjugal e tudo recomeça. A mulher deve poder ficar com o apartamento, se quiser, e o homem é que tem que ser legalmente posto fora. Mas nem tudo se resolve deste modo. Muitas vezes é o problema financeiro que as obriga a ficar: ou estão no desemprego, ou têm um pequeno salário. Confrontamo-nos aqui com o problema da formação profissional e do lugar da mulher no mundo do trabalho.

Uma Campanha Limitada

No âmbito da campanha nacional, que decorreu de 15 de Novembro a 7 de Dezembro, foi difundido em todas as cadeias de televisão um spot

continua na página seguinte

A AVENTURA MERCAN'

"Capitalistas de todo o mundo, acordem! Na nova era, os únicos perdedores serão aqueles que reconhecerem demasiado tarde que têm um mundo a ganhar".

Fortune, 15-1-90

"Wall Street-sur-Danube"

Título de um artigo sobre a Hungria na revista A pour Affaires

"Para quê ir para a Coreia do Sul, se nos basta ir para o pé da porta?"

declaração recente de um director da Volkswagen

JOÃO MARTINS PEREIRA

SE SE PERGUNTASSE A UM TRABALHADOR EUROPEU ocidental se gostaria de viver num país sem desemprego, com um leque salarial reduzido, preços estáveis ao longo de dezenas de anos, rendas de casa fortemente subsidiadas e cuidados de saúde gratuitos — a resposta seria, sem hesitação, que "isso era o paraíso!" Isso eram, na generalidade, nuns casos até há poucos anos, noutros até há poucas semanas, os países de Leste. Os trabalhadores de lá tinham sérias razões para achar que não era o paraíso. Vamos ver porque, e em que sentido tudo está a mudar. Pacientemente — pois opiniões em cima do joelho é o que não tem faltado.

AS ECONOMIAS DE LESTE

Em termos de grandes números (e é nesses que os economistas ocidentais gostam de basear as suas eruditas análises), pode dizer-se que a maioria dos países do Leste europeu têm um nível de desenvolvimento e de "saúde" económica aparente próximo, ou mesmo francamente superior (casos da RDA e da Checoslováquia)... ao de Portugal.

Se observarmos o PNB *per capita*, não é difícil concluir que, em Janeiro de 1986, quando Portugal entrou na CEE, se, por absurdo, lá estivessem os seis países de Leste, ele deixaria de ser o país mais atrasado da Comunidade, para ser o penúltimo, à frente da Roménia. E hoje, "beneficiando" das crescentes dificuldades da Polónia e da Hungria (justamente os países mais reformistas...), teria talvez subido dois lugares.

Quanto à estrutura económica, também aí Portugal faria figura de menos industrializado do que todos eles, talvez com excepção (a curta distância) da Polónia: a população activa na indústria atinge nesses países mais de 45%, em Portugal 35% (estimativas ocidentais). E não se esqueça que Portugal ainda não é uma economia tão "avançada" que a mão-de-obra na indústria já tenha começado a declinar em favor dos serviços, como nos países capitalistas dominantes. Será a baixíssima produtividade industrial nesses países, tão apreçoada nas revistas internacionais, que explica tão alta percentagem de trabalhadores na indústria? Será, em boa parte, mas o facto é que, quando essas revistas falam de baixa produtividade, querem justamente dizer que ela é da ordem... da portuguesa. Tudo isto sempre em termos *estrictamente numéricos*, recordamos.

Outro indicador que a imprensa não se cansa de salientar é o do endividamento externo (em divisas ocidentais) desses países. Ora a realidade é que apenas dois países têm dívidas superiores à de Portugal, e só num caso (a Hungria) a dívida *per capita* está ligeiramente acima da nossa. Nada que nos seja desconhecido, pois.

Enfim, dois outros aspectos são relevantes para este panorama global. Primeiro, o nível educativo e de formação profissional. Segundo uma revista francesa, os países de Leste têm um "nível de formação que se pode comparar com o da Europa ocidental", o que certamente não diria de Portugal. E, para a *Fortune*, "juntamente com a URSS, estes países dispõem de um terço do total mundial de

engenheiros doutorados e cientistas. Têm um imenso fundo de patentes. Só não sabem comercializá-las".

Em contrapartida, os níveis salariais serão da ordem de metade dos portugueses, mas convém não esquecer que não existem impostos sobre o rendimento (começam a surgir agora), nem descontos para a segurança social, além de os preços dos bens e serviços serem largamente subsidiados.

Adiantando-nos agora um pouco ao que vem a seguir, tudo isto torna claro que não é propriamente para socorrer 200 milhões de miseráveis famintos e analfabetos (mais outro tanto na URSS) que os empresários ocidentais se precipitam para Leste, mas para muito lucrativamente aproveitar esse "mundo" de 200 milhões de trabalhadores e consumidores. Nestes termos crus aconselha a *Fortune* os empresários americanos quanto aos países mais apetecíveis para investir nos anos 90: "Ao procurarem mão-de-obra barata, tentem conseguir a mais bem treinada. É por isso que a General Electric pagou 150 milhões de dólares pelo controlo da Tungram, produtora de lâmpadas, na Hungria. Agora basta-lhe pôr mais dúzia de generais a comandar um exército de trabalhadores qualificados e baratos. Os músculos magiares da GE vão custar-lhe um décimo do que custam os trabalhadores dos seus principais concorrentes europeus, a Philips e a Siemens". Isto, é claro, só será assim, paradoxalmente, enquanto esses países não forem plenamente capitalistas, pois ao desaparecerem toda a espécie de subsídios e benefícios indirectos, os salários tenderão a subir em flecha. Mas entretanto já a GE terá despedido metade dos trabalhadores...

O QUE FALHOU

Sendo assim, porque andamos nós tão felizes e contentes, e eles invadem as ruas, deitam abaixo os respectivos muros, Partidos e governos, morrem mesmo por isso, como na Roménia?

É que, coisa que bem poucos assinalam, falharam rotundamente *duas* coisas aparentemente opostas (e que não são apenas económicas, como poderia parecer): falhou o sistema de planificação central, por um lado, e falharam sucessivas reformas *liberalizantes* destinadas a corrigi-lo. De facto, e isso é crucial, nunca chegou a funcionar, a não ser para efeitos de propaganda, o sistema de "incentivos morais" que teria por base o esforço colectivo na "construção do socialismo", a convicção de se estar a fortalecer o "poder dos trabalhadores", a generalizada solidariedade social.

O sistema de planificação central era, na realidade, a espinha dorsal do sistema de poder do Partido nos países de Leste (excluímos, por agora, o caso húngaro). O Partido estabelecia o Plano de produção, planificava todo o "abastecimento técnico-material" das unidades produtivas, fixava os preços, nomeava os dirigentes das empresas (por sua vez, homens da confiança do Partido). O sistema conseguiu, com tremendos custos sociais, industrializar países predominantemente agrícolas e efectuar a reconstrução do pós-guerra mas, à medida que as economias se tornaram cada vez mais complexas (ou quando já o eram, como na RDA e Checoslováquia) e o nível de vida, apesar de tudo, ia aumentando, manteve-se rigidamente agarrado

ao princípio da "prioridade à indústria pesada" (gerando permanentes carências de bens de consumo) e deixou de poder controlar variáveis cada vez mais numerosas. O mito da "quantidade" conduziu às conhecidas aberrações: uma fábrica obrigada a produzir um milhão de pregos prefere fazê-los todos iguais e pequenos, enquanto se o plano lhe fixa o objectivo em 10 mil toneladas, desejaria poder fazer apenas um prego com esse peso, mas fari certamente, a menor quantidade de grandes pregos. Num caso como noutro, o plano estaria cumprido mas faltariam os pregos de que o consumidor precisava... Acresce que o Plano não dizia "bons pregos" ou "bons sapatos", pelo que a qualidade era obviamente secundária. E como os abastecimento planificados nunca chegavam a horas, as empresas estavam semanas quase paradas para depois ter de cumprir à pressa os objectivos nos últimos dias de prazo fixado (chamou-se a isto o sistema do "vendaval"). Enfim, de tudo isto resultavam sistemas próprios de economia paralela, quer ao nível da produção (conseguiram-se matérias primas ou combustíveis "por portas travessas"), quer ao nível de consumo. Os consumidores (na realidade, o comum dos trabalhadores) ganhavam pouco, mas também pouco tinham para consumir. A escassez de bens, e a sua pouca variedade e baixa qualidade, eram uma constante, que a economia paralela apenas conseguia atenuar (embora ajudasse, e muito, a economia a funcionar, e por isso era tolerada, se não encorajada).

Em face disto, os membros do Partido não tinham quaisquer dificuldades de abastecimento, dispunham mesmo de redes próprias, recheadas de produtos caros importados, para além de excelentes habitações, carro, hospitais especiais, enfim, todos os privilégios do poder, de que não só se privavam como, sabe-se hoje, largamente abusavam em proveito próprio. A sociedade vivia a "duas velocidades". Mas o discurso era sempre triunfalista, os sagrados "princípios do socialismo" sempre proclamados, as "vitórias do socialismo" sempre anunciadas.

A hipocrisia, a mentira, a corrupção, a descrença, o constante jogo do gato e do rato generalizaram-se, num círculo vicioso que mantinha o sistema em funcionamento quase por inércia, e em que a maioria se desinteressou de tudo, tendo como únicas preocupações "desenrascar-se" e "evitar problemas". A repressão interna, e os tanques soviéticos, davam ao conjunto aquele ar monolítico que permitia, mesmo aos mais argutos observadores ocidentais, assegurar que *aquilo* era para durar eternamente (e nisso fundar as suas sábias estratégias...).

As sucessivas "reformas" (as primeiras vêm de Liberman, em princípios dos anos 60) pouco alteraram, porque, tendendo à descentralização, os burocratas do aparelho sempre se lhe opuseram, e, sendo liberalizantes, não entusiasmaram os trabalhadores, receosos do desemprego, de mais exigentes normas de trabalho, de inflação. Recorde-se que na Polónia (sempre o menos ortodoxo daqueles países, mais tarde ultrapassado pela Hungria, como se verá adiante) Gomulka e Gierek caíram por terem querido aumentar fortemente os preços. E como tais aumentos foram anulados, daí vem em boa parte ser a Polónia hoje o país com maior di-

1. Não incluímos nesta análise a URSS, pois o seu gigantismo, bem como certos factores específicos de "superpotência" (esforço militar, sector aero-espacial, etc.), tornam-na um caso aparte, embora o essencial do que se vai dizer se lhe aplique por inteiro.

VIL DO LESTE EUROPEU

vida externa: os bancos ocidentais julgavam estar a fazer um excelente negócio, e afinal estavam apenas a ajudar o aparelho a aguentar-se politicamente, subsidiando preços e empresas "falidas".

Em poucas palavras, o que falhou no sistema de planificação central foi quase tudo o que tem que ver com um conceito alargado de "qualidade de vida". Falharam as liberdades (incluindo a de entrar e sair do país, ou a de sequer falar com estrangeiros), a igualdade, a participação, a solidariedade social. Falharam a disponibilidade, a variedade, a qualidade de tudo: não só de casas, transportes ou bens de consumo, mas também de oportunidades, de informação, já sem falar na de quadros e dirigentes com um mínimo de credibilidade e representatividade. Falhou a própria esperança de se poder alguma vez chegar a *isso tudo* com aquele sistema dito socialismo. Ao ponto de desacreditar a palavra.

O mesmo é dizer que falhou muito mais do que pensam alguns optimistas ocidentais. Escrevia um deles recentemente: "As democracias capitalistas floresceram por terem provado melhor do que qualquer outro sistema que podem dar às pessoas o que elas querem. E o que quer a maioria das pessoas é uma constituição e um gravador de vídeo". De momento tudo indica que os povos de Leste se irão contentar só com isso. Mas esta questão fica para depois.

O CASO HÚNGARO

Em Julho de 1988, o primeiro-ministro húngaro dizia numa entrevista que, num encontro em Moscovo, Gorbachev tinha dado a Hungria como exemplo, pelas suas ideias e realizações, acrescentando que a URSS desejava utilizar os métodos húngaros, altamente inovadores, nos domínios político e económico.

A Hungria foi, com efeito, com as suas reformas a partir de 1968, pioneira na introdução crescente de mecanismos de mercado na economia e na abertura comercial aos países ocidentais. Páginas sem fim se escreveram, ao longo da década de 70, em livros e revistas ocidentais, sobre aquilo a que então se convencionou chamar de "socialismo de mercado" e que os economistas húngaros preferiam designar por "regulação planificada do mercado".

A ideia era (face ao declínio das taxas de crescimento, ao "sobre-emprego", à patente rigidez do sistema de planificação central) a de, mantendo um Plano "orientador da macroestrutura", definidor de grandes objectivos e prioridades, conseguir que, por via de reguladores económicos indirectos, as empresas dispusessem de uma larga margem de autonomia de decisão (de investimento, política salarial, afectação de lucros, relações económicas externas, gestão do saldo de divisas, etc.), sem se afastarem substancialmente desses objectivos. Para além do crédito, centralizado, o regulador económico fundamental era um novo sistema de preços, que deveriam ser, como nas economias de mercado, "portadores de informação" e calculados com base em custos reais de produção. Introduzia-se, em simultâneo, um novo sistema de incentivos-materiais, agora - visando o aumento da produtividade e a modernização tecnológica: a empresa era estimulada através do lucro (que podia ser livremente reinvestido), os trabalhadores por meio de pré-

mios, tendo em vista alargar o leque salarial. Finalmente, dentro da nova lógica de mercado, era eliminado o sistema planificado de "afectação de recursos técnico-materiais", podendo as empresas abastecer-se onde considerassem mais vantajoso, inclusive importando. Formalmente, a propriedade colectiva dos meios de produção manteve-se intacta.

Em termos de crescimento económico, o novo sistema pareceu dar bons resultados nos primeiros cinco anos, mas a partir daí, e sobretudo depois de 1979, a economia húngara enfrentou crescentes dificuldades. Por um lado, as empresas, viciadas desde sempre em "enganar o planificador", souberam tirar partido da sua nova margem de manobra para acumular excedentes, criando uma pressão insuportável sobre o orçamento do Estado. O novo sistema de preços esteve, por essa via, na origem de investimentos muitas vezes injustificados. Por outro lado, a "estimulante diferenciação salarial" não se produziu, já que o "fundo de prémios" à disposição das empresas tendeu a ser repartido equitativamente (persistiam os antigos reflexos igualitários...). Não se verificou tão-pouco a desejada mobilidade da mão-de-obra: as empresas não só não reduziram o pessoal, como aumentaram mesmo os efectivos. Enfim, pior que tudo, a crescente exposição da economia ao comércio internacional fez com que os dois "choques petrolíferos" ocidentais, de 1973 e 1979, tivessem efeitos desastrosos sobre as contas externas.

A partir de então, a dívida externa (em divisas ocidentais) não parou de aumentar, em parte para cobrir os défices comerciais e do Orçamento, depois para assegurar o crescente serviço da dívida (agravado pelos movimentos cambiais e das taxas de juro nos mercados capitalistas), e mais recentemente (1987) para fazer face a elevadas perdas sofridas pelo Banco Central em acções que detinha nas Bolsas ocidentais (Krach de Outubro). Quanto à economia, propriamente dita, entrou em declínio nos últimos anos, perdeu competitividade, conheceu níveis de inflação antes impensáveis (mas que Portugal invejaria).

As tais reformas liberalizantes que deveriam compatibilizar a regulação pelo mercado e a regulação pelo Plano conduziram a um impasse. A (tímida) lógica de mercado introduzida *desregulou*, de facto, um sistema em que não foi *politicamente possível* tocar nos benefícios sociais adquiridos: os trabalhadores tiveram, pelo menos, o *poder* de resistir àquilo que sempre temeram nas reformas - o desemprego, a perda de regalias sociais.

O SALTO EM FRENTE

Em fins de 1987, face aos enormes problemas, sobretudo financeiros, o governo decide as primeiras medidas de um "novo curso", que não é mais do que a transição tão acelerada quanto possível para uma plena economia de mercado. É criado um novo sistema de impostos - sobre o rendimento, sobre o volume de vendas das empresas e o nosso bem conhecido IVA - e iniciado um rápido programa de "desregulamentação", em particular na área dos preços e salários. Nos últimos dias de 1987 (véspera da entrada em vigor das novas medidas) os húngaros esvaziaram literalmente tudo o que era loja ou supermercado.

Observadores ocidentais previam então que, entre 1988 e 1991, o nível de vida médio desceria de um terço, que os preços embalariam, que surgiria o desemprego e se acentuariam as desigualdades sociais. Não se enganaram, desta vez: em 1990, o desemprego deve situar-se em 100 000 trabalhadores e a inflação (na área de preços livres) poderá ir a 15%. Quanto aos preços ainda controlados, nos primeiros dias de Janeiro deste ano foram anunciados pelo governo espectaculares aumentos, entre 20 e 40%, de bens alimentares, bebidas, transportes, rendas de casa e gasolina, que se traduzem numa perda de poder de compra do salário médio da ordem dos 20%. E não se espera que os salários possam acompanhar, já que o FMI (sempre ele!) impõe um congelamento salarial como condição para obtenção de novos créditos.

Mas o verdadeiro passo em frente fora já dado em 1989, com a colocação de numerosas empresas industriais "em leilão" junto dos investidores de ocidentais. Durante esse ano foram assinados nada menos que 300 "joint-ventures" entre empresas húngaras e ocidentais, com todos os grandes da indústria europeia (os alemães a grande distância), e também americanos e japoneses disputarem-se os melhores bocados (ver acima o exemplo da General Electric).

Como o Estado não tem possibilidades de controlar o enorme número de negociações de acordos e de transacções simultaneamente em curso, são os directores e conselheiros de empresa que acertam as condições e o "melhor preço" com o parceiro estrangeiro (excepto quando este exige a batata quente ao governo). O Alto-Comissário húngaro para as privatizações reconhece que este processo "alimenta a contestação pública: negocia-se com uma empresa estrangeira, tudo se passa à chucha calada, ninguém sabe de nada, e um belo dia... o acordo está assinado!" Segundo um comentador francês, "aquilo que, mesmo em França, seria considerado um abuso de bens sociais, é aqui recomendado pela lei"... Isto sem falar das vendas de moradias de altos dirigentes do Partido (bens pertencentes ao Estado) a grupos estrangeiros, que as transformarão em unidades hoteleiras.

E AGORA? E DEPOIS?

Até aqui, foram factos, e poucos comentários.

Mas a experiência húngara, por ser a mais avançada, e tão admirada por Gorbachev, aponta o caminho que os outros países irão trilhar (desde logo, a Polónia, também a braços com o FMI).

Que se pode, para já, concluir do caso húngaro? Antes de mais, que se é tão difícil planificar *toda* a economia, tantas são as hipóteses, as variáveis, as restrições, tal é a distância entre o planificador e os "agentes económicos", mais difícil se afigura ainda o *desplanificar*. É que, ao menos, o planificador tem objectivos, e são os seus inevitáveis erros que vão criar a "desordem" no sistema e gerar a repressão. Mas ao desplanificar (privatizar, ou mercantillar, a economia), a "desordem" é inerente ao processo desde o primeiro dia. A simples passagem de um sistema de preços calculados (e, quase sempre, subsidiados) a outro de "preços de mercado" desencadeia fatalmente, em todos os pontos do próprio sistema económico-social, tensões imprevisíveis e porventura incontroláveis. A passagem de

uma estrutura de emprego (por empresas, por regiões, por sectores) a outra "comandada" por um mercado "livre" de trabalho, gerará necessariamente altos níveis de desemprego (em certas regiões, certas profissões, etc.), que os políticos e economistas bem se esforçarão por demonstrar que será temporário, mas dificilmente convencerão os directamente atingidos. A passagem de um sistema salarial relativamente igualitário a outro que fomenta a desigualdade e a competição entre trabalhadores, num contexto em que surgirão à luz do dia as grandes (novas ou não) fortunas privadas, tornar-se-á dificilmente suportável. A constatação de que a economia, no seu todo, está a ser vendida a estrangeiros (que é quem tem meios técnicos e financeiros para lhe deitar a mão), não ajudará muito, sobretudo quando se chega à conclusão que são os alemães a maioria deles... E quase só falei em questões de incidência social e política. Porque a "desordem" propriamente económica será de igual dimensão. Basta pensar na alteração radical na simples contabilidade das empresas, e nas surpresas que daí virão a surgir, já que todos os custos serão modificados.

Estes povos saboreiam hoje uma liberdade por que há muito aspiravam. Todos eles irão votar (ou já votaram) em "instituições democráticas". Os seus países já deixaram ou vão deixar de se chamar "democracias socialistas" ou "populares". Foi uma grande batalha ganha na rua, e bem ganha. Mas a "transição para o capitalismo", que é o que *de facto* está em marcha, muito dificilmente poderá ser feita com partidos inexperientes, coligações espúrias, governos fracos sempre à espera de cair no próximo verão. Sem mesmo questionarmos o carácter democrático dos sistemas parlamentares ocidentais (que alguns desses países nunca sequer conheceram) parece óbvio que não é tais instituições que se "terá mão" no que está para vir. E os ditadores, civis ou militares, que poderão vir a aparecer, serão apenas mais uns dos milhares apoiados pelos Estados Unidos por esse mundo. Pois se há tão pouco tempo eles foram ao-ponto (uma *première* mundial) de *dar posse* a um presidente centro-americano... em nome da democracia! O que não farão eles, e os seus bons aliados ocidentais, por um mercado de mais de 400 milhões de potenciais consumidores (incluindo a URSS) e muitos milhares de empresas altamente lucrativas, que é só colher de maduras?

E se não fosse exactamente assim? Submeter-se-ão os povos de Leste a novas formas de repressão, e à queda abrupta das suas condições de vida, inevitável nos próximos anos? Que farão eles com a sua liberdade, quando se derem conta do preço? Apenas diremos que esses povos estão na situação ímpar de poderem bater-se por uma combinação, ainda não encontrada, entre o pleno gozo da liberdade, uma "democracia avançada" (participativa, solidária) e uma economia que não seja a "do desperdício" (como a que conheceram, e como a que *conhecemos*), mas a da "utilidade colectiva". O socialismo, enfim.

Acho que o que se passa a Leste é bem mais estimulante para a Esquerda do que para a Direita, que já teve, de resto, que engolir alegremente o "trunfo da rua", a que não costuma achar muita graça.

O OUTRO MUNDO

A DESORDEM DAS COISAS

JOÃO MARTINS PEREIRA



ILUSTRAÇÃO DE CARMEN MIRANDA

UM INQUÉRITO RECENTE CONDUZIU À SURPREENDEnte conclusão de que 76% dos americanos se consideram "ambientalistas". As obsessões do SIDA, do colesterol e do anti-tabagismo, vem juntar-se mais esta. E como naquele país as obsessões significam mercados, as principais agências de viagens lançaram o "ecoturismo" e propõem, por quaisquer 200 ou 300 contos (avião incluído), "para limpar velhos caminhos de acesso às ruínas incas de Machu-Pichu", ou mesmo, por um pouco mais, aos puros e geladíssimos confins da Antártida. E para que bem se penitenciam de pecados passados, os turistas são aconselhados a respeitar um conjunto de regras de bom comportamento, como sejam: não lançar detritos, não tratar mal os animais e não se rirem à sucapa dos costumes locais. É que, segundo o responsável de uma dessas agências, "as pessoas querem sentir-se seguras, especialmente em áreas frágeis, de que não estão a prejudicar o ambiente".

Resumindo, uma boa fatia de americanos, individualmente considerados, carregam consigo uma razoável má-consciência (se não mesmo um sentimento de culpa) em relação à natureza, que chega para os levar a estas formas caricatas de expiação turística. No entanto, ninguém mais do que esses mesmos americanos se orgulha da sua "civilização" industrialmente vigorosa e sofisticada, dos seus empresários e dirigentes que são a imagem do sucesso e do poder *yankee* neste mundo, da nota verde que lhes abre todas as portas em qualquer canto, mesmo na Amazónia ou na Antártida.

Nunca ocorrerá ao americano-médio que a sua "civilização", a sua indústria, os seus empresários ou a sua moeda (símbolo material de tudo isso) são os maiores agressores da natureza e do ambiente que jamais existiram? Que as latas que qualquer turista espalhe pela Amazónia constituem um atentado insignificante comparado com o dos bancos americanos, e do próprio Banco Mundial, que financiam a destruição da floresta? Que o seu recém-descoberto amor pela Antártida está longe de ser compartilhado pelas multinacionais que, uns quilómetros mais longe, a esventram em busca de valiosos minérios e saborosos lucros? Que, por mais "ambientalista" que se considere, isso não impede que sejam os E. Unidos (e a sua indústria) quem mais se opõe a qualquer programa internacional de controle das emissões de anidrido carbónico (e outros agentes nocivos) para a atmosfera?

Porque se acusarão, então, apenas a si-próprios? O individualismo extremo tem destas coisas: cada um só olha por si e só se compara com "os do seu bairro". Para além disso, só existem os mitos, globalmente bons: o capitão de indústria que-partiu-do-nada, a grande nação americana, o Presidente, os *marines*, os heróis-do-estádio, as *stars*, os Deuses (e os seus "mensageiros") de qualquer seita, etc. etc.

Tem algo que ver com isto uma extraordinária notícia vinda nos últimos semanários: que as fabulosas (à nossa escala...) falcatruas de um Taveira poderão acabar, mercê de uma ajuda legislativa do Cadilhe, numa simples multa, e não se fala mais disso.

O mesmo ministério que anunciou um sistema quase-perfeito, todo ele computadores, de combate à fraude fiscal, apertando o vulgar contribuinte numa malha supostamente incontestável, viria assim desculpabilizar a falsificação de documentos com que uma figura pública pretendera subtrair ao fisco muitos milhares de contos.

Isto só é possível porque nesta sociedade, embora felizmente a milhas da americana, também o cidadão comum tende a olhar com diferente rigor aqueles a quem *tudo* é permitido, e por isso *tudo* é perdoado, quando não *tudo* é agradecido, dos outros, esses mesmos cidadãos comuns, a quem *nada* é permitido, nem perdoado, nem agradecido. Os primeiros são, de um modo geral, os que povoam com os seus nomes as páginas dos jornais, e sobretudo as colunas sociais: os que têm poder e os que têm dinheiro, o que frequentemente coincide.

O pequeno contribuinte, que treme de juntar à declaração de imposto meia dúzia de contos de restaurante ou de gasolina, porventura duvidosas; que odeia pagar impostos, mas paga-os sem lhe vir à ideia que deles saiu boa parte da matéria colectável (centenas de milhar de contos) do dito Taveira, por obra e graça da Beleza; que entra em pânico se, por descuido no saldo, passa um cheque de cinco contos sem cobertura – esse mesmo contribuinte olha um Taveira (e todos os outros, que andam nas bocas das *Olás*) como pertencendo a outro mundo, como se fossem heróis de telenovela, como se fosse impensável aplicarem-se-lhes as mesmas regras e sanções a que os seres anónimos não se podem furtar. Não se dá mesmo contas de que tais regras e sanções foram criadas, afinal, por gente desse "outro mundo".

Enfim, numa atitude semelhante à dos americanos "ambientalistas", assume aquela má-consciência que consiste em pensar que "somos" uns desleixados, uns troca-tintas, sempre à coca de poder enganar o parceiro (o que ele adora as crónicas do MEC sobre os defeitos "dos portugueses!"), e que é por isso que "tudo isto" vai mal, que "o país não anda para a frente" – numa palavra, é muito bem feito quando "apanhamos" um bom apertão. "Os Taveiras não são para aqui chamados, a esses tem é que se agradecer por andarem a puxar esta carroça".

Aqueles que não pensam assim, que se revoltam e se batem contra esta "desordem", e muitos são, pode em rigor chamar-se "democratas". Esses sorriem quando ouvem falar na "ordem democrática".

AFRICA

AMANDLA

VINTE E SETE ANOS E SEIS MESES DE uma prisão perpétua: Mandela sai da prisão e demonstra que não é um pião do jogo de Klerk. Apelando à continuação da luta armada e das sanções internacionais contra o apartheid, condiciona a orientação da sua organização ao fim imediato do estado de excepção e à libertação de todos os presos políticos. É a coragem de quem recusou sempre uma libertação condicional e tem um combate a ganhar.

De Mandela sabia-se essa coragem, esse mito humilde de uma luta de tantos. Nada mais: nem a imagem, essa fotografia que era banida e que nos recordavam, sem que disso dessemos conta, através de reproduções velhas do tempo da liberdade. Desde então, ninguém mais tinha podido fotografar Mandela. E foi então outro o que saiu da prisão? A retransmissão mundial pela manhã de domingo mostrou que não. Proibido de ter imagem, Mandela conservou a sua dignidade, a sua posição de sempre. Amandla, Mandela.

NICARAGUA

UMA HISTÓRIA DOS TRÓPICOS

NUM PAÍS TROPICAL, É DERRUBADO o mais violento e corrupto dos ditadores.

Esse país situa-se na "área de influência" de outro, gigante económico e militar, que sempre apoiou o ditador, aliás todos os ditadores da região.

Esse país, recém-libertado, quer ver-se livre da tutela do gigante vizinho, como todos os outros países da região. Esse péssimo exemplo desagradou ao ditador, que agora clama pela "democracia".

Durante dez anos, o gigante vizinho gasta 300 milhões de dólares a financiar opositores ao novo regime, muitos deles ex-servidores do ditador, que movem uma luta armada sem sucesso, mas com as mais graves consequências económicas. O mesmo gigante vizinho, não contente com isso, faz um boicote económico total e chega a minar os portos daquele país.

Durante dez anos, o novo regime subsiste, mas tem que gastar com armas os poucos meios de que dispõe. A economia desmorona-se: falta tudo, cresce o desemprego, a inflação galopa. E não há um minuto de paz. Mui-

tos morrem numa luta impiedosa. Enfim, pressionado pela situação, e por outro gigante que sempre o apoiara e ajudara a sobreviver, o novo regime aceita eleições.

O grande vizinho, contra todas as regras internacionais, ainda dá mais um empurrãozinho: 3 milhões de dólares para a campanha da oposição. A ONU fecha os olhos. O que é preciso é que se façam as eleições.

A oposição ganhou. Só surpreende que mais de 40% ainda tenham, apesar de tudo, votado por aqueles que apostaram em que o país fosse realmente livre.

Os outros sessenta e tal por cento votaram julgando que, em definitivo, so terão paz e pão voltando à tutela do grande vizinho. Como se pode, de resto, condená-los, após tantos anos de guerra e de carências (ainda que ao tal vizinho se tenham devido)?

Chamou-se a isto eleições livres. As "democracias" podem dormir descansadas.

Poderão?

J.m.p.

MADEIRA

UM PADRE NO JARDIM

FOI DEMAIS PARA JOÃO JARDIM, O eterno semi-candidato presidencial e monarca por inteiro da ilha da Madeira: o padre Martins, concorrendo pela UDP, venceu-lhe as eleições no Machico e ainda lhe ganhou um processo em tribunal. Duas desgraças nunca chegam sós, e o presidente vai ter de aturar o impertinente padre durante quatro anos à frente do município, com o apoio de metade do eleitorado e o que mais se verá.



Compreende-se portanto que João Jardim não tenha posto os pés no tribunal, apesar de ser testemunha de acusação contra o padre Martins: foram por ele o vice-presidente da Assembleia Regional e um advogado

de acusação, dirigente da JSD local. Faltou também o Dias Loureiro de modo que o juiz, de seu nome São Bento resolveu absolver. Mas ficou para o registo a suspensão da imunidade parlamentar imposta por Jardim a um opositor, só para o sentar no banco dos réus e tentar encobrir o escândalo provocado por essa outra decisão, tão parlamentar quanto a primeira, que impedia a constituição de uma comissão de inquérito pelo desaparecimento de umas valiosas pratas na sede da Assembleia.

E essa será agora a menor das preocupações do eleito presidente da Câmara do Machico, que começou o seu mandato a tentar recuperar o que o anterior presidente, PSD pois claro, andou a desbaratar nos últimos dias de mandato: máquinas cedidas às câmaras vizinhas e da mesma cor, carros oficiais que levaram sumiço, um que foi emprestado "a título permanente" à outra Câmara. Com tanto trabalho, como pode o padre Martins - expulso pela Igreja destas funções, que essa instituição é bem mais expedita do que o João Jardim e aí não há São Bento que lhe valha - andar a perder tempo com as vinganças do senhor da ilha? Bem se vê que não pode, e, claro, não está para isso. Ainda bem.

F. B.

C.P.

O COMBOIO APITOU TRÊS VEZES

TAL COMO NO FILME, AQUELE FOI O sinal.

A cena não se passou na pradaria, mas em Queluz.

Não foi um western, mas sim cenas eventualmente chocantes do nosso quotidiano.

Apesar de tudo, o facto comum foi o assalto ao comboio!

Os protagonistas não foram estrelas de Hollywood, mas sim gente dos estúdios de Sintra, Massamá ou Queluz.

Já dias antes outro filme havia sido rodado em "super oito", lá para as bandas de Oeiras.

Os personagens desta vez não foram cowboys, raparigas de saloon ou sheriffs, foram empregadas de escritório, bancários e funcionários públicos.

A produção do filme não esteve a cargo da Paramount Pictures, mas sim a cargo de uma co-produção CP-Maquinistas-Utentes.

Alinal, aqui nem a rapariga ficou com o cavalo nem o rapaz ficou com a

pistola. - Estamos longe de um happy end!

Eis o guião das coisas que quero contar nestes tempos lusitanos da lei do direito popular:

A EMERGÊNCIA DO ESPONTÂNEO

Não restam dúvidas que a atitude colectiva de alguns utentes dos comboios da CP assumiu formas espontâneas de carácter reivindicativo, daí a transformação, em termos sociais, de uma atitude não programada em autênticos "parceiros sociais de interesse público". Doravante, o Conselho de Administração da CP sabe que transportar mercadorias é diferente de transportar passageiros.

Esta emergência de carácter popular não é apesar de tudo nova: por este país fora, diversos têm sido os movimentos espontâneos que em defesa de causas ecológicas quer lutando contra a burocracia de alguns detentores do Poder Local e não só.



HÁ ALIANÇAS E ANÉIS

A intenção e a identificação social distinguem um anel de uma aliança. Na mesma lógica deve reflectir-se no papel que o movimento dos utentes desempenha perante as forças sociais em presença.

Sem referir ou pôr em causa a greve dos maquinistas, este movimento, aparentemente à margem da reivindicação de um sector em luta, ao criticar um serviço social que o Conselho de Administração da CP não presta à população, veio demonstrar uma convergência entre utentes e trabalhadores de uma mesma empresa. Este anel formado de uma liga de utentes e trabalhadores transformou-se pela intenção e pela identificação social numa aliança contra a mercadorização dos passageiros.

A VELHA HISTÓRIA DO ICEBERG

De uma maneira também não intencional, a greve dos maquinistas veio revelar aos utentes, autênticos passageiros de um barco à beira do naufrágio, a parte submersa do iceberg que a Administração da CP teima em ignorar, pondo diariamente à prova quer a

segurança quer a paciência de milhares de pessoas, na ida e volta ao carrocel da casa e emprego.

Esta greve fez finalmente soar o alarme da "insustentável leveza do ser passageiro da CP".

CONTRA A FABRICA DOS DESEJOS

Pôr em evidência os movimentos espontâneos não significa tomar o partido do espontaneísmo, mas significa antes de mais definir uma atitude face à tentação de institucionalizar o espontâneo. Com isto pretendo dizer que a Comissão de Utentes não pode ser o coveiro deste movimento e muito menos ser o Conselho de Administração da CP a dar-lhe a extrema unção.

Este embrião de movimento popular ganhará forma na medida em que se mantiver fiel à sua forma de artesanato reivindicativo, recusando quer a revolta padronizada quer a produção em série de slogans, moldados na fábrica da ideologia dominante.

José Geraldes

IMPOSTOS

BROAS DE CARNAVAL

AQUI HÁ UNS TEMPOS, APARECEU EM Rio Maior, um anjo louro de olhos azuis, a uma menina de 18 anos, que a pôs em contacto com Santa Filomena. A partir desse dia, a menina fez milagres e curou todos os doentes que iam ter com ela.

Do mesmo modo, apareceu aos Portugueses o IRS. Segundo o próprio Secretário de Estado Oliveira Costa afirmou em conferência de imprensa, o IRS constitui um milagre. Toda a gente fica a ganhar. Embora pagando, ficamos, aliás, a ganhar duplamente: fica a ganhar o Estado, que somos todos nós, 330 milhões de contos e a maioria de cada um de nós (melhor dizendo: todos, se considerarmos que 45% é aquela maioria relativa a que nos fomos habituando e que elege o governo de todos) receberá ainda a parte que lhe cabe de 20 milhões, o que dá uma média de 23 contos por cabeça. Se tal quantia não pode ser considerada um 15.º mês, pode ser vista pelo menos como umas broas... de Carnaval, que darão para pagar uma prestação em atraso. Só não receberão duplamente os 30% de privilegiados, que pagarão mais 33 contos cada um para os 330 milhões de todos.

Mais uma prova, para a maioria, de que, emprestando o seu dinheiro a gente competente, como é o Estado, e como foi a injustiçada D. Branca, o nosso dinheiro se multiplica, nessa

modalidade moderna do milagre da multiplicação dos pães.

Registe-se ainda que o anjo deste milagre acaba de ser requisitado para fazer milagres noutros lugares: chama-se Amaral Tomás e irá ser consultor do Fundo Monetário Internacional em matéria fiscal.

a.d.

SAUDI

A DEPRESSÃO DA DEFESA

CARLOS BRITO PARECIA UM CIDADÃO normal: perdeu as eleições no Porto, ganhou um lugar de Ministro da Defesa - que é o que nos garante, a nós portugueses, a independência nacional.

Um mês depois, estava de baixa. "Incomunicável" - terá dito a esposa e disseram os jornais.

Lepra? Colete de forças? Pavilhão de cancerosos? Sida? Unidade de cuidados intensivos?

Misteriosa doença. Choveram as interpretações: O Ministro da Defesa tinha os nervos frágeis. Se já teria antes (o que explicaria a aceitação do cargo) ou se foi coisa que lhe chegou depois, ao tomar consciência dos cíclicos trabalhos que o esperavam? "Personalidade fóbica", "doença do sucesso" - os especialistas hesitavam.

O simples stress dos grandes políticos, dos homens de negócios, sujeitos às muitas tensões e muitos dossiers? A muitas pressões - de militares, uns oficiais e outros sargentos?

Entretanto um psiquiatra aventou uma hipótese mais plausível, em que teremos que acreditar, pelo menos em parte, visto que foi o *Expresso* que a transcreveu: abruptamente separado do carinho de sua família, o Ministro não se habituou a viver no isolamento de um forte. No fundo, a doença comum de qualquer recrutado. O Ministro tinha, sido atirado, sem dar por isso, para um Serviço Militar Obrigatório, ainda por cima fora da idade própria.

Estava posta de lado a aplicação ao caso Carlos Brito da explicação dada ao Diabo por Lemos Ferreira acerca do stress dos controladores aéreos, que teria, "mas é a ver com as disputas conjugais, as más notas dos filhos ou com o facto de o polícia os ter aborrecido porque estavam estacionados em local proibido"...

Mas a verdadeira origem do stress de Carlos Brito é outra: impossibilitado de defender o Porto, formou o projecto de defender o País e encontrou um País sem inimigos.

Os russos já não vêm aí. Sem que ele tivesse dado por isso, a União

continua na página seguinte

continuação da página anterior

despertar a atenção dos camaradas da portaria, depois de ter desobedecido ao olhar de censura da camarada superior que desaprovava o champô de cheiro capitalista, sai a toque de Kalina com o barrete desenhado, com uma cabeleira loura e espanpanante, a Perestroika no couro cabeludo e os olhares finalmente atentos e encantados com os efeitos do novo champô. Aguardem pois entre um e outro "Vale Tudo" os carinhos da Chicco que agüentaria as quedas nas escadarias de Odessa, o emplastro Leão que o Nureiev usou depois do seu salto no aeroporto de Paris, o Nivea creme para evitar manchas à Gorbachev, o gel St-studio line para os bigodes do Estaline.

Mesmo na publicidade a Rússia é que está a dar!

a.b.

MERCULMOS

CONTRA VENTOS E MARES

DECIDIDAMENTE, O MERGULHO ENTRA na política portuguesa.

A Marcelo, cujo mergulho no Cais do Sodré não foi reconhecido pelo eleitorado lisboeta como um facto político, mas como um mero facto aquático sem peso nas urnas, sucede agora o impagável Jardim. Menos original, pelos vistos, do que quer parecer, o mergulho madeirense mergulhou, desta vez para demonstrar ao mundo que as imagens transmitidas pela RTP seriam talvez da maré negra do Alaska, nunca da do Porto Santo. É que, segundo a sua luminosa visão das coisas, seria melhor para a economia da Madeira adbrabar os turistas, omitindo-lhes a dimensão do desastre, do que informá-los, arriscando-se a que não viessem. Com o seu corajoso acto, conseguiu provar o que todos já sabiam: que, na costa do Porto Santo, era possível encontrar meia dúzia de metros quadrados de água não contaminada onde um meticuloso turista poderia tomar o seu banho sem ficar atacado. De novo, um mero facto aquático, que não convenceu ninguém de nada.



Julgou-se que as coisas ficariam por aí. Mas não. Quiseram ventos e mares que, semanas depois, o caso já quase esquecido, nova arremetida da mancha petrolífera voltasse a cobrir de negro aqueles areais. Que irá, desta feita, inventar o Jardim? - interrogaram-se os observadores habituais. Uma gigantesca redoma para esconder a ilha dos jornalistas curiosos? Ou, rendido à triste realidade, irá ele declarar o estado de emergência, enviar um ultimato ao Delors para que mobilize toda a CEE, organizar uma expedição de voluntários para dar combate à mancha no alto-mar, telefonar ao Gorbachev, etc., etc.? Nada disso. Jardim decide, muito simplesmente... dar um segundo mergulho!

Começa a ser monótona esta luta desigual entre um mergulhador solitário e as forças da natureza, que insistem em empurrar o *crude* para aquele lado. Por este andar, um belo dia o Jardim distraí-se, e um inocente banho seu em qualquer piscina madeirense fará crer ao mundo que, finalmente, a maré negra chegou as portas do Funchal...

J.m.p.

ITALIA

A PANTERA ATACA

OS MURAIAS, AS ESCRITAS, OS COMUNICADOS, os panfletos, a vontade, de fazer e de dizer, mas sobretudo a vontade de contestar voltou às universidades, pelo menos em Itália. A totalidade das universidades desse país estiveram ocupadas durante todo o mês de Dezembro de 89 e Janeiro e Fevereiro deste ano, não se sabendo ainda se "A Pantera", assim se chama o novo movimento estudantil, irá ainda rugir depois da reunião de delegados em Florença.

Mas o que terão os estudantes italianos a reclamar, sem números clausus, sem médias, nem exames de aferição e com uma universidade a cada virar de esquina?

O milhão e mais dos inscritos nas universidades italianas contestam fundamentalmente uma lei que viria a determinar o financiamento por parte de entidades privadas da universidade, permitindo mais uma vez ao Estado descalçar a bota de ter que "pagar os estudos" ao sector improdutivo da sociedade. Decretando a entrada de grupos financeiros privados, na sua maioria ligados aos sectores técnico-científicos sediados no norte, além de criar um verdadeiro mecenato académico, canalizando os génios para o sector privado, no mais puro do sistema americano, acabaria de vez com o já desértico e pouco considerado sector das humanísticas.

Os estudantes além de rejeitarem a mal disfarçada tentativa de privatização das universidades, reclamam espaços e instalações adequadas, sem que isso implique uma dependência dos

privados nem a consequente hierarquização dos cursos (científicos financeiros e humanísticos para o Estado-Providência, nem das sedes (ricas no norte industrial e pobres para o sul subdesenvolvido). Reclamam a maior participação e gestão nos órgãos directivos e nos centros de decisão da universidade mas também protestam contra o saber livreco, a podridão dos políticos, a arrogância da economia, contra o silêncio, o vazio, a "falta de espaço e palavras para preencher um lugar".

Acordou assim, de um dia para o outro, a chamada geração do "sei lá", farta um pouco do carro e do rádio, dos yuppies, dos punks e dos 943 mortos por overdose ao ano, das calças de ganga Valentino e das botas Timberland, saiu à rua em manifestações, pintou paredes e cartazes, fez comunicados, assembleias, organizou debates e seminários com a imprensa, com intelectuais e artistas e até com um ex-Brigadas Vermelhas, mesmo tendo recusado desde princípio qualquer recurso à violência e aos estereótipos políticos e não, tecidos ou reais à volta dos ex-68, com os quais o poder tende a identificá-los.

Os estudantes (chegados ao 82.º dia de ocupação das universidades, irreductíveis sobre a rejeição da lei ou de qualquer revisão proposta pelo ministro da universidade e da Investigação Científica, pressionados pelo cassette, ridicularizados por (re)encenar esse 68 mítico, perseguidos penalmente, nalgumas faculdades, por terem "ocupado espaços destinados ao serviço público", espiolhados por constantes rusgas de polícia anti-terrorismo, devidamente divulgadas à opinião pública e por fim ameaçados com a anulação do ano académico), decidem neste momento, na reunião em Florença, se continuar com a Pantera ou voltar para a jaula com ela.

Voltaremos a informar, caso haja novas pegadas do felino, senão já sabem... "foi bonita a festa, pá".

a.b.

HOLANDA

AS NAUS DA DIASPORA

CICLICAMENTE LEMBRADA PARA efeitos mais do que duvidosos, a Emigração Portuguesa (leia-se, os portugueses espalhados pelo Mundo), está, uma vez mais na berlinda, agora que se aproximam as tão decantadas Comemorações dos Descobrimentos Portugueses e afins.

Não fora o patético da situação, determinados episódios serviriam para um "folhetim" que de há largas dezenas de anos se vem a arrastar, apesar das declarações - se possível, cada vez mais patrióticas e inflamadas - dos "nossos" governantes.

Atente-se neste naco de "prosa" emado de um qualquer burocrata do

Terreiro do Paço e, recentemente, distribuído na Holanda (supomos que no 'resto do Mundo' também), a propósito das ditas Comemorações:

"A secretaria de Estado das Comunidades Portuguesas vai promover, em Dezembro de 1990, uma exposição sobre as Comunidades Portuguesas, com o objectivo de revelar a obra admirável que os portugueses não residentes em território nacional têm realizado nas respectivas comunidades nos domínios da política, da cultura, da economia, da ciência, da tecnologia, do trabalho, da solidariedade social, etc..."

E, mais à frente: "pretende-se fortalecer os laços que unem os portugueses não residentes e seus descendentes à Pátria, e eliminar injustiças de modo que todos, residentes ou não, se sintam cidadãos plenos da Pátria Portuguesa. No passado, muitos portugueses emigraram por motivos económicos, políticos e ideológicos.

Hoje, o fluxo migratório é quase nulo. Muitos regressam à Pátria e os cerca de quatro milhões de Portugueses espalhados pelo Mundo são um elemento estruturante da nação portuguesa.

Portugal não é mais um país de emigração. É uma Pátria de comunidades.

Assim não há emigrantes, enquanto categoria negativamente discriminatória, só há portugueses!"

Porque a citada circular tinha como objectivo convocar uma reunião preparatória da citada exposição, deslocaram-se recentemente ao Consulado Português neste país, duas dezenas de activistas dispostos a colaborar no magnífico projecto.

Surpresa das surpresas, agora quando toda a gente pensava que os emigrantes tinham "deixado de ser" portugueses emigrados para passarem a ser 'sós' portugueses (logo cidadãos de primeira), e nessa condição perguntassem aos representantes da "nação" presentes, quais eram as garantias e os critérios seguidos para tal exposição, lhes foi respondido que não havia verbas disponíveis, que o tempo para entrega dos 'materiais' era de dois meses (!) e que o critério da selecção dos mesmos ficava ao cuidado de Lisboa...

Desnecessário acrescentar que tal 'contra-proposta' levantou mais dúvidas do que certezas, tendo sido estabelecido paralelos com outros projectos enquadrados no âmbito das mesmas/similares comemorações, para as quais são dispendidas somas astronómicas, sem que o problema 'dinheiro' constitua óbice de maior.

Resposta dos responsáveis: "pensamos que mais uma vez os portugueses, darão provas do seu espírito criativo e capacidade de improviso, reunindo material que posteriormente será enviado para Portugal..."

Porque se insistiu no possível apoio a ser dispendido, a 'oferta' feita foi a de eventuais 'fotocópias' gratuitas a serem feitas nas instalações do dito consulado.

Temos assim que, para uma exposição itinerante sobre as Comunidades Portuguesas no Mundo (quatro milhões espalhadas pelos cinco continentes), se pede aos portugueses emigrados (que já contribuem com a

segunda maior fonte de receita após FEDER) para colaborar gratuitamente, num plano da Pátria, para o qual a dita póe à disposição dos interessados um aparelho fotocopiador... Como exemplo do espírito 'criativo e capacidade de improviso' não esta nada mau.

O grupo de portugueses emigrados, presente nessa reunião, faz uma contra-proposta ao poder central:

Enviar fotocópias de todos os trabalhos escolhidos para participarem na dita exposição, com uma carta a acompanhar onde se pode ler 'SE QUISE-REM VER OS ORIGINAIS VENHAM À HOLANDA'.

Zé Emigrante

GUIA

N.º 2 À VENDA

JÁ ESTÁ PRONTO O 2.º NÚMERO DO Guia Anti-Militarista. Depois de esgotado o 1.º, os Jovens do PSR, responsáveis por esta edição, voltam à carga com o tema da tropa.

Em frente ao quartel-general da Região Militar de Lisboa, em S. Sebastião da Pedreira, no dia 26 de Fevereiro, foi apresentada publicamente esta iniciativa. E, como era carnaval, ninguém levava a mal, mesmo sendo assunto sério.

- As neuroses, a Tropa faz mal à tola.
- Feminismo, ser mulher é ser anti-militarista.
- Mortes no SMO e a estranheza da estatística.
- O pacifismo é pacífico?
- Objeção de Consciência, nem generais nem tribunais!
- As prisões militares.
- Quantos km² ocupam os senhores da guerra em Portugal?
- O RDM e a Constituição da República.

- Suíça, os soldadinhos no país do chocolate.

Estes são alguns dos assuntos que constituem esta edição, indispensável para todos os anti-militaristas. É não só.

NACIONAL

DOSE DE RACISMO

O JOVEM CANDIDATO À PRESIDÊNCIA da JSD, Pedro Passos Coelho, que até não livra da crítica o Ministro da juventude ou o da Educação, que até tem amigos comunistas de que não se envergonha e que geralmente faz o jantar em casa, apesar de ser casado e de ter mulher, diz em entrevista ao "jornal ilustrado" de 16 de Fevereiro: "Não conheço nenhum povo que tenha andado por esse mundo fora como nós e que seja menos racista do que nós somos. Não conheço. A nossa missão civilizadora nunca teve nada a ver com o racismo. Havia exploração de pretos em África? Havia, como há exploração de brancos cá. Não creio que em Angola - a situação que melhor conheço, existe qualquer racismo".

O comércio de escravos, os massacres de populações e de culturas, o colonialismo ou mesmo a guerra colonial nada tiveram que ver com o racismo para Passos Coelho. Que sorte! porque assim ao mesmo tempo que acha que os cabeças-rapadas não têm lugar nesta democracia, pode também achar saudável o que eles dizem e defendem: "...o desportar de um certo nacionalismo", "a necessidade de reidentificação cultural ou nacional..."

É tudo uma questão de doses!

J.c.

NÃO DEIXES PARA AMANHÃ O COMBATE DE HOJE



DESEJO FAZER A ASSINATURA DO COMBATE por 1 ano por 2 anos

nome _____ morada _____ c. postal _____ tel. _____ profissão _____ idade _____

CONDIÇÕES DE ASSINATURA ANUAL Portugal 1500\$00 Estado Espanhol 2000\$00 Europa 2500\$00 Outros países 3000\$00 CHEQUE OU VALE POSTAL PARA José Falcão, Rua da Palma, 268, 1100 Lisboa PRÓXIMOS TEMAS NO COMBATE Abril, PRISÕES/Maio, GESTORES/Junho, DESPORTO

56

DEFINIÇÃO

Há prisões justas, há prisões injustas; há prisões melhores outras piores; há sistemas prisionais e há métodos prisionais; há sistemas preventivos, prisões domiciliárias, prisões fixas, há tudo isto e muito mais, mas há também uma outra espécie de prisão no reino do mundo prisional: essa espécie dá pelo nome de autoprisão.

Diz-se que é da classe dos animais laborais, da família das trepadeiras, da ordem dos gasterópodes, como o caracol e a lesma. Alimenta-se de bilhetes e passes sociais. Cresce em ambientes fechados e tarifários, habita em carreiras e itinerários, zonas sinuosas, trânsito intenso num habitat de stress e semáforos.

ARITMÉTICA DE MISÉRIA

O autor da nossa história chama-se Augusto José, mas podia chamar-se Manuel, João ou ainda António, pois também há Manuéis, Joões ou Antónios que se podiam chamar Augustos José.

O homem é motorista de um autocarro e porque tem uma aritmética salarial de miséria que se traduz em 270 horas mensais vezes 186 escudos e uns tantos centavos, o que dá 50 250\$00, tem de viver na penitenciária da exploração e da alienação e porque prescindiu de apanhar sol no átrio da prisão e passar os fins de semana em liberdade condicional, tem a pena agravada em mais cinco horas por dia útil e mais nove por folga semanal. Pena agravada mas caucionada.

AS FÉRIAS

E deste modo, cadastrado mas caucionado, o Augusto José lá vai rodando, pálido de tanta sombra, comprando sapatos número 32 para o filho, quando este já nem o 33 lhe serve e fazendo amor com a mulher pela Páscoa, pelo Natal e no feriado municipal.

E quando as férias chegam, instalam-se de um modo compulsivo e o Augusto José goza as férias do seu descontentamento.

Ele começa então a querer ser pai, educa o filho três vezes ao dia, especialmente antes das refeições.

Começa também a ser mais marido e todos os dias são feriados municipais, independentemente do calendário da mulher.

Para além de beber minis e preencher boletins desdobrados de totoloto sem se enganar, olhar para as mãos é o seu passatempo preferido.

Os calos do volante nas mãos devolvem-lhe a sensação de utilidade e o suor deixa de lhe escorrer nas veias.

Mas as férias são uma desgraça: começa finalmente a compreender a telenovela; gasta mais pilhas de rádio, consequência do binómio António Sala mais relatos de futebol; já não apanha "a bola" e os jornais diários no chão do autocarro quando, no fim do percurso, os procura feito um garimpeiro e acima de tudo falta-lhe aquela sensação de transitum tremens bem regada de odores de humanidade e gásóleo. Lá em casa a pituitária está ao serviço do cheiro a fritos e da lixívia, aí o homem desatina e corre a olhar para as mãos antes que comece a partir bibelots e a rasgar napperons.

O ENGARRAFAMENTO

Mas as férias quando acabam é como o regresso de Cristo do deserto.

Agora é que tudo volta ao seu sítio: passa a ser pai e marido em part-time, já não gasta dinheiro em pilhas e jornais e volta a aguçar a pituitária.

De tempos a tempos e ao virar da esquina, subitamente, eis o engarrafamento. Estes fenómenos podem surgir quando menos se espera, mas o nosso motorista já arranhou solução para o tormento do pára arranca, o carro a aquecer e um coro de descontentes a mais que uma voz.

AUTO PRISÃO

JOSÉ GERALDES

ILUSTRAÇÃO DE JORGE SILVA



Ele destila o stress, as costas suadas, as dores nos olhos, tudo isto bem misturado no alambique da sua autoprisão, apurando um produto destilado chamado remuneração extraordinária, com um alto grau de cifrões etílicos e envelhecido precocemente em casco de carvalho, na adega do seu quotidiano prisional.

Bebe-o às escondidas da mesma maneira que mija, no rodado traseiro entre um percurso de ida e volta.

Mas afinal falar de prisão implica, na dialéctica mais tosca, falar de liberdade. Se alguns estão presos outros não estão e como se traduz na prática esta evidência de La Palisse: o Gestor da camionagem, quando o sol lhe dá com força, projecta no alcatrão da estrada, a sombra de um carcereiro, com um molho de chaves a servir de marca no Manual de "Gestão de Reclusos Humanos".

E como vive este Gestor: obviamente, por defi-

nição, em liberdade. Pratica isenção de horário de trabalho (e isenção de trabalho!). Tem muita qualidade de vida: cartão unibanco, compact disc, consome cultura por fascículos, vê televisão por uma parabólica e vê as horas num Cartier. A única chaticice que este Gestor-Carceiro tem é ter de zelar pela produtividade da sua empresa prisional, praticando a tal aritmética de miséria, jogando na caução, impondo cadências, transformando o motorista num autoprisoneiro.

JOÃO MARTINS PEREIRA

OS NÚMEROS DA JUSTIÇA

PERCORRE-SE AS ESTATÍSTICAS DA JUSTIÇA, E DO emaranhado de números, muitos deles encobertos por um código linguístico inacessível ao leigo, ressaltam algumas "curiosidades" e bem poucas evidências, dessas que dão matéria a reflexão. Respiço algumas.

Como "curiosidade", observo que o "crime" preferido dos portugueses é, de longe, a "emissão de cheques sem cobertura", e que isso é recente. Com efeito, o número de arguidos nessa área aumentou mais de 10 vezes entre 1978 e 1988: de apenas 5% do total dos arguidos em processo crime, em 1978, passou-se a 32% em 1988. A fúria do "dinheiro fácil" tão típica dos tempos cavaquistas é-nos trazida por esta caricata expressão de impaciência de uma pequena burguesia que não se conforma em ver que só os "grandes" (que não precisam de usar meios tão primários) podem comprar andares nas Amoreiras ou passar férias nas Bahamas.

Outra curiosidade, nem sequer surpreendente: o "crime" é um campo de acção predominantemente masculino. Já a nível de menores, 83% dos julgados em 1988 foram rapazes. Depois, 86% dos condenados em processo-crime foram homens, tal

como o são 95% do total dos presos. Até no que se refere às vítimas de crimes 74% são homens: percentagem apesar de tudo menor, já que, como é sabido, muitas das vítimas de crimes masculinos são as mulheres. Mais do que as diferenças entre o "eterno masculino" e o "eterno feminino", estes números apenas traduzem o funcionamento de uma sociedade em que o poder é exercido pelos homens.

Quanto a evidências, a primeira e talvez mais chocante é a de uma população prisional em que 1/3 dos presos são, à face da lei, "presumíveis inocentes". De facto, 32% dos presos em fins de 1988 estavam em regime "preventivo", e tal percentagem sobe nalguns anos acima dos 40%: 42% em 83, 45% em 86. Aliás, de entre os quatro motivos de "saída da prisão" (absolvição, liberdade provisória, liberdade condicional e fim de pena), a absolvição tem sido em quase todos os anos o mais elevado, aliás sempre superior ao "fim da pena". Estes absolvidos (mais de 2000 todos os anos) são aqueles que depois de ter passado um, dois ou mais anos na prisão, passam de "presumivelmente" a "efectivamente" inocentes. Como o número de presos preventivos existentes é da mesma ordem,

isso leva a admitir (sem que as estatísticas o explicitem...) que uma larga maioria dos preventivos vem a ser considerada inocente. As prisões portuguesas, cujos responsáveis tanto se lamentam da sobrelotação, parecem, pois, dedicar-se em boa parte a... reconhecer inocentes (isto sem falar dos "mal julgados", e se conhecemos casos!).

Com isto de algum modo se relaciona a última observação, relativa aos "assuntos" dominantes dos processos enviados ao Provedor da Justiça. Segundo as estatísticas, 34% (mais de 1/3!) dizem respeito a assuntos de "trabalho", 11% (em 2.ª posição) a assuntos de "administração da justiça". São, pois, estas as áreas em que os cidadãos se sentem mais desprotegidos. Não surpreende também. As relações de trabalho são pasto de arbitrariedades, prepotências, injustiças, mesmo violência, à margem da lei ou, tantas vezes, não "cobertas" por qualquer lei, restando aos trabalhadores o recurso directo a uma magistratura que se sabe bem como é mal vista pelo poder. E quanto à "administração da justiça", por esta via nos chega algo que as estatísticas não registam: o mundo labiríntico, burocrático e kafkiano em que o cidadão dificilmente reconhece a noção mais elementar de "justiça".

continuação da página anterior

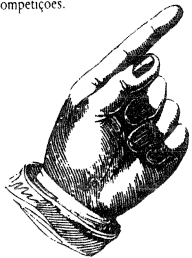
por actos racistas contra a comunidade cigana; acções contra o apartheid e o boicote à Shell, principal companhia holandesa estabelecida na África do Sul; a campanha contra a hipocrisia das comemorações dos "descobrimentos" e daqueles que apregoam o "entcontro de culturas" quando o que aconteceu foi sobretudo uma imposição cultural dos colonizadores; a divulgação da identidade cultural das várias comunidades de emigrantes e associações de autodefesa directa, são apenas alguns exemplos das muitas formas utilizadas neste combate urgente que é o do anti-racismo.

PGA

PEDAGOGIA DE MARÇO

DE UM ANO PARA O OUTRO, EM NOME do futuro, do bem senso e do inelutável, todos encolhem patas e ombros.

A PGA foi prova de força do poder em 89, é vago objecto de contestação em 90. Manobra de diversão em relação aos verdadeiros problemas do ensino, da selecção, do insucesso, operação de fachada para europeu ver que o Governo se preocupa com o "nível do ensino" e a "justa selecção", tornou-se entre tanto uma fonte de rendimento apreciável (como é o todo o "insucesso escolar") para alguns sectores da população (edições, cursos *ad-hoc*, explicações, correcções das provas, recursos...) e, se prejudica uns, nas complicadas contabilidades das entradas, beneficia outros, mais afeitos aos truques dos sucessos na vida e das competições.



Aqui há uns anos, quando ainda havia ditadura e os exames eram bem nacionais, alguém chamou "Pedagogia de Julho" aquele sazonal e súbito interesse que a Comunicação social demonstrava pelo ensino quando chegava a época de exames. Os diários publicavam todos os enunciados de todas as provas de todas as disciplinas de todos os graus e as respectivas respostas encomendadas aos colaboradores de casa. As tiragens subiam. A imprensa mais afoita fazia comentários críticos sobre o teor das provas.

Parece-me que voltámos a esses tempos, agora em Março: a mesma prova do Minho ao Algarve, para

"uniformizar", "ajustar", "avaliar", "moralizar"; os professores convocados por "ordem de serviço" e devidamente informados de regulamentos sobre prevenções e castigos de fraudes; a preocupação generalizada com os efeitos, sem tocar nas causas; o fabrico dos resultados de modo a não serem em cheque o sistema (note-se que a PGA criada porque não havia "nível" afinal atribui mais de 50% de conhecimentos culturais e linguísticos aos candidatos).

As diferenças maiores: a PSP e a GNR (como nos restantes exames, aliás) a colaborarem no "processo", distribuindo pela madrugada os envelopes lacrados pelas escolas, num enorme esforço de "segurança"; a interrupção das normais actividades escolares numa grande operação de mobilização geral; as cotações atribuídas por sistema de "desconto" e "bonus"; ausência de programa; resultados positivos que não garantem a entrada nos cursos superiores.

Mas, ao contrário dos antigos exames (obrigatórios para quase todos) a PGA (obrigatória para todos os que queiram "ascender"), tem rosto humano: é uma prova sem dor, que a sorte governa, e sem noitadas. Resolve-se no terreno do lugar comum e da conciliação de interesses, nesse mavioso campo da Cultura dos consensos cuja baliza passa o dos fins do século XIX para os anos seguintes (Fernando Pessoa, José Régio) e em que o século XXI aparece como uma meta longínqua... Falando pelos cotovéis de subjectividade (no bom sentido) e de criatividade, a PGA deve ser uma das maiores reprodutoras de lugares comuns.

Quem não é contra o analfabetismo? Quem é contra a leitura? Quem não teme os audiovisuais e não gosta deles ao mesmo tempo? Quem é contra a Cultura? Quem é contra os grandes autores?

Quem for contra não o diz. Pelo menos, na PGA. E se, só na prática o for, é coisa que não se vê, se não se fizer muitos erros de português...

Enquanto corre tinta na PGA e sobre a PGA, não corre tinta no resto nem sobre o resto. E, agora, com uma ponderação na classificação que desceu para 20%, a PGA é mesmo a inocência em pessoa.

e.d.

CULTURA

EXASPERAR OS IMBECIS

DECIDIDAMENTE, O "PÚBLICO" TEM sido bem pouco feliz com algumas primeiras páginas. Embora o caso mais grave possa ter sido o de não trazer à primeira página, contrariamente a todos os grandes jornais europeus, a execução, na véspera, de um jornalista no Iraque (o tipo de coisas a que, aliás, os jornalistas, com toda a razão, costumam ser particularmente sensíveis), o

mais bizarro foi de certeza o ter dado honras de primeira página, no seu n.º 4, a um texto que nada recomendaria para o efeito.

De facto, a pretexto, muito coxo, do Dia Internacional da Mulher, a "jornalista cultural" Tereza Coelho deu largas a um bilioso analfabetismo cultural a propósito das "Cartas" de Simone de Beauvoir a Sartre, recém-publicadas em Paris. Calcule-se que duas das mais importantes figuras da filosofia e da literatura deste século — coisa que a autora parece ignorar — são corridas a expressões como "lorpa", "pobre homem", "alarve", etc. T.C. dá-se mesmo ao luxo, do alto da sua imensa lucidez política, de referir o "atabalhoamento político" de Sartre. Depois das violentas diatribes dos porta-vozes do PC francês, pelos anos 60, poucos e tão minúsculos seres terão ousado ir tão longe. E até talvez tenham, mas para isso há os pasquins adequados. Julgávamos que o "Público" aspirava a mais. Pois parece que não: puxa isso à 1.ª página, para além de lhe conceder página inteira para dizer os seus dislates na secção de "Cultura"!



Curiosamente, dias depois, a mesma "jornalista" virá a referir-se a Simone em termos mais comedidos, ao comentar a saída do primeiro romance de Julia Kristeva, que diz "não ter o mesmo talento de romancista". Deve ter levado uns apertões, imagino, para tão rapidamente "corrigir o tiro"... Note-se, entretanto, como o "Público" insiste em considerar a publicação de livros em Paris como assunto palpitante para os seus leitores do "corpo noticioso" do jornal, os quais, sempre pela pena de T.C., tem todos na conta de grandes intelectuais: "Sem saber os códigos, este livro [de Kristeva] não tem graça nenhuma. Sabendo os códigos, o que aliás é fácil (...)" Está tudo dito quanto a palermice e novoriquismo cultural...

Enfim, ocorre-me transcrever o que do livro da Beauvoir diz a cronista do "Monde": "Quatro anos após a sua morte, esta mulher [Simone] vai de novo exasperar os imbecis".

j.-m.-p.

GLASNOST

DOIS LIVROS

NOS ANÚNCIOS E TAMBÉM NA LITERATURA avulsa, a "perestroika" está na berra. Ele são romances, ele são reportagem, ele é o repetível Carlos Fino, ele são colóquios... E dois livros, que foram publicados há bem pouco.

Um, com direito a anúncios de página e meia página, apresentação de Vítor Constância e honras de Livraria Barata, é uma espécie de autobiografia

de Yeltain, lançado simultaneamente em 40 países segundo rezam os anúncios: "Desafio à perestroika", é uma edição da Difusão Cultural e está destinado a ter um sucesso fugaz mas intenso. E é merecido: o livro é actual, mas vale pouco — nele só cabe a figura do autor, entre uma biografia não assumida e um panfleto não acabado, está todo o Yeltsin, com as suas contradições, grandiloquências, hesitações, fotos de família, no instantâneo de uma época e de uma ambição política.

Outro livro, este mais surpreendente e menos conhecido, é o que foi publicado pela editora do PCP, a "Avante!", e que reúne diversos contributos, nomeadamente de críticos de esquerda da perestroika. O título da colectânea é "Perestroika, não há alternativa" e salientam-se os textos da Tatiana Zaslavkaia, numa curiosa e informada análise sociológica da burocracia soviética, de Yuri Afanasiev, sobre a recuperação da memória histórica, e ainda de Lemechev, acerca da evolução da relação entre o homem e a sociedade com a natureza.

Ambos ficarão rapidamente ultrapassados pelo tempo que corre; mesmo assim, são fotografias da evolução da URSS e do que lá se diz e pensa.

Vai-se dizer e pensar, e talvez mesmo fazer, muito mais, fiquemos certos.

f.l.

PRESTES

O CAVALEIRO DA ESPERANÇA

POUCO SE FALOU DELE, JÁ NÃO CONTAVA muito na política brasileira, já ninguém lê esses livros antigos da fase ultra-estalinista de Jorge Amado — nem ele próprio. Mas morreu o Luís Carlos Prestes, que foi durante muitos anos secretário-geral do Partido Comunista Brasileiro, para se afastar depois de regressado do exílio e oscilar a partir de então entre os apoios a Brizola e a Lula.

Figura mitológica, era sem dúvida menos do que um mito. Promotor do "tenentismo" — um golpismo revirado durante a década de trinta animou as esperanças da esquerda brasileira — Prestes tornou-se conhecido pela longa marcha que conduziu à frente da sua coluna armada, momento idealizado quando foi chamado "o cavaleiro da esperança". Entrou directamente para a direcção do PCB sem ter sido seu militante; em Moscovo, foi entronizado seu secretário-geral. Regressado ao Brasil, é preso depois de uma aventura sem consequências e que, inserida na política das grandes manobras de Estaline, procurava exportar o "modelo chinês" em todo o mundo, com resultados catastróficos.

E o Partido Comunista, que tinha meio milhão de votos na década de 40 e elegeu 46 deputados, foi-se depois transformando e perdendo influência,

até conduzir a sua política de colaboração de classes ao apoio à "Nova República" de Sarney, contra o PT e o ascenso da luta dos trabalhadores brasileiros. Prestes representou toda a tragédia do começo deste percurso, e é inseparável da história brasileira deste século.

Quase tudo se podia resumir em dois episódios. O primeiro é o mais conhecido: preso durante anos pela ditadura populista de Getúlio Vargas, Prestes é depois libertado e, frente-popular a quanto obrigas, vai apoiar a campanha do ditador para a presidência. Momentos antes do grande comício do PCB em que iria explicar esse apoio, em Ibirapuera, Prestes tem a confirmação do que já se sabia: a sua mulher, alemã de origem, tinha sido entregue por Vargas aos nazis e morrera num campo de concentração. Mas Prestes sobe à tribuna para fazer o seu discurso.

E, quarenta anos depois, num Congresso da oposição metalúrgica de São Paulo — os metalúrgicos que durante toda a ditadura se opuseram ao Joaquinão, interventor nomeado pelos militares para ocupar o seu sindicato e que, depois do fim da ditadura, passou a ser apoiado pelo PC e pelos pro-albaneses — lá estava um velho de mais de oitenta anos, que sobe à tribuna e, antes de falar, despe a camisola para enfiar uma outra com a inscrição dos congressistas, saudando-os e apoiando a sua campanha como um militante que era. Luís Carlos Prestes soube ainda participar em alguns grandes combates, e essa qualidade deve ser lembrada.

POLÍTICA

ANIMAR A MALTA

DE UMA PENADA, UM DESSES CONSELHOS de Ministros rotineiros, que já ninguém ouve distribuiu as benesses que se seguem ao Povo Português: aos frequentadores de cinema, bilhetes mais baratos (abolindo a taxa adicional de 10%); aos pais e mães de Portugal, a categoria de parceiros sociais; às instituições privadas que actuam na área da Ciência e da Tecnologia, assento no Conselho Superior de Ciência e Tecnologia; aos ex, actuais e futuros universitários, a Comemoração do VII Centenário da Universidade Portuguesa.

Nessa mesma reunião, o Governo congratulou-se ainda pela luz verde que o Tribunal Constitucional deu à Lei das Privatizações.

Abolir a taxa dos bilhetes significa que a produção cinematográfica portu-



guesa fica dependente do Orçamento Geral do Estado que, como se sabe, não é pródigo no que respeita à Cultura... Tornar as Associações de Pais "parceiro social" significa dar mais voz àquela senhora que conhecemos dos debates televisivos e calar as outras... Abrir o Conselho Superior de Ciência e Tecnologia a entidades privadas significa o que se calcula... Comemorar mais um centenário (ainda por cima com personalidades nomeadas pelo Sr. Ministro) é pelo menos sujeitar-nos a mais um rio de discursos que conhecemos bem...

O título que o "Público" escolhe para titular a notícia deste Conselho de Ministros é: "Cinema vai ser mais barato".

Felizmente, no mesmo dia, um vespertino explicava que, obviamente, o preço dos bilhetes ia ficar na mesma: as distribuidoras, inquiridas, tinham-se apressado a explicar que a abolição do imposto só vinha "minimizar os prejuízos das empresas". Como seria de esperar...

Benesses de curta duração...

e.d.

TEATRO

À PORTUGUESA

SEMPRE SE OUVIU DIZER QUE O TEATRO em Portugal vivia cheio de problemas. Com a entrada de Santana Lopes, não parecem ter diminuído. Nesta conjuntura, o Sindicato dos Trabalhadores de Espectáculos entendem comemorar o Dia Mundial do Teatro da forma de que a seguir se dá conta:

À RODA DA MESA, BEM À PORTUGUESA.

Vamos comemorar este ano o DIA MUNDIAL DO TEATRO com almoçarada, tal como no ano passado, no Restaurante (índica-se a morada).

Queremos que seja um momento de confraternização, tão raro entre nós, e que sirva para trocar ideias sobre o próximo Seminário Internacional sobre a Condição do Artista, que vamos realizar em Maio, com o apoio da Unesco e a colaboração da FIA.

É tempo de, à boa maneira que é a nossa de ser portugueses, nos sentarmos à mesa, com uns comes e uns bebes, para convivemos, confraternizarmos, porque para além de tudo o que às vezes nos separa, a verdade é que temos um interesse que é comum — O TEATRO —.

Por favor, paga no acto de entrega do bilhete (2.000\$00). No local já não haverá mais nada a pagar.

NÓS ACREDITAMOS QUE TODOS IREMOS PORQUE TODOS TEMOS QUE LUTAR POR UM FUTURO QUE JÁ NÃO ESPERA MUITO

Sindicalismo bem à Portuguesa? BILHETES À VENDA NO SINDICATO DOS TRABALHADORES DE ESPECTÁCULOS

COMBATE

NA ESTRADA

COLÓQUIOS EM "COMBATE". DE novo na estrada: desta vez, foi sobre os países de Leste (edição de Janeiro), e no Porto, Amarante, Braga e Aveiro, com muitas e variadas pessoas e opiniões - Mário Brochado Coelho e Francisco Louçã (Porto), Arsélio Martins e Celso Cruzeiro (Aveiro), sempre com a presença interessada e muitas vezes participante de diversas correntes (MDP, UDP, militantes do PCP, o presidente da Câmara de Amarante, o eleito da CDU na Assembleia Municipal dessa terra, muitos independentes, jornalistas,...). Tal como foi a nossa preocupação na edição do dossier sobre o Leste, discutiram-se as vozes e as alternativas das correntes de esquerda, políticas ou sindicais, autogestionárias ou alternativas, que vão surgindo e constituindo no Leste a razão crítica e o espaço de mobilização contra os regimes de partido único e contra a perspectiva de normalização capitalista.

Esse vai ser o tema de um debate em Coimbra, no dia 5 de Abril às 21.30 no Auditório Paulo Quintela, com a presença de Orlando Carvalho, Avelãs Nunes e Francisco Louçã. E, sobre o nosso tema dos Descobrimentos, uma iniciativa está a ser preparada para Lisboa.

TELEVISÃO

CLARO COMO A ÁGUA

NO MOMENTO EM QUE ESCREVO (E não creio que o que se tiver passado entretanto o possa desmentir) parece claro que o conflito entre o Governo e a Igreja a propósito da televisão é um conflito entre os interesses políticos (político-eleitorais) do Governo e os interesses económicos da Igreja.

Por um lado, o Governo não quer perder o controlo sobre os dois canais públicos, que lhe são preciosos no período que se avizinha, até às legislativas de 1991. Basta ver que Cavaco nunca perfilhou a solução que parecia mais adequada aos compromissos que evoca e às disposições constitu-

nais: um tempo de antena num dos canais públicos. Primeiro quis empurrar o espaço-púlpito para um dos canais privados, agora propõe-se criar um 3.º canal público e oferecê-lo por inteiro, o que até teria a vantagem de só deixar espaço para um canal privado (e, obcecado com a TSF, o Cavaco tem um pavor histórico dos privados, ele tão liberal...).

Quanto à Igreja, é patente que apenas lhe interessa um espaço comercial, no período de maior audiência. Ou seja, no mínimo investimento com a maior rentabilidade: nas horas-mortas, a publicidade não paga as despesas... O que a Igreja pretende não é, pois, um espaço "pastoral" - é isso obviamente aquilo a que a Constituição lhe dá direito, como às outras confissões -, mas uma Renascença televisiva, com a pouca elevação espiritual que se conhece e o Sala a encher-lhe os cofres



Curiosamente, um padre jugoslavo que cá veio a convite da Igreja disse há dias na TV algo que tem que ver com esta fúria comercial da hierarquia católica. Explicou: "Temo que a influência da Igreja nos Países de Leste venha a decrescer. Até aqui, ela era, nesses países, o único espaço de discussão, de liberdade. Hoje, a liberdade e a discussão estão por todo o lado, as pessoas não precisarão tanto de se aproximar da Igreja". Acrescento eu: mas se a Igreja tem estado ao lado do poder, a sua perda de influência ainda seria maior. Parece, pois, que nos dias de hoje, a Igreja só tem uma posição forte em países com regimes totalitários: ao seu lado, se são de direita (caso português), na oposição, se são de sinal contrário (caso dos Países de Leste). Passada a borrasca, ninguém mais lhe liga, pois, em qualquer dos casos, a sua influência não foi de ordem pastoral (a Polónia é apenas uma excepção). Resta, então, à Igreja virar-se para os negócios, área em que, de resto, sempre se mexeu muito bem. Talvez até seja por isso que o rebanho se lhe tremalhou. É ao que estamos assistindo neste embrolhado caso da TV portuguesa, que por certo também não lhe irá fazer aumentar o rebanho...

J.m.p.

USL
POUCAS NOVIDADES

O CONGRESSO DA USL DO FIM DE Março iniciou as grandes reuniões sindicais da CGTP deste ano e é o primeiro após os acontecimentos do Leste Europeu. Mas a ver pelas teses aprovadas, onde apenas a "luta pela semana das 40 horas" ressalta como eixo mobilizador, as alterações são poucas e muito limitadas, ficando aquém do que a direcção da Central já tinha dado como adquirido.

Novidades só três:

1.º - a afirmação da necessidade de "prolongar a experiência da coligação POR LISBOA".

2.º - a constatação dos "erros nos países socialistas".

3.º - a entrada de mais independentes, socialistas e de outras correntes à esquerda do PC para os órgãos dirigentes.

Quanto à primeira, naturalmente seria positiva, se a unidade de socialistas e comunistas fosse reclamada, por exemplo, para preparar um "L" de Maio CGTP/UGT contra o cavacismo". Mas o que foi aprovado é o "prolongamento dessa unidade nas eleições presidenciais", o que é um apoio, se bem que velado, a Mário Soares.

Com menos pudor, já antes o dirigente Manuel Lopes o afirmara expressamente. A USL e a CGTP atrelam assim o movimento sindical que dirigem a uma candidatura de santa-aliança PS/PSD, não explorando, inclusive no seu interior, o surgimento de uma alternativa independente, não institucional e combativa.

Quanto à segunda, a USL fala dos "conhecidos erros" do movimento sindical e do socialismo no leste, sem nunca os enunciar. Serão as ligações institucionais de correia de transmissão Estado-partido-sindicatos que são condenáveis e portanto a necessidade, cá e lá da independência do movimento?

Serão a falta de democracia, a ausência de revogabilidade dos dirigentes, origem da corrupção e da burocracia que lá se verificaram e que cá ameaçam o movimento sindical?

A terceira novidade é a entrada de mais sindicalistas não-PC para a direcção da USL. É praticamente inevitável encontrar novos dirigentes não comprometidos com o apoio ao "socialismo real" e é positivo que outras correntes, até aqui afastadas, participem nas estruturas intermédias e nos outros níveis da CGTP.

Contudo, a democraticidade aumenta se os congressos forem preparados em textos alternativos que circulem juntamente com os "oficiais", sem esta caricatura ainda usada das "alterações discutidas previamente com as direcções respectivas e que consensualmente sejam integradas no texto proposto" (dos Estatutos). E então serão esses vários proponentes com um peso

proporcional às votações que conseguem para os seus textos e posições que terão assento nas estruturas de direcção.

alfredo frade

C.M.L.

SAMPAIO A TODO O GÁS PERDE SARAMAGO

APOIADO NUMA ESCASSA MAIORIA de vereadores do PS e do PC e numa ampla maioria da Assembleia Municipal, Jorge Sampaio iniciou o seu mandato de 4 anos à frente da CML.

Com algumas decisões polémicas (as empreitadas sem concurso até 100 mil contos) e outras de evidente e positivo impacto social (campanha contra a toxico-dependência) o também secretário geral do PS tem na forja uma "montanha" de propostas e projectos (plano director da cidade, trânsito, etc.). Inegavelmente conseguiu pôr uma equipa a trabalhar substituindo o poder e o estilo autoritários e pessoais de Abecassis. Mas trabalhar em equipa não chega. Nomeadamente na questão das empreitadas sem concurso (e neste aspecto a A.M. pode definir os montantes), parece-me pobre o argumento do presidente sobre a necessidade de "eficácia e celeridade", exactamente o mesmo de todas as gestões e curiosamente o de Abecassis há 4 anos quando pediu metade.

O PC, que ameaçou não votar a proposta na Assembleia Municipal, cedeu por troca com uma "comissão permanente para acompanhamento de toda essa informação" mas, como é de lei, sem qualquer poder decisório. A direita fez demagogia, muito facilitada, diga-se de passagem, lembrando que "quem recusa os 50 mil a Abecassis não pode agora pedir o dobro".



Sem constituir um assunto em que tenha de haver qualquer questão de princípio, a não ser a transparência, parece-me mais pedagógico, coerente e controlável uma posição faseada nos montantes a autorizar, proporcionais à inflação prevista (55 mil no 1.º ano, 62 mil no segundo, etc.) com uma informação atempada à A.M. dos projectos em agenda.

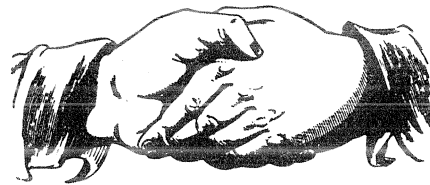
Não existindo tal alternativa nada obrigava os vereadores e os deputados municipais a qualquer comprometimento com a proposta do PS. A abstenção pareceu-me aqui o melhor caminho.

Como uma bomba caiu entretanto na AM a renúncia de José Saramago. Na carta que dirigiu aos deputados municipais esclarece pouco mas o suficiente para se perceber uma certa discordância com a direcção do PC.

Utilizando uma fórmula literária

evidenciando "a contradição entre o que é e o que parece" para invocar "quebra de confiança política". Saramago não consegue esconder um certo desentendimento sobre a própria dinâmica do PC na A. Municipal. Expresei na altura a estranheza pela renúncia, lamentando a perda dessa voz diferente por Lisboa.

Alfredo Frade
representante
do PSR na
A. Municipal



VITAMINAS, PRECISAM-SE!

AS NOTÍCIAS SÃO ANIMADORAS O "COMBATE" TEM CRESCIDO. Os últimos dados recolhidos apontam para um aumento das vendas na ordem dos 37%, em apenas 4 números (do n.º 123/Out. 89 ao n.º 126/Jan. 90). Acompanhando este aumento, o "Combate" tem vindo a desenvolver um esforço no sentido de aumentar a difusão do jornal e de melhorar os contactos com os seus assinantes, esforço esse de que esperamos novos resultados a curto prazo. Mas nem só de vendas cresce o "Combate". A partir deste ano de 1990 damos início à publicação de 2 números especiais do "Combate", maiores, mais diversificados, e a cores. O primeiro será já em Julho e debruçar-se-á sobre o tema "Memória".

Outro dos nossos objectivos é a renovação e a melhoria do nosso aparelho gráfico, com vista a evitar contratempos técnicos responsáveis por alguns atrasos na saída do jornal.

Portanto, como se vê, o "Combate" recomenda-se e vai bem de saúde, muito obrigado!

Em fase de crescimento, o "Combate" precisa então de grandes doses vitamínicas. E as nossas vitaminas são ainda mais vendidas e, sobretudo, mais assinantes.

Em Outubro de 1989 iniciámos uma campanha de assinaturas, que durou 3 meses, sob o lema "Combate pelo dobro". Os resultados foram animadores (um aumento que ronda os 33%), embora ainda longe dos objectivos fixados.

Erros de previsão? Irrealismo? Cremos que não. Conseguir atingir esses objectivos depende exclusivamente de nós, dos que escrevem no "Combate" e dos que com ele se identificam. Se cada um de nós trouxer um amigo também, a aposta será ganha.

Vitaminas, precisam-se!

N Ñ O D E I X E S
P A R A A M A N H Ñ
O C O M B A T E
D E H O J E

DESEJO FAZER A ASSINATURA DO COMBATE por 1 ano por 2 anos

nome _____
morada _____
c. postal _____ tel. _____
profissão _____ idade _____

CONDIÇÕES DE ASSINATURA ANUAL
Portugal 1500\$00 Estado Espanhol 2000\$00
Europa 2500\$00 Outros países 3000\$00
CHEQUE OU VALE POSTAL PARA **Combate. Rua da Palma, 268, 1100 Lisboa**
PRÓXIMOS TEMAS NO COMBATE
Maio, EMPRESAS/Junho, DESPORTO/Julho, MEMÓRIA

EMPRESAS

PARA TODOS OS GOSTOS

JOÃO MARTINS PEREIRA

COOPERATIVAS

Foram as primeiras "concebidas" para serem não só uma alternativa às empresas privadas capitalistas, mas constituírem o embrião de um "sistema social" alternativo ao capitalismo. Em lugar da lógica do lucro, as cooperativas imaginadas por Robert Owen na primeira metade do século passado baseavam-se numa lógica de entreajuda, de auto-emprego e de autogestão. Cada cooperante um voto (e não o voto proporcional ao capital), produtos ou serviços vendidos ao preço de custo (eliminação do lucro), empresa gerida democraticamente pelos trabalhadores-cooperantes. Carentes de capital (e por isso mesmo com difícil acesso ao crédito) e avessas à agressividade concorrencial, as cooperativas foram facilmente asfixiadas por empresas privadas cada vez de maior dimensão, com enormes capacidades de produção, que assim conseguiam produzir mais barato, mesmo com lucro. O 25 de Abril viu-as multiplicarem-se por toda a parte, em todos os sectores, muitas vezes tomando à sua conta unidades abandonadas pelos patrões. Mas as poucas que restam, na produção industrial, já pouco se parecem com cooperativas. Subsistem apenas, e também quase sempre desviadas do "espírito fundador", nos sectores agrícola, do comércio e da habitação.

"GALINHAS"

Empresas-galinha são as que procuram tomar "sob a sua protecção" todos os aspectos da vida dos seus trabalhadores. Instalam-se num lugar (cidade, vila ou lugarejo quase sem nome), constroem bairros, clubes, escolas, lojas, cinemas, cantinas, os seus dirigentes (ou seus homens de confiança) tornam-se autarcas, presidentes do clube, donos do jornal, "beneméritos", etc. Milhares de pessoas fazem uma vida inteira sem saírem da "órbita" da empresa. Um dos casos internacionalmente mais conhecidos é o da Michelin (dos pneus), em Clermont-Ferrand. Entre nós, o exemplo mais típico, desenvolvido em outro local deste número, foi o da Metalúrgica Duarte Ferreira, no Tramagal. Há outros casos, nem sempre tão "exemplares": a CUF, no Barreiro, tentou sê-lo, mas esbarrou com uma forte resistência dos trabalhadores (dessa resistência nasceu, por exemplo, o Barreirense: o Desportivo da CUF era o clube dos "patrões"). Champalimaud aprendeu a lição e adoptou uma estratégia oposta: quando criou a Siderurgia, no Seixal, pagava os transportes aos trabalhadores, vindos dos mais variados e distantes locais, só para evitar a concentração operária "comunista" em torno da fábrica, coisa que tantos problemas dava no Barreiro. As empresas-galinha são, como se viu, tentaculares. Por isso há quem lhes chame "empresas-polvo".

FAMILIARES

Empresas que são propriedade de uma família, de geração em geração. Associa-se, em geral, a ideia de empresa familiar à de

"pequena empresa". Nada mais errado: alguns grandes potentados, como a Krupp, ou mesmo multinacionais, como a Ford ou a Siemens, mantiveram-se durante gerações nas mãos de uma família, por vezes até aos nossos dias. Em Portugal, a CUF, até ser nacionalizada, pertenceu sempre à mesma família: Alfredo da Silva (ver texto neste número), depois o genro, depois o neto, foram os sucessivos "patrões", com fartos cargos e acções distribuídos pelos outros membros do clan. Espírito Santo, Quintas, Amorim, Vaz Guedes, Moniz da Maia, Raposo de Magalhães, Beirão da Veiga, Coelho de Lima — são alguns dos exemplos, ao acaso, de famílias portuguesas "donas" de grandes empresas ou grupos empresariais entre nós. É claro que, quando se diz, tantas vezes, de tantos países, que são, ou foram, governados por 20 ou 30 famílias, não é de pequenas empresas familiares que se está a falar. Afirmam alguns que as empresas familiares tendem a degenerar a partir da terceira ou quarta geração, pois nem sempre os herdeiros estão "à altura" da herança. Há casos, mas está longe de ser a regra: os ineptos herdeiros têm dinheiro, e às vezes esperteza que chegue para pagar a gestores que lhes vão aguentando, ou mesmo melhorando, o barco. Foi, aliás, isso mesmo que sucedeu na CUF. Note-se, por fim, que as empresas-galinha são, quase sempre, empresas familiares (de novo, o exemplo da Duarte Ferreira, uma das que "degenerou").

"SOCIALISTAS" (OU "DE LESTE")

Hoje objecto de uma autêntica corrida ao ouro por parte das suas "irmãs" ocidentais. De pachorrentas repartições, parecidíssimas com os nossos Estabelecimentos Fabris do Exército, onde se ia, melhor ou pior, tentando "enganar o Plano", irão em breve parecer-se como duas gotas de água com as empresas europeias ou americanas que se preparam para as comprar por uma tuta e meia. Os salários serão aumentados, para que os trabalhadores se possam precipitar

para os produtos ocidentais, mas manter-se-ão suficientemente baixos para que os lucros sejam "compensadores". E assim toda a gente vai ficar contente, mas muitos bem menos do que talvez esperassem: os que ficarem, porque os ritmos não serão tão pachorrentos e a disciplina será por certo bem mais severa; os que saírem (e serão milhões) porque descobrirão algo que desconheciam — o desemprego. Mas seja tudo a bem da "casa comum", onde é bem possível que não venha a reinar a melhor das harmonias.

MISTAS

Empresas cuja propriedade está repartida entre o Estado e o capital privado. Casos relativamente raros por essa Europa, encontraram em Portugal o terreno ideal para florescerem. São o aí Jesus dos partidos políticos, em especial do que está no governo (o actual ou outro qualquer). Com efeito, permitem colocar como gestores mais umas centenas de amigos e quadros partidários que sobram depois de preenchidos todos os lugares de ministros, secretários de Estado, altos funcionários e gestores de empresas públicas. A tendência é para um notável aumento do número de empresas mistas, dada a manifesta preferência de Cavaco pelas privatizações a 49% (ou menos), o que transforma em mixtas as empresas públicas.

MULTINACIONAIS

Era assim que se lhes chamava há uns anos. Hoje diz-se "transnacionais", mas vem a dar ao mesmo. São elas que, de facto, gerem, à escala mundial, a divisão internacional do trabalho, para não falar da divisão internacional do poder. São particularmente activas, no plano político, em países onde exploram matérias-primas: por muito poderosas que sejam, não conseguem levar consigo as minas ou as jazidas para outro lado (Allende soube disso!). Nos outros, estão enquanto lhes fazem as vontades e os custos são baixos. De contrário, raspam-se (nós sabemos disso). Extraem minério ou petróleo num lado, investigam noutro, têm a sede noutro (um "paraíso fiscal", por exem-

plo), projectam noutro ainda, transformam em muitos outros, e vendem em toda a parte. Grande parte do que consumimos tem a sua marca: Ford ou GM, Philips ou Siemens, Lever ou Colgate, Coca ou Pepsi, Shell ou Mobil, ICI ou Hoechst, Sony ou Hitachi, etc., etc. Hoje, parece que acham óptimo Portugal para investir. Os governantes rastejam e abrem largamente os cordões à bolsa para "trazer para cá" empresas que têm volumes de vendas superiores ao Produto Nacional português.

PRIVADAS

São quase todas. O que é lógico, pois estamos num sistema de livre mercado, livre concorrência, etc., que, dizem alguns oráculos, é o sistema "final" da História (o que cheira a uma espécie de "solução final", parentesco pouco animador). Segundo eles, quanto maior a ganância pelo lucro dos empresários privados, tanto mais riqueza, mais abundância, mais progresso tecnológico desabarà e se distribuirá pelos mal-afortunados povos deste mundo. É a famosa teoria dos "vícios privados, virtudes públicas". Entre as empresas privadas, há de tudo: pequenas, médias e grandes, familiares ou "anónimas" (coincidem, muitas vezes), nacionais, estrangeiras ou multinacionais, galinhas ou não. Por mais que o Cavaco fale do "capitalismo popular", o comum dos mortais nunca terá empresa nenhuma, nem quer, mas trabalha numa, ganha pouco e está farto dela. Não tem grandes vícios (privados), por isso mesmo pouca virtude (pública) se lhe atribui. É que hoje só contam os "vencedores", os "fazedores de dinheiro". Os outros que façam os produtos.

PÚBLICAS

São criações do poder político, de raiz ou por nacionalização. Criações não apenas, contrariamente à lenda que corre, de poderes políticos de esquerda: de Mussolini a De Gaulle, passando por Franco e Salazar, todos eles estiveram na origem de vastos sectores públicos empresariais, e os conservadores britânicos (até chegar a sra. Thatcher) praticamente não beliscaram as empresas nacionalizadas pelos trabalhistas depois da guerra. Isto porque o que caracteriza as empresas públicas, em definitivo, é justamente servirem *objectivos políticos*. E esses, tanto podem ser o de controlar o poder económico como, pelo contrário, apoiar ou relançar um capitalismo atrofiado ou em crise: por exemplo, fornecendo às empresas energia subsidiada ou subsidiando os custos de transporte dos seus trabalhadores. Pode, em certos casos, haver objectivos políticos mais primários: a colocação de clientelas partidárias vorazes, que ainda por cima ajudam a afundar as empresas públicas, confirmando que só os "privados" sabem gerir empresas. É o caso português, como acima se viu (ver empresas mixtas). Em resumo, contrariamente às empresas privadas, as públicas só podem ser analisadas, na sua função e nos seus resultados, por critérios *políticos*.

66